

FALARES EMIGRESES



Biblioteca Breve

SÉRIE LÍNGUA PORTUGUESA

ISBN 972 - 566 - 137 - 0

DIRECTOR DA PUBLICAÇÃO
ANTÓNIO QUADROS

EDUARDO MAYONE DIAS

FALARES EMIGRESES

UMA ABORDAGEM AO
SEU ESTUDO



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

Título
Falares Emigreses

Biblioteca Breve / Volume 113

1.^a edição — 1989

Instituto de Cultura e Língua Portuguesa
Ministério da Educação e Cultura

© *Instituto de Cultura e Língua Portuguesa*
Divisão de Publicações
Praça do Príncipe Real, 14-1.º, 1200 Lisboa
Direitos de tradução, reprodução e adaptação,
reservados para todos os países

Tiragem
4 000 exemplares

Coordenação geral
Beja Madeira

Orientação gráfica
Luís Correia

Distribuição comercial
Livraria Bertrand, SARL
Apartado 37, Amadora — Portugal

Composição e impressão
Gráfica Maiadouro
Rua Padre Luís Campos, 686 — 4470 MAIA
Novembro 1989

Depósito legal n.º 33 090/89

ISSN 0871 - 5211

ÍNDICE

NOTA PRÉVIA.....	6
A diáspora portuguesa: uma visão geral	9
As principais variantes emigresas.....	43
O emigrês: características gerais.....	61
Processos de formação.....	78
Conclusão.....	95
Subsídios para um glossário de emigresismos.....	100
Notas	130
Bibliografia.....	143

NOTA PRÉVIA

O termo «abordagem», com toda a intencionalidade escolhido para o título deste trabalho, pretende reflectir o carácter de obra introdutória que ele terá necessariamente de assumir. De facto, pelo que foi possível saber, não se publicou ainda nenhum estudo que se proponha analisar de forma comparativa os vários falares emigreses ¹. Tendo em vista o relevo numérico do sector da nossa população que optou pela vida num país estrangeiro, torna-se conflagradora a escassez de dados informativos sobre as diferentes facetas da diáspora lusa. A sua forma de expressão ante novas contingências ambientais é apenas uma delas. A amplitude do fenómeno, concretizada pela enorme dispersão geográfica dos emigrantes portugueses, exigiria para o seu estudo uma pesquisa em extensão que apenas seria factível realizar a nível de equipas. Contentemo-nos pois com a possibilidade de que este trabalho venha eventualmente a oferecer algumas pistas para posteriores investigações.

O material de base aqui utilizado compõe-se de vocábulos e expressões obtidos essencialmente por três processos: recolha directa por via oral em vários países, registo através de material escrito (obras de ficção ou de testemunho, poesia, jornais, revistas, cartas) e contribuição fornecida por outros

estudiosos. Quanto ao seu tratamento, a preocupação principal incidiu no estudo de lexemas que acusem um certo grau de nativização, em detrimento dos assimilados numa forma relativamente pura. Não foi de momento viável estabelecer listas de frequência. É pois bem possível que os glossários finais incluam termos de baixíssima recorrência ou mesmo idiolectismo. Também não se possibilitou uma pesquisa sistemática que implicasse a recolha de questionários (seguidos do seu tratamento quantitativo), entrevistas e case histories.

Este trabalho enfatiza uma variante do emigrês, o portinglês², particularmente tal como é usado nos Estados Unidos. São quatro as razões que levaram a esta preferência. Em primeiro lugar a maior antiguidade da variante: a emigração portuguesa massiva para os Estados Unidos começou pouco depois dos inícios do século XIX, enquanto que correntes idênticas para a África do Sul, para a Austrália e para o Canadá se avolumaram respectivamente desde 1946, 1952 e 1953. (Em contraste com estas, a emigração portuguesa transcontinental só assume um perfil destacado a partir da década de 1960). Por consequência o portinglês, velho já de mais de século e meio, oferece uma maior gama de fenómenos e uma mais vasta consolidação de formas. Em segundo lugar, e talvez como consequência da referida antiguidade, esta variante tem sido mais estudada em trabalhos académicos. Note-se como ilustração que pelo menos quatro dissertações de doutoramento lhe foram já dedicadas, tendo a primeira resultado na publicação de um livro pioneiro, Portuguese American Speech, por Leo Pap. Em terceiro lugar deve-se tomar em consideração o volume da emigração para países de expressão inglesa. Embora se torne sempre precário tentar quantificar com precisão os núcleos migratórios portugueses, poder-se-á afirmar que o somatório dos residentes lusos nas zonas linguísticas anglófonas ultrapassa com larga margem o de quaisquer outras, em especial a

francófona, que imediatamente se lhe segue. Em último lugar, cabe apontar que foram motivos de mais fácil acessibilidade geográfica por parte do autor deste trabalho, há mais de um quarto de século radicado nos Estados Unidos, os que levaram a que o portinglês, entre todos os dialectos emigreses, se tornasse alvo de uma mais constante observação e de uma mais aturada pesquisa.

Não seria aqui possível manifestar individualmente o enorme reconhecimento devido a quantos deram a sua muito valiosa contribuição para esta obra. Numerosos sem dúvida foram eles: amigos, colegas universitários, pessoal consular e dos vários serviços oficiais de emigração, sacerdotes em missão junto dos emigrantes, dirigentes de associações, funcionários de serviços de assistência e tantos outros. Para todos vai uma muito sincera nota de gratidão. Haveria contudo de deixar um lugar bem especial para o emigrante comum, sempre tão disposto a abrir a sua casa e o seu espírito e a tão generosamente partilhar da sua cultura e da sua vivência, do seu pão e do seu vinho, com o pesquisador desconhecido que lhe tocara à porta armado apenas com as credenciais de uma portugalidade comum.

A DIÁSPORA PORTUGUESA: UMA VISÃO GERAL

As comunidades portuguesas dispersas pelo mundo oferecem um nítido carácter de homogeneidade no que diz respeito ao seu estilo de vida e à sua interacção com a população dos países de acolhimento. Provindos em grande parte de espaços rurais e com frequência munidos apenas de uma rudimentar escolaridade, os portugueses, sobretudo os que constituíram as primeiras vagas migratórias, só muito penosamente se adaptaram à vida nas zonas urbanas onde na maioria dos casos se estabeleceram. Dada a incapacidade ou inapetência para um convívio harmónico com outros grupos étnicos, a sua vida comunitária interiorizou-se, com o inevitável resultado de uma forte preservação dos valores tradicionais ³.

De um modo geral o emigrante português projecta a imagem de um trabalhador bem conciliado com a sua inserção nos escalões mais baixos da hierarquia laboral, eficiente, cumpridor, honesto, ordeiro e submisso. O apego à família, o apoliticismo, o conservadorismo e (quanto aos oriundos da zona norte de Portugal continental ou das ilhas atlânticas) um fundo sentido religioso emergem como características francamente

distintivas do seu comportamento social. Ainda que indiferente em larga escala aos movimentos culturais ou sociais do país receptor, sabe enquadrar-se com êxito nos sectores laborais onde a sua presença se torna mais necessária e rentável e em muitos casos adquire com espantosa facilidade conhecimentos tecnológicos relativamente avançados. O seu potencial de aforro é extraordinário. O produto do trabalho destina-se prioritariamente à aquisição de habitação própria em Portugal (caso da emigração transcontinental) ou no país adoptivo (caso da emigração transoceânica) ⁴.

A natureza da experiência emigrante em cada uma das zonas de fixação contribui grandemente, como é óbvio, para determinar as vertentes do falar do respectivo grupo. A preferência por certos sectores ocupacionais, a localização em zonas urbanas ou rurais, o nível da comunicação com a população nativa ou com outros núcleos migratórios, a antiguidade da permanência, a concentração ou dispersão do grupo, a frequência do contacto com Portugal, a acessibilidade a material informativo na língua pátria e o grau de semelhança da língua do emigrante com a do país de acolhimento representam factores de importância para a criação e desenvolvimento das variantes do português emigrado. Uma descrição sumariada das coordenadas vivenciais de cada uma das principais zonas da emigração portuguesa contribuirá pois para uma melhor compreensão do carácter específico de cada um dos falares emigreses.

Torna-se neste ponto necessário anotar que os valores numéricos apresentados no presente capítulo em relação a cada uma das zonas de fixação são apenas estimativos, dada a inexistência de estatísticas precisas. As razões para esta lacuna são várias. Entre elas podem contar-se a falta

de inscrição nos consulados, o constante movimento de naturalizações, a clandestinidade, a indeterminação por parte de alguns recenseamentos, nomeadamente o norte-americano, do conceito de «português» e a transferência de um país de fixação para outro. O último factor leva evidentemente a uma disparidade entre as estatísticas portuguesas, que só acusam a primeira saída, e as do último país receptor, que incluem as entradas totais. Será pois imprescindível considerar com fortes reservas os aspectos quantitativos incluídos nas descrições que se seguem, referentes ao carácter da presença portuguesa nas mais significativas zonas de radicação.

África do Sul

Embora datando já do século XVIII, a emigração portuguesa para a África do Sul só atingiu um apreciável relevo a partir do fim da Segunda Guerra Mundial. Presentemente avalia-se em 500 000 a 600 000 o número de portugueses e luso-descendentes que residem neste país. Cerca de 100 000 deles entraram em seguimento aos processos de descolonização de Angola e Moçambique. Estes recém-chegados trouxeram de um modo geral uma mais alta preparação académica e profissional do que os componentes das primeiras vagas migratórias e contribuíram substancialmente para a elevação dos padrões sócioeconómicos da comunidade. Além dos emigrantes oriundos da Europa, encontra-se na África do Sul um bom número de trabalhadores sazonais moçambicanos e angolanos com maior ou menor conhecimento da língua portuguesa, geralmente exercendo a sua actividade nas minas do Rand.

Calcula-se que até agora aproximadamente 60 000 portugueses já optaram pela nacionalidade sul-africana. Grande parte dos emigrantes, em especial os mais antigos, provêm da ilha da Madeira. Os restantes são sobretudo oriundos dos distritos do Porto, Aveiro e Lisboa ⁵. A princípio os madeirenses dedicaram-se à agricultura, à pesca e ao comércio de produtos alimentares, em especial frutas e hortalças. Os continentais optaram com frequência pela indústria e construção civil. Hoje em dia atingiu-se uma muito mais vasta diversificação ocupacional, incluindo também os campos do comércio em geral, hotelaria, gestão empresarial e as profissões liberais ⁶. Segundo alguns cálculos, à volta de 35 % na construção civil, 20 % na indústria, 6 % na agricultura e 3 % em profissões liberais.

Criaram-se já estruturas empresariais de considerável envergadura, entre elas o Bank of Lisbon, fundado em 1965 ⁷, e circuitos que permitem a comercialização de 85 % dos legumes, hortalças e refrigerantes e 45 % dos cigarros. Em Joanesburgo contam-se por dezenas os restaurantes portugueses. O rendimento mensal médio *per capita* era em 1986 calculado em 660 dólares. 50 % dos emigrantes possuem casa própria, 80 % têm automóvel (48 % têm dois automóveis) e 65 % são titulares de contas de depósito a prazo.

Cerca de 90 % da emigração concentra-se em duas das quatro províncias sul-africanas: Transvaal ⁸ e Natal. Aproximadamente 70 % da comunidade lusa habita na cidade de Joanesburgo, onde certas zonas como La Rochelle ou Regents Park constituem enclaves de predominante presença portuguesa. A radicação em espaços urbanos, que oferecem as melhores

oportunidades de colocação no sector industrial e no da construção civil, surge como uma vigorosa constante.

Para além da concentração habitacional, a existência de grande número de associações nacionais e a fácil acessibilidade à imprensa na língua materna acentuam a internalização do grupo emigrante, em detrimento de um possível processo de integração na sociedade sul-africana.

Em vista do rápido evoluir de acontecimentos políticos na República da África do Sul será de presumir que muito em breve a comunidade se veja confrontada com a necessidade de cruciais opções. No caso de vir a concretizar-se uma tomada de poder pela maioria negra, sem dúvida que muitos portugueses, em especial os chegados de Angola e Moçambique, procurarão reestabelecer-se noutra país.

Alemanha

Os portugueses começaram a emigrar para a República Federal Alemã no despontar da década de 1960 mas o recrutamento efectivo de trabalhadores só teve lugar a partir de 1964. Tratou-se na essência de uma emigração económica, já que muito poucos exilados políticos se radicaram neste país. Em 1970 entraram na RFA 19 775 portugueses, contra 15 997 no ano seguinte. Em 1973, o ano de maiores entradas, foram 31 479. Entre 1960 e 1980 estabeleceram-se no país 134 892, segundo as estatísticas da então denominada Secretaria de Estado da Emigração. Calcula-se que no auge do movimento migratório chegaram a residir na RFA 122 000 portugueses.

Em 1981 eram apenas 109 417. O número tem decrescido nos últimos anos, devido a uma intensificação de retornos. Em 1984, por exemplo, regressaram definitivamente perto de 8 600 emigrantes, tendo-se apenas fixado no país cerca de 600. Nesse ano avaliava-se o número total em aproximadamente 78 000. Em 1986 estimava-se que 20 % dos emigrantes tinham regressado a Portugal. Em 1986 restavam à volta de 77 000, ou seja, cerca de 2 % dos estrangeiros.

A RFA só admite emigrantes com um mínimo de quatro anos de escolaridade e exerce um apertado controlo que muito dificulta a fixação de clandestinos. Esses dois factores fazem com que o nível educativo da nossa comunidade nesta nação seja um pouco superior ao dos outros grandes países europeus receptores de emigrantes portugueses, com a possível excepção da Inglaterra. De um modo geral as autoridades alemãs procuraram manter os emigrantes na situação de *Gastarbeiter*, obstaculizando as naturalizações ⁹ a aquisição de habitação própria e a abertura de estabelecimentos comerciais.

A formação de sociedades (por vezes fictícias, através da inclusão de um *Strohmann*) ou o casamento com cidadãos alemães ¹⁰ permite todavia superar algumas destas dificuldades. É este o processo que viabiliza por exemplo o funcionamento dos numerosos restaurantes portugueses existentes na RFA. Só a cidade de Hamburgo conta com 23.

Em 1971 o Instituto Federal do Trabalho apresentava a seguinte distribuição ocupacional para os 44 796 trabalhadores portugueses então na RFA: indústria metalúrgica 35,1 %, outras indústrias manufactureiras 24,3 %, indústria têxtil e de confecções 14,9 %, comércio

e prestação de serviços 10,7 % e construção civil 8,8 %. Existia também uma relativa participação nas actividades portuárias e na navegação marítima e fluvial. Em Hamburgo ainda muitos portugueses se empregam como *Fischwerker*, ou trabalhadores nos barcos-fábrica de processamento de peixe. Numerosos outros ocupam-se no transbordo de sacos de correio nas estações de caminho de ferro e na limpeza de escritórios. As mulheres trabalham geralmente nas indústrias têxtil e de confecções e na limpeza de casas e escritórios.

A zona de Hamburgo representou sempre a maior concentração na RFA. Chegaram a residir aí aproximadamente 9 000 portugueses. Em 1983 e 1984 assinalou-se todavia grande percentagem de saídas, sobretudo devido à concessão de subsídios de retorno, e o número actual deve orçar por 6 000. Colónia e Frankfurt contam com cerca de 3 000 cada.

A dificuldade de integração nas estruturas sociais e culturais do país levou a uma forte interiorização da vida comunitária. Existem presentemente cerca de 185 associações de vários tipos. 24 missões católicas portuguesas prestam assistência aos emigrantes. Publica-se contudo apenas um jornal, além de vários boletins. Funcionam dois programas de televisão em língua portuguesa ¹¹ mas nenhum de rádio.

Argentina

A emigração para a República Argentina remonta pelo menos aos meados do séc. XIX ¹². Entre 1888 e 1890 chegaram apenas 170. Os números foram progressivamente aumentando até atingir o seu auge no

período que vai de 1921 a 1930, com 20 409 entradas. Iniciou-se então um processo de declínio, apenas ligeiramente interrompido de 1951 a 1960. Entre 1966 e 1970 estabeleceram-se no país apenas 804 portugueses. De 1971 para diante o número anual de chegadas nunca ultrapassou a centena. Em 1982 entrou apenas um emigrante, em 1983 nenhum e em 1984 de novo um.

A comunidade lusa na Argentina, hoje estimada segundo as fontes entre 40 000 e 60 000 pessoas ¹³, acusa por consequência um nível etário relativamente elevado, sendo muito frequentes os períodos de residência de 30 ou 40 anos. Radicou-se principalmente na cidade e província de Buenos Aires. Na capital habitam cerca de 7 000 portugueses, na sua maioria ocupados em actividades comerciais e na indústria de transportes. Na zona de Vila Elisa (La Plata), onde residem perto de 1 500, dedicam-se à floricultura e em Ramos Mejía à agricultura. Em Comodoro Ribadavia calcula-se que vivam 3 000 trabalhando na indústria petroleira, no comércio e na agricultura. Em Mar de Plata habita um núcleo de uns 400, predominantemente inserido no sector de pescas.

Persiste uma vida associativa intensa, com cerca de uma dúzia de organizações em Buenos Aires e umas quinze mais no resto do país. Existem além disso vários ranchos folclóricos. Publica-se um mensário intitulado *Voz de Portugal* com uma tiragem de 2 000 exemplares, assim como dois outros jornais, e emitem-se dois programas semanais de rádio.

Austrália

Foi por volta de 1915 que se iniciou a emigração portuguesa para a Austrália. No entanto, em princípios de 1952 viviam no país (sobretudo em Port Kembla, Wollongong e Perth) apenas umas 240 pessoas, ocupadas especialmente na construção civil, indústrias transformadoras e pesca. Em Junho desse ano aportou a Freemantle, cidade vizinha de Perth, um grupo de 18 madeirenses, com a intenção de se dedicarem à pesca da lagosta. Tinham chegado da Cidade do Cabo numa pequena embarcação e a viagem durara 73 dias. A sua fixação na cidade encorajou a vinda de outros conterrâneos, provenientes não só da Madeira, como também da África do Sul, Venezuela e San Diego (Califórnia). Estas radicações intensificaram a corrente migratória, ainda mais avolumada depois de 1960, devido à concessão de certas facilidades, tais como passagens assistidas. Presentemente admite-se que vivam no país cerca de 50 000 pessoas de origem portuguesa ¹⁴. Muitos desses emigrantes fixaram-se na Austrália vindos da França, Alemanha, África do Sul ou, a partir do início do processo de descolonização, de Angola, Moçambique e Timor ¹⁵.

Em Sydney habitam cerca de 30 000. Os restantes 20 000 espalham-se por várias regiões do país, com uma certa concentração nas cidades de Adelaide, Brisbane e Perth. Em Petersham, na Nova Gales do Sul, desenvolveram um florescente comércio. Na cidade de Wollongong contam-se cerca de 1 500 pessoas de ascendência lusa. Na região de Freemantle vivem cerca de 200 pescadores madeirenses que trabalham em quarenta barcos de propriedade portuguesa ou em outros pertença

de australianos, italianos e jugoslavos. Nesta zona os portugueses ocupam-se também nas fábricas de lacticínios e de preparação de carnes, na camionagem, no comércio, na construção civil e no cultivo da bananeira e de produtos hortícolas. Em Darwin vivem operários, bastantes deles especializados, comerciantes e taxistas. Em Camberra estabeleceram-se 150 famílias. Alguns homens trabalham por conta própria mas numerosos outros ocupam-se como operários de construção civil. As mulheres dedicam-se a serviços de limpeza.

Existe na Austrália um comércio português já de certa envergadura. Uma boa parte dos estabelecimentos situa-se dentro do ramo da alimentação (supermercados, mercearias, lojas de bebidas, talhos, padarias, pastelarias, frutarias e alguns restaurantes) mas outros dispersam-se por diversos sectores: materiais de construção, venda de carros, garagens, agências de viagens e de seguros, fotografias, bens imobiliários, etc. Também alguns portugueses se integram nas profissões liberais, em particular na advocacia.

Em termos gerais é a seguinte a distribuição ocupacional segundo a província de residência:

Nova Gales do Sul	50 % indústria, 30 % construção civil, 20 % comércio, hotelaria, serviços, diversos;
Austrália Ocidental	50 % pesca, 20 % construção civil, 20 % indústria, 10 % comércio, hotelaria, serviços, diversos;

Victoria	50 % indústria, 20 % construção civil, 20 % comércio, hotelaria, 10 % serviços, diversos;
Austrália Meridional	40 % construção civil, 30 % indústria, 30 % hotelaria, diversos;
Queensland	40 % construção civil, 30 % indústria, 30 % hotelaria;
Território do Norte	85 % serviços, 15 % diversos;
Camberra	68,5 % construção civil, 21,7 % comércio, hotelaria, serviços, 9,8 % indústria ¹⁶ .

Para além de 16 escolas onde se ministram cursos de português e de duas missões católicas, a comunidade tem acesso a três programas de rádio e a uma imprensa na língua natal, que inclui o mensário *O Lusitano*, de Darwin, e o semanário *O Português na Austrália*, de Petersham, este fundado em 1971. Existem também três grupos folclóricos, vários conjuntos musicais e cerca de 35 clubes que se dedicam a actividades sociais, políticas e desportivas. De um modo geral a comunidade radicada na Austrália tem acusado uma certa dificuldade de

adaptação, se não ao nível material, pelo menos ao social, cultural e linguístico.

Bélgica

Os portugueses residentes na Bélgica devem constituir um núcleo de cerca de 18 000 pessoas. A emigração regular para a Bélgica foi suspensa em 1974, só se autorizando depois desse ano o reagrupamento familiar. Devido a este facto existe um grande número de clandestinos, talvez 5 000, com grande participação de mulheres. Bastantes portugueses radicaram-se na Bélgica depois de terem vivido em França, onde não encontraram condições laborais satisfatórias.

Bruxelas constitui um dos maiores focos de fixação de portugueses do país. A construção civil, a indústria e o serviço doméstico representam as principais fontes de ocupação. Existem também numerosos cafés e restaurantes, nomeadamente nas imediações do Marché du Midi e no bairro de Ixelles.

Na década de 1960 as empresas mineiras belgas, várias delas com interesses em Portugal, começaram a substituir os seus trabalhadores italianos, que por essa altura regressaram à pátria, por turcos, marroquinos e portugueses. As minas de Charleroi e Liège fecharam há anos e presentemente só se encontram mineiros portugueses na província de Limburgo. Na bacia carbonífera de Waterschei começou a fixar-se há cerca de trinta anos um grupo de trabalhadores das minas de Cabo Mondego, Panasqueira e São Domingos. A grande maioria ainda trabalha nas minas, embora um pequeno grupo se tenha colocado numa fábrica de montagem de

automóveis. Um reduzido núcleo oriundo das zonas de Barcelos e Esposende encontrou emprego em pedreiras, perto de Liège. Em Ostende estabeleceu-se uma comunidade de pescadores, todos naturais de Âncora.

De um modo geral os portugueses da Bélgica ocupam-se na construção, na indústria e em hotéis, cafés e restaurantes. Alguns são donos de garagens e estabelecimentos comerciais. Existem cerca de 60 cafés e restaurantes portugueses na Bélgica, 80 % deles em Bruxelas. Cerca de 90 % das mulheres trabalhadoras dedicam-se a serviços de limpeza, sobretudo em casas particulares.

Os portugueses na Bélgica tenderam a fixar-se em zonas de expressão flamenga. Uma relativa excepção é constituída pela cidade de Bruxelas que, embora localizada nessa zona, utiliza correntemente o francês como língua administrativa.

Bermudas

Os primeiros portugueses estabeleceram-se nas Bermudas há mais de cem anos, dedicando-se então à agricultura e à pesca. A actual comunidade ¹⁷ é constituída na sua enorme maioria por micalenses que se ocupam em serviços de hotelaria e na jardinagem. As leis do país dificultam a fixação de emigrantes (sempre sujeitos a expulsão ao termo de cada contrato de trabalho de dois ou três anos), assim como o reagrupamento familiar e a aquisição de unidades residenciais.

Canadá

Apesar da esporádica fixação de portugueses já desde o século XVII, foi só a partir de 1953 que se começou a verificar uma emigração significativa para o Canadá. Mediante um acordo entre os governos canadiano e português, esta emigração processou-se de uma forma sistemática, com o embarque de levadas de emigrantes¹⁸, muitos deles açorianos, para trabalhos de manutenção das linhas de caminho de ferro e de agricultura em zonas isoladas.

As condições laborais tinham-se apresentado de início extremamente desfavoráveis. Na manutenção das vias férreas as «gangas» de trabalhadores portugueses, alojavam-se em carruagens aquecidas a carvão e dotadas de beliches, no meio das mais precárias condições climáticas e higiénicas. A água para cozinhar conseguia-se derretendo um bloco de gelo numa panela. O domingo era reservado em parte para lavar a roupa, em baldes.

Nas granjas agrícolas os maiores problemas eram a rudeza do trabalho, o despedimento durante o período de inverno, o isolamento em relação a compatriotas, a ignorância da língua e a inadaptação a refeições ricas em proteínas mas escassas nos carbo-hidratos que constituíam parte essencial dos hábitos gastronómicos tradicionais dos emigrantes. Durante o Verão trabalhavam por vezes das seis da manhã até às dez ou onze da noite por sessenta dólares mensais, além de cama e mesa. Outros empregaram-se no corte de madeira, na construção de barragens e em minas. A deficiência das condições de trabalho gerou uma atmosfera de insatisfação que pouco tempo depois levou a uma transferência em massa para áreas urbanas.

Entretanto a chegada de novas vagas intensificava-se. Em 1955 emigraram 1 427 pessoas. Dez anos mais tarde o contingente anual subira para 5 734. O ponto alto da emigração foi 1974, com a chegada de 16 333. Actualmente supõe-se que residam no Canadá uns 270 000 emigrantes portugueses. As cidades que maior número receberam foram Toronto, Montreal e Vancouver. Estima-se que a população portuguesa dessas áreas urbanas orce respectivamente por 90 000, 40 000 e 15 000 ¹⁹.

Para os que se decidiram por Toronto os primeiros tempos foram particularmente áduos. Com o fim de economizar o mais possível, muitas vezes para saldar as dívidas contraídas com a viagem, os portugueses sujeitavam-se a situações de habitação quase sub-humanas. Em muitos casos alugava-se não um quarto mas uma cama, que só poderia ser utilizada por oito horas a fim de ceder o lugar a dois outros ocupantes por dia. Mais tarde começou a ser factível comprar casas antigas, que iam pouco a pouco sendo melhoradas.

A maior parte dos portugueses radicados na cidade ocupa-se na construção civil e no trabalho fabril ²⁰. Em Augusta Avenue e nas suas proximidades concentra-se o comércio português. Foi este o bairro da primeira fixação. Depois, com o progressivo ascenso na escala socioeconómica, muitos emigrantes foram-se transferindo para zonas mais periféricas.

Os portugueses de Montreal dedicam-se preferentemente à construção civil, à hotelaria, ao trabalho em oficinas e fábricas de confecções e ao comércio. Muitos habitam o bairro de Saint Louis, onde o seu número deve rondar os 12 000. (Em Hull, cidade

gémea de Ottawa, residem cerca de 3 000, com uma maioria de trabalhadores da construção civil entre eles).

Os primeiros portugueses chegados a Vancouver tinham geralmente já residido por algum tempo em Toronto ou Montreal. Hoje em dia estima-se que 80 % trabalhem na construção civil e em serviços de limpeza e que 20 % se dediquem ao comércio. (Ainda na província de British Columbia desenvolveram-se três outros núcleos. Em Okanogan Valley os antigos trabalhadores rurais assalariados tornaram-se proprietários de pomares de macieiras. Em Prince George encontraram colocação nas serrações e em Kitimat na indústria do alumínio).

Têm-se publicado no Canadá vários jornais em língua portuguesa, alguns deles de existência breve como o *Luso-Canadiano* ou *A Sentinela*. Um dos mais prestigiosos, o hebdomadário *A Voz de Portugal*, de Montreal, iniciou a sua publicação em 1961 e conta presentemente com uma tiragem de 6 000 exemplares. A revista *Imagens*, de Toronto, oferece um excelente aspecto gráfico e um valioso conteúdo noticioso e editorial. Vários programas radiofónicos e televisivos em língua portuguesa estão ao alcance da comunidade.

Espanha

As primeiras vagas substanciais de emigração portuguesa para Espanha, inserindo-se com maior projecção nos sectores da agricultura e da construção civil, deveram-se curiosamente a outro fenómeno migratório, a saída de espanhóis para a Alemanha e para a França. Foi para preencher os postos de trabalho por eles deixados que os portugueses começaram a afluir a

Espanha. Um considerável número destes emigrantes era constituído por assalariados agrícolas ou pequenos proprietários rurais.

Após o 25 de Abril de 1974 verificou-se nova vaga migratória, esta de carácter político. Tratava-se na sua quase totalidade de empresários e quadros técnicos, descontentes com a desestabilização das condições socioeconómicas que estava então ocorrendo em Portugal. Destes, alguns acabaram eventualmente por retornar e outros transferiram-se para o Brasil. Grande número dos que permaneceram em Espanha estabeleceu-se por conta própria ou colocou-se em empresas multinacionais ²¹.

Muitos portugueses dedicam-se à construção civil (a todos os níveis), ao trabalho nas minas e ao comércio. Entre as mulheres encontra-se elevado número de empregadas domésticas. Uma tabela recentemente publicada indicava ser a seguinte a situação ocupacional dos emigrantes portugueses em Espanha:

Operários não qualificados	17,0 %
Operários qualificados	13,6 %
Serviço doméstico	13,1 %
Comerciantes	5,6 %
Mecânicos e profissionais	1,8 %
Agricultores por conta própria	1,8 %
Outros	21,1 %
Desempregados	26,0 % ²² .

Nos últimos anos tem-se acentuado uma faceta algo sensacionalista da emigração para Espanha, a de mendigos, marginais e prostitutas. O fenómeno não assume todavia a relevância que se lhe tem pretendido

atribuir. Se é certo que existem mendigos portugueses, muitos deles ciganos, nas ruas de Madrid e outras cidades e que se tem verificado uma inserção de portugueses dentro dos círculos da prostituição ²³, o aspecto da marginalidade tem sido exagerado. Actualmente não deve haver mais de oitenta ou noventa portugueses cumprindo sentenças em território espanhol.

No panorama geral da emigração a Espanha ocupa um lugar muito especial. A extrema semelhança de língua e padrões de vida, facilitando uma rápida aculturação ²⁴, tem causado que os emigrantes se diluam com facilidade dentro da sociedade espanhola e que cheguem até a desejar como prestigiosa essa diluição. Estes factores, reforçados pela frequência dos casamentos mistos e pela contiguidade geográfica que permite um fácil contacto físico com a terra natal, não têm motivado em Espanha um forte movimento associativista nem manifestações visíveis de identidade nacional.

Residem hoje em dia no país cerca de 28 000 portugueses registados oficialmente. A Caritas espanhola estimava no ano de 1986 em 75 000 o número de portugueses no país, o que daria portanto uns 47 000 clandestinos. Fontes governamentais espanholas calculam contudo que seja equivalente o montante dos legalizados e dos clandestinos.

Estados Unidos

Excepção feita ao Brasil, a emigração massiva para os Estados Unidos destaca-se por ser a mais antiga entre todos os actuais núcleos de importância. Esta emigração teve realmente o seu início em 1654 quando um grupo de

judeus vindos do Brasil ²⁵ e de Curaçau se estabeleceu em Nova Amesterdão (Nova Iorque). Alguns outros portugueses são esporadicamente referenciados durante o período colonial mas uma emigração volumosa só se assinala a partir da segunda metade do século passado.

A moderna fixação na Costa Leste dos Estados Unidos (assim como na Califórnia e no Havai) está inicialmente associada à baleagem ²⁶. Na Nova Inglaterra os armadores baleeiros começavam a experimentar sérias dificuldades em recrutar tripulações, dada a extrema dureza da vida a bordo e as exíguas remunerações. Familiarizados com o ambiente dos Açores e de Cabo Verde, onde os navios se reabasteciam, estes armadores decidiram começar a contratar aí tripulantes. Após uma viagem ou duas muitos dos marinheiros desertaram, fixando-se em portos baleeiros como New Bedford, onde se dedicaram à pesca costeira.

Com o declínio da baleagem na última década do século XIX e na primeira do século XX, muitos armadores transferiram os seus capitais para a indústria de têxteis, provocando o aparecimento de fábricas deste ramo, em especial no Estado de Massachusetts. Estas fábricas ofereceram numerosos postos de trabalho aos emigrantes portugueses, uma situação que se prolongou substancialmente até aos anos trinta. Nas últimas décadas o leque ocupacional diversificou-se, embora ainda se note certa preferência pelos sectores fabril, de limpeza e manutenção e de obras públicas. Existe a par disto um florescente comércio, maioritariamente orientado para as necessidades da comunidade e uma certa incursão pelo nível das profissões liberais.

Actualmente os maiores núcleos de presença portuguesa são New Bedford, Fall River (ambos com

mais de metade da população total constituída por portugueses e luso-descendentes), Lowell, Boston e os seus arredores (todos no Estado de Massachusetts), Newark (New Jersey), Providence (Rhode Island), Filadélfia (Pensilvânia), Nova Iorque e Hartford (Connecticut).

O primeiro emigrante documentado estabeleceu-se na Califórnia em 1814 mas foi só com a Corrida ao Ouro, a partir de 1849, que se começou a registar uma chegada volumosa. Sem grande êxito como pesquisadores de ouro, os portugueses preferiram inserir-se em actividades de apoio à emigração: pequeno comércio, uma hotelaria modesta, horticultura, avicultura, criação de gado leiteiro e transportes por barco na Baía de San Francisco. Na viragem do século começaram a irromper pelo Vale de San Joaquín, cujas terras áridas e pouco valorizadas se prestavam à criação de carneiros. Com a construção de um sistema de canais de rega nesta zona, na década de 1920, dedicaram-se à cultura de forragens e à criação de gado leiteiro, sector em que alcançaram notável proeminência.

Entretanto, a partir da década de 1850, estabeleceu-se também uma rede de postos baleeiros ao longo da costa californiana. De carácter bastante precário, estes postos desapareceram com o declínio da indústria da baleagem. Um deles, o de San Diego, levou à radicação de um pequeno grupo português, constituído quase exclusivamente por picoenses, que na primeira década deste século se dedicou à pesca costeira e que a partir da Segunda Guerra Mundial desenvolveu uma próspera actividade na captura de atunídeos.

Presentemente os grandes núcleos de radicação na Califórnia localizam-se à volta da Baía de San Francisco.

O mais importante situa-se na cidade de San José, com forte incidência no sector fabril (em especial operários semi-especializados da indústria electrónica), no da limpeza e no pequeno comércio. A agricultura e a agropecuária são outras fontes de ocupação em numerosas localidades do Vale de San Joaquín. San Diego mantém ainda uma importante comunidade, que se tem visto forçada a diversificar as suas ocupações devido a uma recente crise da indústria atuneira e suas subsidiárias.

No Havai tinha-se estabelecido já um pequeno núcleo de portugueses e cabo-verdianos quando se firmou um acordo entre o então Reino do Havai e o Governo Português para a fixação de trabalhadores micalenses e madeirenses nas plantações de cana-de-açúcar. O primeiro grupo, constituído por 180 madeirenses (80 homens, 40 mulheres e 60 crianças) chegou ao arquipélago em 1878.

O período de trabalho braçal nas plantações foi muito em breve superado. Os que continuaram neste sector passaram a ocupar lugares de operadores de maquinaria agrícola ou de *luna* (capataz). Os outros radicaram-se de preferência nas duas únicas cidades de alguma importância no arquipélago, Honolulu e Hilo, inserindo-se no pequeno comércio e na construção civil. Por volta de 1910 a crescente chegada de emigrantes orientais causou uma descida de salários nas plantações e muitos portugueses transferiram-se para a Califórnia, em especial para a zona de San Leandro. A emigração para o Havai cessou a partir da década de 1920 e na actualidade os «portugueses» do Havai são quase exclusivamente luso-descendentes, muitos deles produto de uniões fora do grupo étnico emigrante.

A descentralização dos serviços administrativos norte-americanos, uma certa displicência quanto à verificação do estatuto migratório, a indiferença dos emigrantes ante o registo nos consulados e um relativamente alto nível de naturalizações obstaculizam uma pelo menos aproximada contagem dos emigrantes portugueses em todo o território dos Estados Unidos. Tem-se todavia estimado, com um critério algo arbitrário, que esse número ascenda a um quarto de milhão.

Os meios de comunicação acusam um notável desenvolvimento. Desde os fins do século passado que se mantém uma imprensa de extraordinária vitalidade. (O primeiro jornal português nos Estados Unidos foi o semanário *Diário de Notícias*, que se publicou em Erie, Pensilvânia, de 1877 a 1884. Na Califórnia a imprensa em língua portuguesa surgiu em 1880 e no Havai em 1885). Existem igualmente numerosos programas de rádio e televisão.

França

Ainda que uma presença emigrante portuguesa de relativa importância se registe em França desde o termo da Primeira Guerra Mundial, o grande fluxo migratório só começou nos inícios da década de 1960. Nesse ano de 1960 residiam no país apenas 53 932 portugueses. Hoje em dia calcula-se que rondam os 765 000. Entre 1960 e 1974, ano em que a emigração passou a ser severamente limitada, a média anual das entradas orçou pelos 54 000 ²⁷.

Nos primeiros tempos da emigração para França as partidas clandestinas predominam ²⁸. As condições em

que os emigrantes viajavam eram verdadeiramente deploráveis. Os passadores obrigavam-nos a longos percursos a pé que podiam incluir uma travessia dos Pirinéus por atalhos cobertos de neve. O resto do trajecto podia fazer-se em autocarros sem quaisquer condições de comodidade, em fundos falsos de camiões de gado ou escondendo-se atrás de mercadoria vária transportada pelos veículos de carga ²⁹.

O destino de muitos destes primeiros emigrantes era a região parisiense. Normalmente os passadores deixavam-nos na Praça da Bastilha. Aí taxistas já familiarizados com a situação transportavam-nos até aos *bidonvilles* ²⁸ onde procuravam o apoio de amigos e conterrâneos. Os homens sós ou mais tarde as famílias amontoavam-se em barracas completamente desprovidas de conforto ou higiene. De um modo geral não se tornava difícil encontrar trabalho na construção civil, na siderurgia e na indústria automóvel, ou obter autorização de residência.

Os trabalhadores, na sua maioria oriundos do Norte de Portugal, aceitavam estas condições sub-humanas pela possibilidade de aforro de que agora dispunham. Muitos deixavam-se seduzir pelo facto de terem trocado jornas de 12\$00 por salários equivalentes a 7000\$00 (100 000 francos franceses) mensais.

Com o decorrer dos anos aliviou-se a dureza das condições de habitação e passou a ser possível encontrar alojamento em apartamentos de renda moderada ou em casas antigas. A situação foi melhorando e vários puderam mesmo ascender significativamente na escala laboral. Muitos optaram pelo sistema de dupla nacionalidade, que lhes traz substanciais vantagens de ordem social. Nos últimos tempos a média anual de naturalizações tem sido cerca de 4 000. Desde 1974 a

emigração restringiu-se em grande parte ao reagrupamento familiar ou à entrada de sazonais. De 1977 a 1980 beneficiaram do subsídio de retorno permanente concedido pelo governo francês 34 261 portugueses.

Na região parisiense, onde residem aproximadamente metade dos emigrantes, os homens empregam-se na construção civil, nas fábricas de automóveis, como taxistas e em outras profissões diversificadas. Muitos operários da construção civil conseguiram um certo grau de especialização ou chegaram a formar empresas próprias. Outros iniciaram pequenos negócios: restaurantes ³¹, garagens, minimercados, agências funerárias ou de viagens. Muitas mulheres dedicam-se aos serviços de portaria e de limpeza.

No resto do país a construção civil, as actividades fabris e a agricultura ocupam também um elevado número. A fábrica de pneus Michelin, em Clermont-Ferrand, emprega cerca de 2 000. Na região das Landes outros dedicam-se ao abate de árvores. Em Marselha encontram-se pescadores poveiros ou algarvios a bordo de traineiras de propriedade de italianos. Muitas mulheres trabalham em hotéis ou no serviço doméstico ³².

Um inquérito efectuado em 1972 pelas autoridades francesas junto de 72 000 empresas (76 % das quais responderam) indicou ser a seguinte a distribuição ocupacional dos seus trabalhadores portugueses:

«Manobras»	15,0 %
Operários especializados	32,2 %
Operários qualificados	41,8 %
Empregados	8,3 %
Técnicos e quadros	1,8 %
Quadros superiores	0,2 % ³³ .

Este inquérito apontava como sectores de actividade que mais atraíam os trabalhadores portugueses a construção civil e engenharia (33,0 %), os serviços prestados a particulares (11,2 %), a indústria têxtil e de confecções (5,7 %), a fundição e metalurgia (4,6 %), a indústria automóvel (4,4 %) e a indústria de borracha e matérias plásticas (3,9 %) ³⁴.

No presente considera-se que cerca de 451 000 dos portugueses residentes no país contam menos de 26 anos. Destes, à volta de 300 000 são crianças em idade escolar, muitas delas já assimiladas às estruturas sociais do novo ambiente. Entre os mais idosos, beneficiários de pensões de aposentação, nota-se uma certa tendência para a residência em França apenas durante uma parte do ano.

O movimento associativo em França reveste-se de grande vigor. Nos primeiros anos da emigração as associações funcionavam com um grau mínimo de estruturação, estando muitas delas vinculadas a instituições religiosas e contando com a actuação de animadores franceses. Contudo, depois de 25 de Abril de 1974 começaram a proliferar, dedicando-se a actividades desportivas, recreativas, sociais e culturais. Em 1970 existiam apenas 23 associações, número que ascendeu a 290 em 1980. Em 1983 eram já 845. A par delas ou a elas ligadas actuavam 133 grupos folclóricos ³⁵.

Têm-se publicado em França inúmeros boletins de associações, organizações sindicais e partidos políticos e alguns jornais, entre eles *Presença Portuguesa*, lançado pelo Arcebispado de Paris, e *Publi Portugal*, este um mensário de informação e publicidade com uma distribuição gratuita de 40 000 exemplares. Existem igualmente por

todo o país vários programas de rádio em língua portuguesa.

Grã-Bretanha

Como aconteceu em relação a outros países europeus, uma emigração significativa para a Grã-Bretanha só teve lugar a partir da década de 1960. Avalia-se agora em 40 000 a 45 000 o número de portugueses aí residentes, geralmente com famílias constituídas. O leque ocupacional mostra-se bastante amplo, embora se note um nítido predomínio de empregados de hotel, restaurante ³⁶, e serviço doméstico e de trabalhadores hospitalares, estes ao nível de limpeza e cozinha. Encontram-se além disso alguns cabeleireiros, jardineiros, operários especializados na construção civil, fornecedores de vinhos, proprietários de garagens, minimercados, restaurantes, cafés e agências de viagens, comerciantes e funcionários superiores, alguns deles colocados em multinacionais. Muitas mulheres trabalham a dias ou como costureiras em *boutiques*. Outras, geralmente estudantes, trabalham *au pair*. (São raríssimos os que na Inglaterra se entregam às ocupações mais comuns do emigrante português no continente europeu, o nível não especializado da construção civil ou do sector fabril). As preferências laborais explicam-se provavelmente pelo facto de poucos emigrantes provirem do sector agrícola ³⁷.

Os principais focos de concentração são Londres, Manchester e as ilhas de Jersey ³⁸ e Guernsey, no Canal da Mancha. Os primeiros emigrantes chegados a Londres fixaram-se em Camden Town, alastrando depois para as zonas de Ladbroke Grove, Brixton, Wembley e

Richmond. Muitos habitam ainda quartos alugados em bairros pobres. Os que atingiram um melhor nível económico preferiram o sul da cidade. Nas ilhas do Canal vivem cerca de 3 000 portugueses, número que pelo menos se duplica durante a época alta do turismo, com a vinda de sazonais.

No verão de 1987 existiam 17 associações de diversas índoles e várias escolas onde os filhos dos emigrantes podem estudar português.

Holanda

Calcula-se viverem na Holanda, em situação legalizada, cerca de 9 500 portugueses, concentrados maioritariamente em Amesterdão (3 000), Roterdão (2 500) e Haia (mais de 1 000), com núcleos menores em Groningen, Helmond, Den Bosch, Zaandam e outras cidades. De um modo geral trata-se de uma emigração algo envelhecida, com permanências no país superiores a quinze anos, cujo volume se tem mantido quase estacionário desde 1974. Assinala-se também a presença de elevado número de clandestinos, que algumas fontes avaliam como equivalente ao dos legalizados.

A emigração portuguesa para este país iniciou-se por volta de 1960 ³⁹ quando se começou a salientar uma marcada inapetência dos holandeses para aceitarem os lugares mais mal remunerados a bordo de navios mercantes. Foram então recrutados marítimos portugueses, muitas vezes originários de zonas rurais, assim como numerosos cabo-verdianos. Em 1961 teve começo uma emigração de grupo com a chegada de um

contingente de 60 operários, contratados para as obras de ampliação do porto de Roterdão (Europoort).

Presentemente os trabalhos mais frequentes são os de limpeza de escritórios ⁴⁰, indústria electrónica (por exemplo nas instalações da Philips, na Haia) e indústrias alimentares. Cerca de 600 ou 700 portugueses conseguiram lugar na companhia aérea holandesa KLM, nos sectores de cozinha, limpeza, soldadura e tipografia. Encontram-se também alguns operários nos estaleiros de Roterdão. Só um pequeno grupo se mantém a bordo de barcos mercantes. Outros ocupam-se como proprietários ou empregados de restaurantes típicos portugueses e alguns dos mais jovens, que frequentaram escolas holandesas, desempenham funções em escritórios ou repartições públicas. Algumas mulheres foram contratadas para a indústria têxtil, limpeza de escritórios ou como criadas de hotel. Para além dos restaurantes não existe praticamente comércio ⁴¹.

A comunidade portuguesa na Holanda divide-se em dois grupos, os chegados por razões de melhoramento económico e os antigos refugiados políticos. Os últimos, muitos desertores ou refractários ⁴², foram atraídos para a Holanda pelo ambiente de contra-cultura que Amesterdão oferece ou encontraram no país condições de acolhimento que não tinham anteriormente podido conseguir em França ou na Bélgica. De um modo geral dotados de uma sólida preparação académica, os membros deste grupo conseguiram um alto grau de integração na sociedade holandesa ⁴³, tendo em muitos casos casado com mulheres do país e encontrado colocação nos sectores da docência ou do funcionalismo.

Na Holanda radicou-se igualmente um elevado número de cabo-verdianos. Tendo sido primeiro

contratados como marinheiros de longo curso, encontram-se agora principalmente na navegação fluvial, em barcas que sobem o Reno.

Existem diversas agremiações de carácter desportivo, social ou político, estas últimas inseridas numa linha de esquerda. A vida religiosa comunitária mostra-se débil. Em Amesterdão publica-se uma revista literária, a *Vertical*. A informação sobre assuntos nacionais ou comunitários chega geralmente através da imprensa, rádio e televisão provenientes de Portugal ou de países circunvizinhos da Holanda.

Luxemburgo

Em termos percentuais o Luxemburgo constitui o país receptor de maior presença lusa, já que os cerca de 33 000 portugueses que lá residem representam o mais numeroso grupo migrante do Grão-Ducado e quase um décimo da sua população total ⁴⁴. As maiores zonas de concentração são a Cidade do Luxemburgo e os cantões de Esch/Alzette, Diekirch, Luxembourg-Campagne e Mersch ⁴⁵. O número de emigrantes vivendo no país em situação de clandestinidade é relativamente elevado.

A vinda de portugueses, muitos deles com estadia anterior em França, começou a tomar relevo entre 1960 e 1966, sobretudo porque a partir de 1963 se autorizou a entrada de famílias. Na sua grande maioria estes emigrantes são oriundos do Nordeste de Portugal e chegam desprovidos de qualificações profissionais. Em Fevereiro de 1986 era a seguinte a distribuição ocupacional dos portugueses residindo legalmente no país:

Agricultura e silvicultura.....	242
Indústria de extracção e transformação.....	1 640
Indústria de manufactura	1 200
Construção civil	6 028
Comércio e indústria hoteleira	2 812
Transportes.....	500
Bancos e seguros	199
Limpeza e pessoal doméstico	2 761
Diversos	195
Trabalhadores não assalariados (comércio, transportes, restaurantes).....	140
Total.....	15 717 ⁴⁶ .

Com os trabalhos de construção praticamente paralisados durante o Inverno, muitos emigrantes aproveitam esta época para passar algum tempo em Portugal ⁴⁷. Existe no país um bom número de estabelecimentos comerciais portugueses, incluindo mini ou supermercados e restaurantes, estes rondando a centena.

A assimilação ao meio social do país revela-se extremamente precária: por exemplo entre 1960 e 1985 tiveram lugar apenas 32 naturalizações e 59 opções pela nacionalidade luxemburguesa. Raros são aqueles que adquirem uma casa no país, preferindo fazê-lo em Portugal. Verifica-se uma certa concentração habitacional nas zonas mais antigas e degradadas da Cidade do Luxemburgo, como o bairro de Grund. Muitos trabalhadores sem família, uns 10 000 a 12 000 no início

da década de 1980, residem em pensões ou alojamentos fornecidos pelos patrões, assim como em lares (*foyers*) pertencentes ao Estado, onde podem encontrar condições razoáveis de instalação, embora sem grande privacidade.

Existem no país cerca de 50 associações, muitas delas com secção de futebol ou grupos de teatro e 8 ranchos folclóricos. Publicam-se dois jornais em língua portuguesa e existe um programa de rádio semanal, com a duração de quarenta minutos. Também é possível captar programas televisivos em português emitidos da França ou da Alemanha.

Suíça

Em 1986 viviam na Suíça cerca de 44 400 portugueses. O índice de clandestinos revela-se altíssimo: uma fonte sindical suíça calculava no ano de 1986 em 50 000 os que trabalhavam ilegalmente no país, o que, como é óbvio, entra em flagrante contradição com outras estatísticas. Em muitos casos os clandestinos têm de suportar um regime laboral assaz rigoroso. Além de salários inferiores aos normalmente praticados e da inexistência de benefícios sociais, chegam a trabalhar (na agricultura) 15 horas diárias durante sete dias por semana sem auferirem horas extraordinárias. Noutros casos, como no ramo da hotelaria, não se lhes permite a saída do local de trabalho durante os fins-de-semana.

Nota-se uma certa preferência pela fixação na zona francófona. Os principais núcleos localizam-se nas cidades de Genebra, Lausana, Neuchatel e Zurique e nas suas proximidades. A recente intensificação da concessão

de contratos a sazonais (cerca de 23 000 em 1985) faz actualmente da Suíça o único país europeu receptor de emigrantes portugueses em que o seu número se encontra em aumento.

Ocupam-se maioritariamente na construção civil e obras públicas, na hotelaria, nas indústrias têxtil e alimentar e na agricultura. Os emigrantes com um razoável domínio do francês procuram empregar-se na hotelaria, enquanto que os que não o possuem se encaminham sobretudo para a construção civil e para a agricultura. A dureza do clima não permite o trabalho na construção durante parte do Inverno, o que proporciona a muitos a oportunidade de frequentes estadias em Portugal.

Venezuela

A corrente migratória para a Venezuela iniciou-se por volta de 1945. Nos fins dessa década tinham-se já aí fixado perto de 5 000 portugueses. Dez anos depois o total ascendera a aproximadamente 100 000. Em 1986 calculava-se que entre 400 000 e 500 000 emigrantes e luso-descendentes estavam radicados no país, 120 000 deles em Caracas ⁴⁸. Constituída primordialmente por pessoas de origem madeirense e aveirense, esta comunidade tem registado um surpreendente grau de êxito económico. Ao nível empresarial tem-se destacado na construção civil, na exploração de transportes colectivos e na panificação. Numerosos supermercados, assim como restaurantes e redes de distribuição de alimentos, são igualmente propriedade de portugueses. Entre as gerações mais jovens encontra-se já um

considerável número de membros das profissões liberais, formados por universidades venezuelanas. Nos últimos anos a crise da indústria petroléira e a desvalorização do bolívar têm levado a um certo índice de retornos.

Os principais núcleos de fixação encontram-se localizados em Caracas, Maracaibo e Valencia. Existe um vigoroso movimento associativo e publicam-se alguns jornais em língua portuguesa, como a *Voz de Portugal* e O *Lusitano*.

Outros Países

Em vários países árabes como o Iraque, a Arábia Saudita, o Bahrain e a Líbia encontram-se também núcleos de portugueses. Trata-se em muitos casos de uma emigração recente, de carácter temporário, motivada pela escassez de mão-de-obra no sector da construção civil⁴⁹.

Entre 1962 e 1974 viveram na Argélia numerosos exilados políticos. Mais tarde teve lugar uma corrente de emigração económica, exclusivamente masculina. Entre 1977 e 1983 entraram no país cerca de 1 040 portugueses, geralmente detentores de contratos temporários para trabalharem na construção civil e na instalação de *pipelines* ou nos escritórios das firmas empregadoras.

Em Marrocos existiu uma comunidade de certo vulto, constituída na sua maioria por algarvios. Depois da independência do país, uma lei que não permitia a existência de empresas com mais de 50 % do capital estrangeiro levou à saída de muitos comerciantes e pequenos industriais. Actualmente residem em Marrocos apenas uns 1 000 portugueses, quase todos dominando o francês e o árabe.

No Zaire, onde a presença portuguesa remonta naturalmente ao século XV, existe agora uma comunidade de perto de 6 500 pessoas, 45 % delas na cidade de Kinshasa. O grupo residente no país é composto por 58 % de comerciantes, 30 % de domésticas, 5 % de mecânicos, 4 % de estudantes, 2 % de contabilistas e 1 % de técnicos da produção cafeeira. A Suazilândia conta também com um núcleo português de cerca de 2 500 pessoas. As principais fontes de trabalho são o comércio e a construção civil. Dos aproximadamente 15 000 portugueses que na década de 1960 habitavam no que é hoje o Zimbábue (então Rodésia) e apesar de uma entrada maciça depois da independência de Moçambique, apenas restam agora cerca de 8 000. Muitos deles estão requerendo a nacionalidade zimbabuense.

Quanto à América do Sul no passado verificou-se uma emigração madeirense de certa importância para a Guiana Inglesa (Demerara), onde ainda hoje persiste um grupo português. A comunidade radicada em Curaçau calcula-se em cerca de 4 000. Outro país de longa tradição de fixação portuguesa é o Uruguai. Contudo no presente reside no país pouco mais de uma centena de emigrantes, em especial horticultores e floricultores residentes nos arredores de Montevideo.

Com a excepção da Suécia é quase insignificante a fixação em nações europeias não antes mencionadas. Naquele país começou por ser constituída na sua quase totalidade por desertores ou refractários ao serviço militar que aí encontravam fácil asilo político. Veio a seguir uma vaga de emigração económica. Presentemente calcula-se que o núcleo português orça por umas 2 500 pessoas, estabelecidas principalmente em Estocolmo, Gotemborg e Malmö.

AS PRINCIPAIS VARIANTES EMIGRESAS

A nomenclatura atribuída neste trabalho às diferentes variantes do emigrês nem sempre corresponde à que já se vai tornando convencional. Considerou-se todavia mais exacto designar estas variantes por um termo em que o elemento indicativo do principal componente surgisse em primeiro lugar. Deu-se pois preferência, para citar só um exemplo, a «portufrancês» sobre o mais comum «françuguês». Não será implausível admitir que estas designações possam causar de início um certo grau de estranheza. Tratou-se no entanto de as simplificar e uniformizar, de modo que não fosse necessário recorrer a excessivas acrobacias morfológicas.

A divergência entre os vários subdialectos emigreses deve-se naturalmente, não só ao vasto leque linguístico dos países de acolhimento, como também ao afastamento de cada idioma nacional em relação ao português padrão, à duração histórica da presença lusa num determinado país e mais que tudo a contrastantes experiências vivenciais criadoras de uma nova realidade psicolinguística.

A diáspora portuguesa estende-se por 18 países de maior concentração, representando cinco zonas

linguísticas mais importantes: a inglesa, a francesa, a alemã (com as variantes luxemburguesa e suíça), a espanhola e a holandesa (com as variantes flamenga e africânder). São pois os seguintes, apresentados por ordem alfabética, os mais destacados subdialectos do emigrês criados no âmbito da actual emigração:

Portafricânder

Manifesta-se mínima a influência do africânder no falar dos emigrantes portugueses na África do Sul que, de um modo geral, não demonstram qualquer apetência pela aprendizagem desta língua. Não só vêem nela um veículo de comunicação menos desejável que o inglês, como reagem pelo alheamento a uma maior discriminação exercida contra eles pelos bóeres do que pelos sul-africanos anglófonos ⁵⁰. Um levantamento publicado em 1968 ⁵¹ indicava que 96 % dos emigrantes portugueses não podiam compreender o africânder, enquanto que só 56 % não possuíam conhecimentos de inglês. A vizinhança de Moçambique e a acessibilidade, pelo menos durante o período colonial, à imprensa e emissões radiofónicas daí provenientes, assim como a tendência para a concentração em zonas urbanas fortemente portuguesas, não favoreceram uma grande diluição da língua natal e por conseguinte dificultaram a absorção de termos alienígenas.

Apesar do desconhecimento do africânder, alguns vocábulos deste idioma, normalmente em forma pouco adulterada, penetraram no discurso emigrante. No seu estudo sobre o português na África do Sul ⁵², Luís de Vasconcelos Leal confessa não ter encontrado qualquer

influência africânder entre os emigrantes de Joanesburgo e apenas um número muito limitado de absorções lexicais em regiões de presença bóer. Torna-se aliás perfeitamente plausível admitir que vários termos se tenham introduzido por via do inglês, idioma com que os portugueses se encontram mais familiarizados, dadas certas coincidências fonéticas entre o inglês e o africânder.

Embora a extrema escassez das recolhas não permita conclusões grandemente significativas, haveria que apontar como característica mais saliente da nativização de vocabulário africânder a sufixação que lhe é aposta. Para além disso parece não se terem criado quaisquer adaptações fonológicas ou sintácticas.

Portalemão

Um panorama idêntico ao do portafricânder observa-se em relação ao portalemão. O fenómeno de interferência no português falado pelo emigrante na Alemanha manifesta-se relativamente reduzido ⁵³. Este afastamento arranca sem dúvida, pelo menos em grande parte, do imperfeito conhecimento da língua do país pela maioria dos residentes portugueses. Deste modo o vocabulário adoptado incide sobretudo na verbalização de duas experiências, a laboral, em particular nos pontos em que ela diverge da anterior no país de origem, e os contactos com entidades administrativas, outro sector em que se revela limitado o domínio nativo da respectiva terminologia. Os conceitos abstractos não encontram expressão, já que para ela se necessitaria uma mais funcional familiaridade com o idioma maioritário.

Recorde-se que é predominantemente a este nível abstracto que se integra o considerável vocabulário de raiz românica, portanto em distintas circunstâncias passível de maior aceitabilidade por parte do emigrante, existente no alemão.

Não seria tão-pouco de descartar razões psicológicas para este alheamento. Sentindo-se marginalizado pela população nativa, é concebível que o português, sobretudo o que chegou já depois de ultrapassado o seu período formativo, repudie a cultura do país, incluindo nela a faceta linguística. Também nesta linha, na medida em que a estranheza leva facilmente à ironização, se poderia aceitar uma justificação para certas expressões absurdas como «Viva o Zé!» (adeus, de *Auf Wiedersehen*) ou «Viva o Costa?» (quanto custa?, de *Wieviel kostet?*), sem dúvida utilizadas com uma certa dimensão de jocosidade. Um exemplo ainda talvez mais ilustrativo é o de «história barata» (conselheiro fiscal, de *Steuerberater*) que de certo modo, e para além da relativa homofonia, poderia aludir a uma inaceitável argumentação do dito funcionário. Evidentemente que a formação de sentido absurdo está também presente em variantes emigresas influenciadas por línguas de maior semelhança com o português, como sejam o francês ou mesmo o inglês. A atitude ante as respectivas idiossincrasias nacionais poderia no entanto pressupor uma maior intencionalidade por parte do emigrante de zonas germanófonas.

Na Suíça alemã a interferência linguística no falar emigrês manifesta-se também reduzida, dada uma generalizada ignorância do dialecto germânico da região. Ironicamente regista-se uma maior incidência de termos

de proveniência francesa, mesmo que essa língua não seja conhecida pelo emigrante.

É óbvio que nestas circunstâncias não seria viável que se detectassem dentro do portalemão mais do que câmbios fonológicos, morfológicos e semânticos, aliás relativamente modestos. Um condicionamento sintáctico teria de resultar de uma muito mais perfeita familiaridade com as estruturas do alemão do que a possuída pelo emigrante adulto típico.

Portinglês

O portinglês, cujo aparecimento se pode remontar a pelo menos 150 anos, é a mais antiga e ossificada forma do emigrês, com uma gama de fenómenos fonéticos, morfológicos, sintácticos e semânticos só aproximada pelo portufrancês. A sua vitalidade pode ser documentada nos Estados Unidos e no então chamado Reino do Havai desde os fins do século passado, através de textos poéticos, artigos de jornal e actas referentes a reuniões de tipo fraternalista.

O leque vocabular do portinglês representa também parâmetros vivenciais muito mais latos do que os de qualquer outro dialecto emigrado. A evolução chegou mesmo ao ponto de ter ultrapassado certos vocábulos hoje já obsoletos como «mechim» (automóvel, de *machine*) ou «televeijo» (televisão, de *television*).

Existe uma quase identidade formal entre o portinglês falado na Costa Leste dos Estados Unidos e no Leste do Canadá, zonas onde predomina um muito similar estilo de vida. Já os falares da Califórnia, da Grã-Bretanha, da Austrália e da África do Sul acusam termos

diferenciativos, resultantes de actividades profissionais específicas ou, nos últimos três casos, da influência de outras vertentes dialectais do inglês. O mesmo se poderia dizer do portinglês do Havai, variante hoje extinta.

De um modo geral os emigrantes portugueses em zonas anglófonas adquirem um conhecimento pelo menos rudimentarmente funcional da língua do país através do convívio com empregadores e companheiros de trabalho. Como consequência assimilam ou adaptam em primeiro lugar uma terminologia relacionada com instrumentos e processos utilizados nas suas ocupações. Vem depois outro nível léxico, relacionado com as exigências do contacto com circuitos da vida diária. Esse conhecimento mostra-se todavia mais limitado ou até quase inexistente tanto no caso de isolamento físico (por exemplo os antigos pastores de ovelhas da Costa Pacífica dos Estados Unidos ou os ordenhadores das «leitarias» da Califórnia) como no dos residentes em enclaves urbanos (Joanesburgo, Toronto, Newark, Providence, Fall River, New Bedford), onde as solicitações do quotidiano podem ser atendidas sem a necessidade do recurso à língua do país.

Como é óbvio, são em muitos casos as mulheres que se dedicam apenas aos seus labores domésticos as que maior ignorância do inglês revelam. Esta situação não implica a falta de emprego de portinglêsismos, absorvidos no seu léxico pelo contacto com compatriotas. Os emigrantes mais aculturados, portanto mais familiarizados com a vida comunitária do país adoptivo, alargam o seu léxico portinglês a outros sectores vivenciais tais como as convenções e tradições sociais, a política, a administração pública e a vida académica.

O portinglês dos Estados Unidos constitui a única variante do emigrês em que um número considerável de topónimos sofre adaptações fonológicas ou semânticas ⁵⁴. Para além dos também comuns ao português padrão, tais como Nova Iorque ou Nova Inglaterra, registam-se os seguintes:

Antero — Ontario (Califórnia)
Becasfile — Bakersfield (Califórnia)
Bequiste — a Costa Leste dos Estados Unidos (*back East*)
Betefete, Nubefa — New Bedford (Massachusetts)
Bosta, Bóstão — Boston (Massachusetts)
Canérica — Connecticut
Canto da 33 — zona perto da esquina (*corner*) da Rua 33 com Alum Rock Avenue, em San José, Califórnia, onde se concentram várias lojas portuguesas
Castro Vale — Castro Valley (Califórnia)
Corca — Corcoran (Califórnia)
Forriva — Fall River (Massachusetts)
Gastinas, Gastinhas — Gustine (Califórnia)
Isto — a Costa Leste dos Estados Unidos (*East*)
Lequessintão — Lexington (Massachusetts)
Limoa — Lemoore (Califórnia)
Martas Vinha, Matas Vinha — Martha's Vineyard (Massachusetts)
Messachussas — Massachusetts
Nentaca — Nantucket (Massachusetts)
Nuarque, Nuarca — Newark (New Jersey)
Nuiorca — New York
Pataca, Paquete — Pawtuckett (Rhode Island)
Pixelim — Pixley (Califórnia)

Poravil, Poravel — Porterville (Califórnia)
 Providência, Provedença — Providence (Rhode Island)
 Raneforte — Hanford (Califórnia)
 Rua da Agua — Water Street (New Bedford, Massachusetts)
 Rua d'Além, Roda Além — Rhode Island
 Rua dos Canecas — Orchard Street (San Leandro, Califórnia) ⁵⁵
 Tantão, Tãotene, Tântim, Tôntim — Taunton (Massachusetts)
 Tepetim — Tipton (Califórnia) ⁵⁶
 Vagina — Virgínia.

Para além destes casos conviria registar que na Califórnia os topónimos começados com San se adaptam para São: assim San Leandro passa a São Leandro, San Jose a São José, etc. O San Joaquin Valley é conhecido como o Vale de São Joaquim ou simplesmente o Vale.

A nativização pode estender-se também às designações específicas ou genéricas de locais de trabalho ou de estabelecimentos comerciais através de uma aproximação fonomorfológica ou de uma adaptação semântica:

Botão Curto — Farmácia Bettencourt (New Bedford, Massachusetts).
 Camelo — fábrica de fiação Kerr Mill (Fall River, Massachusetts).
 Canal da Baleia — fábrica de material eléctrico Cornell Vubilier (Fall River, Massachusetts).
 Fábrica da Verga — qualquer fábrica de cabos eléctricos (Nova Inglaterra).

Fábrica dos Caretes — fábrica de enlatamento de cenouras e outros legumes (Artesia, Califórnia).
Fábrica dos Parafusos — uma fábrica de moldes metálicos (Artesia, Califórnia).
Jacque no Bóquexe — Jack in the Box, uma cadeia de restaurantes para refeições ligeiras disseminada por todo o país.
Macdónas — McDonald's, uma cadeia de restaurantes idêntica a Jack in the Box.
Marqueta Basqueta — cadeia de supermercados Market Basket (Califórnia).
Mercado do Pianinho — Supermercado P & N Market (San Joaquin Valley, (Califórnia).
Telhas (masc. sing.) — Thomas Taylors, uma fábrica de confecções (Hudson, Massachusetts).

Os condicionalismos migratórios afectam de igual modo o tratamento dos nomes próprios. Em tempos mais recuados era frequente que o emigrante nos Estados Unidos anglicizasse tanto o seu nome de baptismo como o seu apelido. Este processo iniciou-se devido à dificuldade revelada pelos capitães baleeiros ou pelos funcionários dos serviços de emigração de grafarem correctamente os nomes dos recém-chegados, muitas vezes analfabetos e portanto incapazes de qualquer esclarecimento. Utilizou-se então um método de acercamento fonético e José passou a Joseph ou Joe, Manuel a Manny, Francisco a Frank, Lourenço a Lawrence, Barros a Barrows, Melo a Mellow ou Miller, Oliveira a Oliver, Brás a Brass, Simões a Simmons, Marques a Marks e assim por diante.

Mais tarde outros emigrantes traduziram com maior ou menor grau de exactidão os seus sobrenomes e Carvalho

passou a Oaks, Ferreira a Smith, Pinheiro a Pine, Cruz a Cross, Ribeiro a Rivers ou Brooks, etc. Numa ouriosa trajectória reversiva em alguns casos os nomes próprios adoptivos sofreram por sua vez um certo aportuguesamento fonético: Johnny transformou-se em Jonim ou Janim, Tony em Tonim e Manny em Menim.

Em tempos mais modernos angliciza-se o nome de baptismo mas não o apelido e opta-se por uma aproximação à estrutura onomástica habitual anglo-saxónica: primeiro nome de baptismo, inicial do segundo nome de baptismo e apelido paterno. Simplesmente, entre os emigrantes portugueses a inicial representa na maioria das acomodações o apelido materno e não um segundo nome de baptismo. Assim um hipotético José Manuel Ferreira Rodrigues passaria a ser conhecido como Joe F. Rodrigues ⁵⁷. No caso de um apelido conter um *c* cedilhado (que o americano comum pronunciaria como *k*) procura-se manter o perfil fonético original substituindo-o por um *s*: Gonsalves ou Mendonsa. Entre os luso-descendentes uma partícula de ligação pode automatizar-se: na lista telefónica de Los Angeles do ano de 1987 encontram-se, na letra D, assinantes referenciados como De Freitas, Da Cunha, Da Silva ou Dos Santos.

Designações geográficas ou históricas desconhecidas ou mal conhecidas no período pré-migratório são geralmente pronunciadas segundo o modelo inglês: Korea, Iran, New Zealand, Michaelangelo, Christopher Columbus. Certos gentílicos sofrem contudo um relativo grau de nativização: os «airichos» (irlandeses), os «dochas» (holandeses), os «germanos», os «portorricanos», os «polandas», etc.

Outra característica do portinglês, mais especificamente do portinglês da América do Norte, consiste no facto de ser a única variante emigresa utilizada ao nível literário para sublinhar a dicotomia da vivência da diáspora ⁵⁸. Em autores emigrados como Urbino de San-Payo, Pedro Valadão da Costa, Arnaldo Baptista, Rosa Maria Simas, José Brites e Adalino Cabral na poesia ou Onésimo Teotónio Almeida e Laura Bulger na prosa lança-se mão desta variante para traduzir a híbrida circunstancialidade da vida em terra alheia. Inspirada com frequência por propósitos demonstrativos, a poesia portinguesa pode resultar num alto grau de empastelamento léxico, quase impenetrável para os não iniciados, mas não por isso de menor significado, como é o caso no seguinte poema de José Brites:

Aéle com as troblas

O José Joe
perdeu as peixas todas
pra com os chifres
bossas e chope.
Tinha sido um ano bisi.
Merecia vaqueixas sim senhor.

Pegou na cula
encheu-a de bia
limoneiras mais soras
e begas de aicecubes.
Deu um berro aos quides
carregou o tronco da uaga
e ala pra bitche
apanhar uns cóogues
e um pouco de santane.

Sem o telefone a ringar
era uma semana de brequefaste
beica com ovos
café e mais juce
piqueniques no iarde
e sestas no tendamento
de naice uoraviu.
Cucautes diários
fora com sopas encanadas
porquechapes e linguíça
amburgas e sardinhas
na frisa aicecrimes
e a baica para darem
uns raides à tardinha.
Ah!
Só depois do olidei
se voltava a pensar em bisnas.
Por agora Joe
aéle com as troblas.
Arabóil ... ⁵⁹

Para além desta utilização literária intencional ⁶⁰, mas igualmente testemunho da maturidade atingida pela variante, haveria que notar o frequentíssimo uso não deliberado de termos e construções portinglesas na imprensa de língua portuguesa nos Estados Unidos, tanto nas secções publicitárias como nas noticiosas e editoriais.

O portinglês da Inglaterra apresenta-se muito mais isento de formações nativizantes do que o dos Estados Unidos, embora termos ingleses se imiscuam com relativa frequência no discurso português. É também possível detectar, ao nível do vocabulário mais culto, numa certa

dosagem de aproximação semântica: cite-se como exemplo que uma publicação emitida por autoridades consulares se referia a «uma lista mais elaborada» (*elaborate*, ou seja, completa, pormenorizada). Esta maior pureza da subvariante britânica explica-se muito provavelmente pela modernidade da emigração e por uma mais alta escolaridade e sofisticação do grupo emigrante.

Portolandês

De um modo geral, devido à inexistência de agrupamentos residenciais portugueses na Holanda, à dificuldade que o idioma do país ofereceu para as primeiras vagas migratórias ⁶¹ e à débil interacção do emigrante comum com a sociedade ambiente, o impacto do holandês na língua natal mostra-se relativamente limitado. A inserção de holandesismos no falar dos emigrantes portugueses varia apesar disso em razão inversa da sua preparação académica, sendo quase nula ao nível da emigração de raiz política ⁶². Observa-se inclusivamente dentro deste grupo uma forte preocupação de policiar as formas de expressão dos seus membros no sentido de não se deixar perder a pureza do idioma natal.

Com pequenas excepções (como a pitoresca designação de «Chico Afonso» para a Caixa de Previdência ou *Ziekenfonds*), os portolandesismos não arrancam da assimilação de elementos desconhecidos ou pouco familiares para um emigrante transplantado de uma zona rural para uma urbana. Constituem pelo contrário o muito natural fenómeno de uma transposição

semântica em casos de relativa homofonia. Estes cognatos falsos podem pois representar objectos ou conceitos perfeitamente comuns na experiência anterior, como por exemplo «alto» por velho (*oud*) ou «azeite» por vinagre (*azijn*). Ocasionalmente registam-se exemplos em que a adaptação semântica denota uma relativa aproximação de sentido: «estrada» por rua (*straat*) ou «tapete» por alcatifa (*tapijt*).

Portuflamengo

A interferência do flamengo na linguagem dos emigrantes radicados na zona norte da Bélgica ocupa um espaço bastante restrito. Utilizam-se contudo com certa frequência termos originários do francês, quer estes tenham sido incluídos no flamengo numa forma pura quer tenham sofrido adaptações. Entre os núcleos portugueses radicados na zona flamenga, o de Waterschei, talvez devido à sua antiguidade, demonstra um razoável domínio da língua da região, sendo-lhe em muitos casos desconhecido o francês. No entanto, na recolha aí realizada para a elaboração do presente estudo apenas se detectou uma modesta presença de flamenguismos, o que igualmente se verificou na cidade de Ostende. Assinalaram-se todavia exemplos curiosos de tradução literal como «escola grande» (escola secundária, de *grote school*)⁶³ ou «pequena naturalização» (naturalização com direitos limitados, de *kleine naturalisatie*). Na zona de Bruxelas, de expressão flamenga predominante mas onde o francês impera como mais prestigioso idioma administrativo, os portugueses

raramente conhecem o flamengo, sendo por conseguinte apenas de origem francesa a transferência linguística.

Portufrancês

Dado que a França constitui o país que acolheu maior número de emigrantes portugueses e que existem nítidas afinidades entre o francês e o português, tornou-se perfeitamente compreensível o vigor com que se desenvolveu o portufrancês. O paralelismo vocabular, estrutural e mesmo até certo ponto fonológico entre os dois idiomas facilitou ao emigrante, se não em todos os casos um razoável manejo da língua adoptiva, pelo menos uma forte receptibilidade ante o processo de importação de estruturas linguísticas. É este paralelismo que explica um aspecto (também pelas mesmas razões verificado no portunhol) muito característico, o da apetência pelo sinónimo ou quase sinónimo de cunho mais inusitado, erudito ou arcaico: «habitar», «lunetas», «ensinante», «marchar», «infante» e vários outros. A par disto é comum a transferência semântica com base numa aproximada homofonia (ainda como acontece também em relação ao espanhol), em casos como «cozinheira» (fogão, de *cuisinière*), «essência» (gasolina, de *essence*), ou «jogar» (brincar ou tocar, de *jouer*).

Outra característica do portufrancês consiste na incidência de formações absurdas e de certo modo risíveis, baseadas igualmente em semelhanças fonológicas: «Maria» (Câmara Municipal, de *Mairie*), «Caixa de Espanha» (Caixa Económica, de *Caisse d'Épargne*), «caçar a gola» (partir a cara, de *casser la gueule*) ou «João da Maria» (polícia ou esquadra de polícia, de *gendarmerie*). Tal

como sucede no portinglês, estas locuções parecem criar-se numa base de absoluta inconsciência linguística, sem propósitos humorísticos.

Como quase inevitável corolário do choque provocado pela passagem de uma experiência de trabalho rural a outra de trabalho urbano, uma razoável percentagem do léxico portufrancês traduz elementos anteriormente desconhecidos ou pouco familiares tais como ferramentas, materiais, locais de trabalho, categorias profissionais e processos legais ou administrativos relativos ao emprego e à assistência na doença. Por outro lado as frequentes viagens a Portugal impuseram em muitos casos a aquisição de um automóvel e a assimilação de vocabulário a ele respeitante.

Segundo seria de esperar, nas zonas bilingues ou até multilingues em que o francês representa um componente de uso quotidiano (Bélgica, Suíça, Luxemburgo, África do Norte e Zaire) o emigrante português tende a optar pela via de menor resistência e utiliza preferencialmente essa língua como veículo de comunicação. Daí que seja este o idioma que mais influencia a sua forma de emigrês. Um dos exemplos mais típicos é o caso do Luxemburgo, país onde coexistem três variantes linguísticas, o dialecto luxemburguês, o alemão padrão e o francês. O emigrante adulto, como é lógico, ignora as duas primeiras. As crianças, todavia, se chegadas muito jovens, aprendem com facilidade o luxemburguês nos seus contactos diários e na escola primária. Ao nível secundário passam sucessivamente por um predomínio do alemão (nos primeiros anos) e do francês (nos cursos mais avançados). Se contudo chegam já com alguns anos de escolaridade em Portugal a situação complica-se, já que o alemão

oferece muito maiores dificuldades de assimilação que o francês. Esta dificuldade é superada por alguns pais que enviam os seus filhos para internatos belgas ⁶⁴.

Também na zona norte da Bélgica a criança portuguesa fica exposta a uma situação de trilinguismo: o português de casa, o flamengo da escola primária e o francês da escola secundária. A pureza da língua natal mostra-se no entanto muito pouco afectada por esta situação. Será curioso constatar, tanto quanto à Bélgica como quanto ao Luxemburgo, o que este esquema implicará para a feição de que o falar emigrante, se sobreviver entre esta geração, se possa revestir. A criança residente na Bélgica, com um conhecimento mais perfeito do flamengo que o de seus pais, poderá eventualmente desenvolver o volume do portuflamenguismo. No caso do Luxemburgo a perduração de uma influência francesa, através sobretudo da via paterna, parece factível. Não seria apesar disso de excluir a possibilidade de um futuro portuluxemburguês.

Portunhol

Em vista da extrema semelhança entre os dois principais idiomas ibéricos, o panorama linguístico da emigração portuguesa em zonas hispanófonas apresenta características muito específicas. Uma quase completa assimilação à língua preponderante, fenómeno que aproxima esta situação à do Brasil, pode dar-se em poucos anos. Esta faceta contrasta violentamente com as normas das outras zonas de emigração, onde o português nunca é completamente esquecido pelo emigrante adulto ⁶⁵.

O portunhol acusa uma grande facilidade para a criação de cognatos falsos: «taça» (de *taça*) por chávena, «escova» (*escoba*) por vassoura, «rechaçar» (*rechazar*) por recusar ou repudiar e outros. O principal critério de importação vocabular não assenta pois numa base de necessidade, ou seja, na adaptação de um termo desconhecido, como em outras variantes, já que o estilo de vida do país não se distancia significativamente do experimentado na pátria de origem. O que o predomina é pelo contrário uma transposição de sentido, catalizada pela homofonia existente em muitos casos. Assinala-se no entanto uma relativa acomodação sempre que o termo contenha fonemas inexistentes em português. Em casos esporádicos regista-se também uma aproximação a estruturas sintáticas espanholas. É também frequentíssima a incorporação pura e simples de palavras espanholas sem significativa alteração fonética, morfológica ou semântica: *paro* (desemprego), *chabola* (barraca), *cacharros* (ferro-velho) e muitas outras. Entre os emigrantes provenientes do Nordeste de Portugal (que se fixam sobretudo nas Astúrias) a adequação fonética é facilitada pela coincidência com certas características do castelhano, como a africada *tch* e o predomínio do *b* sobre o *v*.

O EMIGRÊS: CARACTERÍSTICAS GERAIS

A existência de falares híbridos no seio das comunidades emigrantes portuguesas, neste estudo colectivamente designados como emigrês, não representa de modo algum um caso isolado ou mesmo insólito. A génese de um dialecto “ da língua nativa entre um grupo minoritário estabelecido numa região onde prevaleça outro idioma é um fenómeno universal. Torna-se óbvio que, posto que a emigração constitui um enorme desdobramento de planos de vivência, se cria a absoluta necessidade de verbalizar elementos do novo enquadramento sócio-profissional. No caso do emigrante português tenha-se em conta que não se trata normalmente só de integração em outra ambiência nacional mas também de uma traumática transferência do meio rural ao urbano. Um segundo factor a encarar será um real ou concebido maior prestígio do sistema linguístico dominante, expoente de uma cultura que o emigrado reputa superior àquela que antes conhecia. Em vários casos seria igualmente de admitir uma mais alta expressividade de certas formas emprestadas do idioma de acolhimento.

A situação de contacto cultural gera pois uma variante divergente da norma linguística pátria, na medida em que a ela se adiciona um superstrato alheio. O exemplo que mais se poderia aproximar ao emigrês de raiz lusa é o do *Spanglish*, ou espanhol anglicizado que se tornou moeda corrente entre alguns grupos hispanófonos nos Estados Unidos, nomeadamente os portorriquenhos de Nova Iorque, os cubanos de Miami e os mexicanos e centro-americanos da região sudoeste.

O emigrês, considerado na totalidade das suas subvariantes, é tanto um dialecto horizontal (geográfico) como vertical (social). Como dialecto horizontal apresenta características inerentes à sua distribuição espacial, as resultantes do impacto de outro idioma; como dialecto vertical, quase sociolecto, restringe-se a certos parâmetros léxicos e semânticos, determinados pelo tipo da experiência emigrante. Compartilha também das duas vias que podem levar à génese de um novo dialecto, a dinâmica e a inértica. Pela dinâmica toma forma assimilando e adaptando modelos alienígenas. Pela inértica internaliza esses modelos e transmite-os de uma geração emigrante a outra.

Em termos linguísticos a experiência migratória representa tanto um processo de expansão como de contracção vocabular. Por um lado adquire-se um repositório léxico compatível com as novas necessidades existenciais mas por outro perde-se grandemente toda a faixa referente a actividades e costumes de que o falante se vai desvinculando. A nativização desenvolve-se num vasto leque de níveis conceptuais e verbais. Na enorme maioria dos casos viabiliza-se por via oral, quando o emigrante (geralmente de reduzíssima capacidade ou apetência para a leitura) integra no seu inventário lexical,

com inevitáveis acercamentos aos seus hábitos linguísticos, termos escutados à gente do país ou transmitidos por compatriotas. Esta camada vocabular incide primordialmente sobre elementos concretos e quotidianos. Ao nível mais conceptualizado, e sem dúvida como criação de indivíduos mais bem escolarizados, podem por vezes observar-se assimilações de relativo recorte erudito, como seriam os casos do portinglês «cidadania» (de *citizenship*) para designar a nacionalidade norte-americana adquirida por naturalização ou o portugermanismo «trabalhador convidado», que traduz a condição de *Gastarbeiter*. A motivação é todavia a mesma em qualquer ponto da hierarquia linguística: a necessidade de dar forma verbal expressiva aos componentes do novo condicionalismo vivencial.

Este dialecto não apresenta por via de regra um forte grau de coesão. Mantém-se num intenso estado de fluxo, dado que, para além da normal dinâmica de qualquer variante, incluindo até os idiolectos, cada geração migratória lhe vai trazendo outras aportações. Os luso-descendentes podem também desempenhar um papel de relevo na formulação de novos conceitos. Dominando em absoluto o idioma do país de acolhimento, actuam eles muitas vezes como intérpretes para os pais. Neste papel serão necessariamente levados a cunhar termos que transponham para a compreensão paterna conceitos a ela alheios. A nativização é nestas circunstâncias catalizada pelo reduzido domínio do português que a segunda geração habitualmente possui, dada não só a sua frequente inacessibilidade a uma aprendizagem formal como também a ausência de modelos ao nível do domínio vocabular e estrutural dos pais. (Para além destas limitações haveria também que notar que em muitas

famílias emigradas se prefere usar a nova língua, ainda que muito imperfeitamente, no convívio com os filhos, acentuando assim o distanciamento destes em relação aos valores tradicionais).

Apesar de poderem ocorrer apreciáveis rupturas da normatividade morfológica, sintáctica e até em certos casos fonética, é sobretudo no campo da criação lexical que a interferência linguística mais se faz sentir. Na sua forma o vocábulo assimilado pode oscilar entre uma relativa pureza e uma forte repadronização. Substantivos e verbos são os semantemas adaptados com mais alta recorrência. Representam eles naturalmente os elementos e acções que na nova experiência maior estranheza causam e que portanto exigem uma verbalização privilegiada.

Ainda que com menor incidência surgem também adjectivos, muitas vezes com correspondente natural no repatório materno mas aceites em virtude da sua constante ocorrência na comunicação com a gente do país. As chamadas «palavras vazias» (pronomes, numerais, advérbios, preposições ou conjunções) revelam-se infrequentes. Os numerais podem todavia tornar-se passíveis de relexificação quando se integram num semantema. Como exemplo está a expressão «naino (*ninth*) ano», designando a nona classe de um programa escolar, registada no falar de uma mulher emigrada na África do Sul ⁶⁷. Quanto a esta relativa escassez seria necessário abrir também uma excepção para os bordões linguísticos (interjeições, expressões introdutórias ou enfatizantes e outras) que a cada passo surgem no discurso emigrante.

Torna-se algo precária qualquer tentativa sistemática de relacionamento do volume e qualidade do novo acervo

lexical com outras circunstâncias, em particular de natureza extralinguística. Se é evidente que a alternância ou comutação (o *code-switching* da terminologia linguística inglesa) varia consoante uma série de factores coincidentes (escolaridade, idade em que se inicia a emigração, duração do período migratório, nível de aculturação, actividade profissional, sexo — e portanto a natureza da inserção no mercado laboral e da interacção com o meio social circundante — volume e maturidade da radicação portuguesa numa determinada zona, semelhança da língua materna com a do país de acolhimento ou grau de conhecimento e conceito de prestígio desta) é certo também que esses factores não permitem uma fácil quantificação. Seria contudo necessário destacar a muito concebível importância do aspecto colectivo, em oposição ao individual, já que os valores numéricos e a duração histórica da presença lusa numa determinada zona parecem revestir-se de um significado especial. Ainda que a pesquisa que conduziu ao presente trabalho não tenha permitido uma abordagem estatística, os dados recolhidos indicam que as variantes usadas nos países de mais substancial e longa emigração portuguesa são aquelas em que se pode encontrar um mais alto índice de comutação.

A inconsistência e imprevisibilidade da articulação destes factores podem ser ilustradas pela série de exemplos a seguir mencionados, escolhidos com um critério quase arbitrário mas escalonados segundo o nível de aceitação da língua estrangeira e sempre referentes a indivíduos nascidos e, pelo menos parcialmente, educados em Portugal:

1. Dirigente associativo (França); funcionário dos serviços de assistência social (Holanda). Ambos com trinta e poucos anos. Absoluta fluência e correcção nos dois idiomas. Discurso português impecável. Ambos atentos ao processo de interferência noutros falantes.
2. Metalúrgico (Alemanha). 50 anos, 21 de estadia na RFA. Conhecimento limitado do alemão. Discurso português bastante puro, interferências apenas em relação a nomes de instituições, mencionadas em alemão mas com tonicidade portuguesa.
3. Operário da construção civil (zona francesa da Suíça); operário da construção civil (Luxemburgo). O primeiro na casa dos trinta, o segundo na dos cinquenta. Ambos com estadias intermitentes. Nenhum deles com conhecimentos de francês. Ocasionais emigresismos léxicos.
4. Trabalhador (França). Cerca de 60 anos, longa estadia no país. Tenta iniciar uma conversa num francês incorrecto («Dans le village de moi...»). Ante os protestos dos companheiros passa ao discurso português, com alguns emigresismos léxicos.
5. Mineiro (Espanha). Cerca de 60 anos. Escolaridade reduzida, longa estadia, alto grau de aculturação, óbvia facilidade de compreensão do espanhol. Espanholismos esporádicos.
6. Operária da indústria de confecções, aposentada (Estados Unidos). Cerca de 70 anos. Escolaridade

mínima. Desconhecimento do inglês. Dois registos perfeitamente independentes: Português puro ao evocar reminiscências da terra natal, portinglesismos ao relatar experiências profissionais ⁸⁶.

7. Professor do ensino primário (Estados Unidos). Cerca de 35 anos, formação universitária americana. Perfeito domínio dos dois idiomas. Por vezes traduções literais de idiomatismos ingleses como «negociar uma curva» (fazer uma curva com dificuldade, de *to negotiate a curve*).
8. Operário (França); empregada doméstica (Estados Unidos). Ambos na casa dos quarenta, com longas estadias. Constante inserção de locuções estrangeiras na frase portuguesa («Um *bouquin* feito por vários *historiens* franceses»; «Tás a ver como é *con?*»; «Ela não sabe se os *kids* ‘arraivam’ (chegam, de *to arrive*) *Saturday*. É mais *easy* que eles venham porque são *young*») ⁶⁹. Frequente recurso a bordões linguísticos (*malheureusement*; *What do you mean?*). No caso da empregada também criações presumivelmente idiolécticas: «tcharjar» (pagar com cartão de crédito, de *to charge*).
9. Empregado de serviço doméstico (Estados Unidos). Pouco mais de 50 anos. Educação secundária. Prolongada estadia em Inglaterra e nos Estados Unidos. Poeta, contista e romancista. Intensa utilização de emigresismos no discurso coloquial, com muito provável presença de idiolectismos. Português impecável, cuidado, artístico, na sua produção literária ou quando fala em público ⁷⁰.

10. Professor universitário (Estados Unidos). Na casa dos cinquenta, formação acadêmica americana, cerca de 30 anos de estadia no país. Perfeito domínio dos dois idiomas. Introdução de períodos completos em inglês no discurso português.
11. Empregada de uma *boutique* (Estados Unidos); gerente de um restaurante (Estados Unidos). Ambos na casa dos quarenta, ambos chegados em idade adulta, ambos tendo casado fora do seu grupo étnico. Possibilidade de expressão em português mas decidida preferência pelo discurso inglês, correcto mas marcado por um sotaque português.
12. Funcionária de uma agência de publicidade (Estados Unidos). Cerca de 50 anos, chegada na adolescência. Formação universitária ao nível de mestrado em estudos portugueses. Fala um português correcto mas hesitante, em que os emigresismos estão ausentes. Inglês a língua predominante, invariavelmente preferida ao português e usada a um nível de absoluta nativização.

Duas situações extremas seria dentro deste contexto possível apontar. A primeira é a do indivíduo que utiliza com razoável perfeição o idioma maioritário e que possui uma consciência linguística que o induz a manter pura a sua língua materna e a denunciar uma forte intolerância para com quaisquer desvios à norma, embora possa deliberadamente empregar emigresismos para facilitar a comunicação com compatriotas. Seria apesar de tudo plausível admitir que o próprio domínio da língua

adoptiva influencie inconscientemente o seu registo ao ponto de o levar a empregar unidades lexicais ou estruturas frasais alienígenas, em especial a um nível erudito. No extremo oposto está o indivíduo completamente monolíngue mas que apesar disso, por razões de contiguidade ou de suposto prestígio, assimilou os emigresismos correntes dentro da sua comunidade.

Entre estas duas situações pode evidentemente desenrolar-se uma extensa hierarquia de outras. Qualquer indivíduo que tenha vivido alguns anos num *habitat* linguístico diferente do seu, seja qual for a sua atitude em relação aos valores do idioma, poderá atestar que um maior ou menor grau de interferência é absolutamente inevitável.

Como é óbvio, o emigrês não oferece um carácter monolítico. Dada a vasta galáxia dos seus subdialectos horizontais e verticais usados por emigrantes nas principais zonas de fixação onde outro idioma predomine ⁷¹, o termo «emigrês» representa apenas um conceito abstracto, mais que tudo aplicável a um processo de formação e a um somatório de formas de expressão. Posto que actualmente os emigrantes portugueses se encontram radicados em cinco zonas linguísticas mais importantes (para além dos países receptores onde se utiliza um português algo divergente da norma europeia, como sejam o Brasil, Angola ou Moçambique), seria lícito considerar este número como o de variantes principais do emigrês. É lógico, contudo, que estes grupos se dividam em subgrupos, cujas características distintivas são determinadas pela especificidade da experiência migratória, traduzida num léxico próprio.

A génese de variantes emigresas representa uma inevitabilidade da vivência na diáspora. Referindo-se ao

exemplo do portinglês escreve Gilbert Ralph Avellar: «... this variant can also be looked at as a linguistic compromise with English in order to maintain Portuguese in a form that is more communicable in the English speaking environment of the U. S.» ⁷². As últimas palavras são passíveis de duas leituras. Se a referência ao ambiente anglófono procura acentuar um nível vivencial cujos elementos são frequentemente nomeados por termos ingleses é inegável que a afirmação se pode aceitar como pertinente. Não seria contudo plausível admitir que o uso dos portinglesismos se destine a viabilizar a compreensão do português ante um interlocutor americano monolingue.

Confrontado com uma nova ambiência, o emigrante tem necessariamente de gerar um novo inventário lexical para a tentar conceptualizar. Em grande maioria este vocabulário resulta do encontro com recém-conhecidos processos e instrumentos de trabalho ou com formas de vida mais cidadinizadas. Um exemplo é o da actividade política ou associativa, cujo mecanismo e terminologia se revelavam pouco familiares no período de residência em Portugal. No caso do jovem emigrante, ou de seus pais, o embate com um sistema académico estranho produz igualmente a necessidade da criação de um vocabulário próprio, híbrido de português e da língua do país de recepção.

Por outro lado a utilização de um novo nível lexical e até sintáctico pelo emigrante poderá ilustrar o seu grau de conseguimento e de aculturação a uma sociedade que se estima como superior e representar deste modo um primeiro passo para uma desejada, embora raramente conseguida, tentativa de mimetismo cultural. Esta faceta ressalta com mais frequência, ou pelo menos assim é

percebida pelo observador externo, durante as férias na terra natal ou no diálogo com o emigrante recém-chegado. A este respeito escreve a Prof.^a Maria da Conceição Vilhena:

Em grande parte dos casos as importações são mais por razões de ordem social que estrutural: o emigrante vê nelas uma marca de ascensão socioeconómica, compatível com as suas aspirações de triunfo. Empregar estrangeirismos é uma forma de ostentar a sua promoção e de acentuar a sua superioridade em relação aos familiares que ficaram na terra e que só falam a sua língua. Se a mulher diz que vai fazer um *lapin* para o almoço e não um coelho, é porque pelo emprego de uma palavra estrangeira ela dá provas da sua abertura à inovação. O grau de prestígio da língua estrangeira é uma garantia de prestígio para aquele que a usa, mesmo que parcialmente, ou muito incorrectamente ⁷³.

A intencionalidade não estará todavia associada à motivação primordial para a preferência pelo estrangeirismo. A forma alienígena encontra-se muito frequentemente já cristalizada no discurso natural do emigrante e é empregada nas situações mais quotidianas da sua existência, dentro ou fora do novo círculo linguístico. No que diz respeito à sua causalidade, os emigresismos incluem-se principalmente nas seguintes categorias:

1. Elementos concretos anteriormente desconhecidos ou pouco familiares: «televeijo» (televisão, do inglês *television*), «tronçonosa» (moto-serra, do francês

tronçonneuse), «história-carta» (cartão de identidade fiscal, do alemão *Steuerkarte*) ou «cantor» (escritório, do holandês *kantoor*). Trata-se pois de elementos cuja verbalização jamais ou só muito raramente ocorrera na experiência linguística que precedeu a emigração.

2. Elementos concretos anteriormente conhecidos mas que apresentam um carácter distinto na experiência emigrante: «marqueta» (loja, de *market*) ou «especiaria» (mercearia, de *épicerie*). A criação destes lexemas deve-se portanto não a uma estranheza absoluta em relação ao novo elemento mas sim a uma atitude específica ante ele. Neste aspecto a margem de diferenciação pode mostrar-se mínima: foi muito concebivelmente o contacto com uma marca desconhecida ou com um rótulo estranho que levou à cunhagem dos termos «biera» ou «bia» (cerveja, de *bière*, *beer*, ou *Bier*).
3. Acções inusitadas ou alheias à experiência vivencial anterior: «trabalhar ao negro» (trabalhar ilegalmente, de *travailler au noir*), «trimar os buxos» (aparar os arbustos do jardim, de *to trim the bushes*), expressão ouvida a uma emigrante nos Estados Unidos cuja experiência pré-migratória não incluía obviamente esta operação ou «meter uma crancada» (dar parte de doente, do alemão *krank*), um processo estranho a emigrantes oriundos do sector agrário.
4. Elementos abstractos de incómoda ou difícil verbalização em português e de mais condensada expressividade na língua da emigração: «enjoyar» (de

to enjoy) teria que ser expressado na língua natal por formas algo díspares, como «divertir-se», «gozar» ou «gostar de», enquanto que «bricolar» (de *bricoler*) tanto poderia implicar fazer um biscate como dedicar-se a algum passatempo.

5. Termos estrangeiros relativamente eruditos cujo equivalente português é mal conhecido ou não ocorre com naturalidade: no seu número de 4 de Setembro de 1986 o *Jornal Português* de San Pablo, Califórnia, referia-se a pontes que «colapsaram» (abateram, de *collapsed*). Nesta categoria poderiam também incluir-se, por exemplo, os verbos «regretar» (lamentar, de *regretter*) ou «rechaçar» (recusar, do espanhol *rechazar*).

Dada a escassa amostragem obtida no presente trabalho para o arrolamento de algumas das variantes do emigrês, uma classificação quanto à categorização gramatical ou aos reflexos lexicais das áreas de experiência só se revelou significativa em relação ao portinglês e ao portufrancês.

Como seria de esperar, são os substantivos e os verbos as categorias gramaticais que predominam no vocabulário emigrês. Trata-se evidentemente de um esforço para a expressão de novos elementos e processos vivenciais. Os adjetivos e as «palavras vazias» ocupam apenas um espaço mínimo. Para o portinglês e o portufrancês o esquema distribucional, baseado nos glossários incluídos neste estudo, oferece o seguinte perfil, em números arredondados:

	Portinglês	Portufrancês
Substantivos comuns e próprios.....	78 %	72 %
Verbos e locuções verbais.....	19 %	17 %
«Palavras vazias»	2 %	8 %
Adjectivos.....	1 %	3%.

Como se pode observar, a distribuição oferece um forte paralelismo. Apenas numa categoria se encontra uma sensível diferença, a das «palavras vazias». O mais elevado índice do portufrancês deve-se por certo à relativa homofonia de certos termos ou expressões, tais como «Tá gola!» (*Tá gueule!*), «como dabitude» (*comme d'habitude*), «Vá lál» (*Voilà*) e outras, que as tornam frequentemente assimiláveis. (No caso do portinglês são também comuns as interjeições e bordões linguísticos mas numa forma mais pura, o que levou à sua exclusão dos glossários, que apenas incluem formas com um apreciável grau de nativização).

No que diz respeito à distribuição do léxico por áreas de experiência observam-se os seguintes resultados:

	Portinglês	Portufrancês
Trabalho.....	32 %	39 %
Aspectos vários da vida quotidiana ..	16 %	24 %
Habitação.....	12 %	7 %
Alimentação.....	11 %	3 %
Relações sociais.....	11 %	8 %
Transportes.....	8 %	12 %
Instituições	6 %	4 %
Educação	3 %	1 %
Saúde	1 %	2%.

Verifica-se pois que em ambos os casos, e sem notável divergência numérica, é o vocabulário relativo à vida profissional aquele que atinge mais altos valores. Não se afigura surpreender esta conclusão. O trabalho representa, como é lógico, a grande motivação do processo migratório e ocupa pois um lugar significativo nas preocupações do emigrante. Além disso o carácter de novidade das actividades laborais e dos seus processos conduz necessariamente à génese de uma terminologia que os descreva. No caso da vida quotidiana a relativa discrepância pode atribuir-se à conclusão no vocabulário portufrancês de vários casos de substantivos e verbos denotando facetas da experiência diária que foram incorporados ao falar emigrante devido à atracção exercida por termos franceses de contorno fonético semelhante. A maior incidência de vocábulos relacionados com a habitação no portinglês justifica-se pelo facto de os quatro mais numerosos núcleos portugueses estabelecidos em zonas anglófonas, os dos Estados Unidos, Canadá, Austrália e África do Sul, representarem uma emigração mais antiga que a europeia e por conseguinte, tal como acontece com toda a radicação transoceânica, sempre mais sedentária e permanente, com maiores possibilidades de aquisição de habitação própria e do seu apetrechamento. Razões semelhantes explicam o desequilíbrio numérico no tocante aos termos relacionados com a alimentação. Uma mais perfeita aculturação por parte dos emigrantes radicados em zonas anglófonas permite não só uma melhor adaptação a novos hábitos alimentares como a possibilidade económica de um consumo em maior abundância. A superioridade do primeiro grupo sobre o segundo quanto ao vocabulário empregado para

descrever relações sociais reflecte igualmente uma mais avançada aculturação. O relativo imobilismo da emigração transatlântica em contraste com as frequentes viagens a Portugal pelo grupo migratório transcontinental encontra-se na base da mais alta frequência de vocábulos relacionados com os transportes, utilizados no portufrancês.

Nos sectores relativos às instituições e à educação pode de igual modo atribuir-se a diferença numérica ao maior amadurecimento da experiência migratória transoceânica. Esta diferença sente-se especialmente no campo educativo: além de outras circunstâncias de ordem económica e cultural, em muitos casos o curto período passado pelos emigrantes em zonas francófonas não permitiu uma significativa familiaridade com o sistema escolar do país de acolhimento nem sequer o acesso dos filhos ao ensino superior. Os baixos índices registados na última categoria, a da saúde, dificultam uma análise contrastiva. Poderia apesar disso admitir-se que o contacto dos emigrantes transcontinentais com um sistema oficializado de protecção na doença implique a aquisição de expressões como «Caixa de Maladia», quase inaplicáveis à experiência norte-americana, australiana ou sul-africana.

Uma segunda abordagem a este aspecto consiste na quantificação, dentro dos glossários elaborados para o presente trabalho, dos termos referentes a elementos desconhecidos ao nível de experiência do emigrante típico oriundo de uma pequena comunidade rural ou piscatória, assim como daqueles relativos a elementos conhecidos mas não presentes na vida quotidiana ou que se revistam de um carácter substancialmente diferente no

país acolhedor. Para as duas variantes mais representadas nestes glossários são os seguintes os resultados:

	Portinglês	Portufrancês
Elementos desconhecidos	82,56 %	50,81 %
Elementos pouco conhecidos	6,56 %	21,31 %
TOTAL	89,12 %	72,12 %.

As discrepâncias verificadas nesta contagem reflectem sobretudo a existência no glossário portufrancês de numerosas acomodações fonológicas em vocábulos referentes a elementos com os quais o emigrante demonstra uma razoável familiaridade. De qualquer modo os dois exemplos denunciam que o termo assimilado representa na sua grande maioria (pelo menos em cerca de dois terços) elementos que oferecem ao emigrante uma maior ou menor dosagem de estranheza.

Outras conclusões se poderiam extrapolar da relação entre a vivência emigrante e a sua verbalização através da cunhagem de certos termos. Tanto no caso do portufrancês como no do portinglês é escasso o vocabulário que diz respeito a diversões e a vestuário, um muito possível indicativo da domesticidade ou pelo menos endogenismo de ambos os grupos. Por outro lado, no falar dos emigrantes em países falcófonos observa-se um número relativamente alto de termos referentes a dinheiro e ao serviço postal, com toda a plausibilidade espelhando o fenómeno das remessas periódicas para a família deixada no local de origem.

PROCESSOS DE FORMAÇÃO

No que diz respeito à assimilação lexical os fenómenos de criação são basicamente dois: adição e substituição. No primeiro dos casos a absorção total de uma unidade vocabular constitui um dos processos mais habituais, presente quando o perfil fonomorfológico do empréstimo não entre em violento conflito com as predisposições linguísticas do falante. Se, no entanto, se encontram no novo lexema características de difícil percepção ou articulação para o sistema fonador do emigrante recorre-se ao processo de substituição. Em vez de um fonema insólito produz-se aquele cujo ponto de articulação, dentro do sistema do falante, esteja mais próximo do original. A adaptação fonética associa-se intimamente à morfológica ⁷⁴ e busca-se quanto a esta um acertamento a normas nativas, em especial através de afixações nominais ou verbais. Noutros casos, menos habituais, lança-se mão de uma tradução mais ou menos forçada ou cria-se mesmo um semantema locucional. Regista-se assim uma grande variedade de processos específicos de formação de estruturas, dos quais os mais frequentes, segundo um critério de progressivo afastamento do português padrão, são os seguintes:

1. Emprego de uma expressão ligeiramente inusitada

Este fenómeno surge com maior incidência nas variantes influenciadas por línguas mais afins ao português, como o espanhol e o francês. Revela-se muitas vezes através de relativos eruditismos ou mesmo arcaísmos decalcados da língua do país de acolhimento mas que mantêm uma bastante sensível aproximação semântica. Assim no portunhol acham-se empréstimos como «abrigo» (sobretudo), «periódico» (jornal) ou «piso» (andar, apartamento). Quanto ao portufrancês podem-se apontar exemplos como «habitar» (viver), «marchar» (andar), «viatura» (automóvel) ou «lunetas» (óculos).

Eventualmente este processo pode observar-se também em línguas de raiz germânica. No portinglês usa-se «estudante» com o sentido de aluno ou «sentença» em vez de frase. Para o portalemão poder-se-iam apontar os vocábulos «estampa», por carimbo, e «pausa», por intervalo ou descanso. Tanto no portinglês como no portalemão ouve-se «crianças» no sentido de filhos, mesmo adultos. No portolandês emprega-se «muro» por parede. Obviamente, muitas destas acomodações são explicáveis pela polissemia do termo original.

2. Transferência de tonicidade

Neste caso a maior frequência detecta-se no portufrancês, sobretudo devido à inexistência de esdrúxulas na língua modelo. Ouvem-se assim fonações

como *catastrofe* ⁷⁵, *arabe*, *invalído*, *dolar* e *radiô*. Estes câmbios são igualmente possíveis, ainda que de forma esporádica, no portinglês (*telefone*) ou no portunhol (*maquinaria*). Incidem em especial sobre palavras de baixa frequência no uso anterior à emigração.

3. *Cognatos falsos*

A cunhagem de cognatos falsos ou importações semânticas constitui um processo extremamente comum em qualquer variante. Este processo consiste na transferência do sentido de um termo estrangeiro para outro português de relativa homofonia. No portufrancês encontram-se numerosos vocábulos pertencentes a esta categoria: «*especiaria*» (mercearia, de *épicerie*), «*taça*» (chávena, de *tasse*) ⁷⁶, «*peça*» (moeda ou divisão de uma casa, de *pièce*) e muitos outros. O mesmo sucede com o portinglês: «*cela*» (cave, de *cellar*), «*frisa*» (congelador, de *freezer*), «*mecha*» (fósforo, de *match*) e muitos mais. Em vários casos a criação de um cognato falso é reforçada por um acertamento semântico: «*ribeiro*» por «*rio*» (do holandês *rivier*), «*estrada*» por «*rua*» (alemão *Strasse*, holandês e flamengo *straat*).

4. *Cunhagem por aproximação fonomorfológica*

Este fenómeno observa-se com frequência em relação a termos significativos na experiência emigrante que não tenham equivalente fácil no inventário léxico anterior do emigrante e consiste na atribuição de um perfil fonomorfológico português ao termo assimilado: «*chafar*»

(trabalhar intensamente, do alemão *schaffen*), «oquechim» (leilão de gado, do inglês *auction*), «carrelagem (ladrilhagem, do francês *carrelage*) ou «bazuína» (redução, corte, do holandês *bezuiningen*). Torna-se contudo possível constatar a existência de outros representando elementos perfeitamente integrados na experiência quotidiana do emigrante: «cartofas» (batatas, do alemão *Kartoffeln*), «mariar» (casar, do francês *marier*) ou «jampar» (saltar, do inglês *to jump*).

5. Tradução literal

A tradução literal representa um processo alternativo ao da adaptação fonética e de um modo geral incide igualmente sobre termos estranhos ou pouco familiares numa experiência pré-migratória. Surge com frequência relacionada com instituições ou aspectos da vida administrativa: «cartão verde» (o bilhete de identidade para residentes estrangeiros nos Estados Unidos, de *green card*, termo coloquial para designar o *alien registration card*), «trabalhador convidado» (de *Gastarbeiter*), «grande/pequena naturalização» (os dois níveis de aquisição de direitos de cidadania na Bélgica, de *grote/kleine naturalisatie*) ou «ficha de estado civil» (certidão de casamento, de *fiche d'état civil*). Também ante a necessidade de expressar esquemas académicos nem sempre bem conhecidos, em zonas anglófonas forjou-se o vocábulo «escola alta» (escola secundária, de *high school*). Nos casos em que existe um razoável domínio da língua do país de acolhimento a tradução literal recai também sobre idiomatismos referentes a actividades quotidianas. «Não se importar com» (*not to care about*) por «não

gostar» ou «ter» (*to have*) para designar a acção de comer ou beber são extremamente comuns no portinglês dos Estados Unidos. Um caso paralelo em portufrancês é o uso do verbo «fazer» em expressões como «fazer a loiça» (lavar a loiça, de *faire la vaisselle*). Na Holanda pode ouvir-se «dar cumprimentos» (*komplimentje doen*) por «fazer elogios»⁷⁷.

6. Criação de expressões próprias

Menos frequente que os anteriores, este processo baseia-se também na necessidade de verbalizar uma nova vivência e pode ou não implicar um apoio na língua modelo. Para ilustrar a primeira das alternativas seria possível citar os termos «leitaria» e «leiteiro», que na Califórnia designam respectivamente uma exploração agro-pecuária e seu proprietário. Outro exemplo da mesma variante é a expressão «escola baixa» (escola primária), baseada não no inglês mas criada por oposição a um emigresismo antes mencionado, «escola alta» (escola secundária). Curiosamente as expressões «escola alta» e «escola baixa» registam-se também na Holanda, sem equivalência literal em qualquer dos casos⁷⁸.

O verbo «fazer» utiliza-se em vários dialectos emigreses como fulcro de apoio a termos portugueses ou estrangeiros. No portufrancês este processo representa sobretudo uma tradução literal, como em «fazer o *marché*», ou seja, «ir ao mercado». No entanto o portugermanismo «fazer uma senhora alemã» equivale a «fazer a limpeza da casa de uma senhora alemã» e na Holanda «fazer um cantorzinho» é limpar um escritório. No portinglês o verbo «fazer» observa-se repetidamente

como articulador de uma locução inglesa: «fazer o *lay-off*» (despedir um trabalhador), «fazer o *back up*» (fazer marcha atrás) ou «fazer o *sue*» (processar judicialmente).

7. *Cunhagem de expressões incongruentes*

Embora em alguns casos se possa detectar um processo de maior ou menor intencionalidade irónica, a criação de expressões de sentido absurdo resulta geralmente de uma adaptação fonética, morfológica e sintáctica, alheia aos efeitos risíveis que dela possam resultar. Entre expressões que parecem ter uma génese deliberadamente jocosa podem-se citar as antes mencionadas «Viva o Zé!» (por «adeus», do alemão *Auf Wiedersehen*), «Viva o Costa?» (por «quanto custa?», do alemão *Wieviel kostet?*), ou ainda o caso pontual do emigrante na Alemanha que nos brindes exclamava «Só metade!» por *Gesundheit!* (À sua saúde!). Numa faixa presumivelmente intermédia poderiam considerar-se algumas expressões do tipo de «João da Maria» (por polícia, ou esquadra de polícia, do francês *gendarmerie*). A maioria, contudo, não cabe nesta categoria: «cara de prata» (uma espécie de massagista, do inglês *chiropractor*), «caçar a gola» (partir a cara, do francês *casser la gueule*) ou «Chico Afonso» (Caixa de Previdência, do holandês *ziekenfonds*) são locuções empregadas normalmente com a mais absoluta seriedade. Em casos extremos a adaptação resulta mesmo numa palavra de sentido indecoroso em português padrão, conotação de que o emigrante normalmente não se apercebe.

8. Utilização de termos estrangeiros

A inserção no discurso português de termos ou locuções estrangeiros com um mínimo de corrupção revela-se também um fenómeno comum nas diferentes variantes do emigrês. Esta inserção observa-se a vários níveis:

- a. verbalização automática: *D'accord!*, *C'est ça!*, *Voilà!*, *Sure!*, *Gee!*, *My Goodness!*, *You're kidding!*, *Mein Gott!*, *Tschuss!*, *¡Dios mío!*
- b. juntivos: *ah bon*, *donc*, *malheureusement*, *I mean*, *so*.
- c. nomes de instituições, muitas vezes condensados em siglas: HLM, Mairie, Sécurité Sociale, IRS, DMV, Sozialamt, DOP.
- d. elementos identificáveis com processos administrativos: *kinderbijslag* (abono de família por cada filho), *income tax return* (formulário do imposto complementar), *permis de séjour* (autorização de residência).
- e. facetas da vida urbana antes pouco conhecidas: *banlieue* (arredores), *bistrot* (bar), *concierge* (porteira), *driveway* (entrada de garagem), *alley* (rua de serviço), *Autobahn* (auto-estrada), *Schnellimbiss* (posto de refeições ligeiras) ⁷⁹.

Um fenómeno de difícil justificação consiste no uso de vocábulos estrangeiros ou adaptados ao português em referência a elementos que não representem qualquer

significativo grau de estranheza para o emigrante. Já se apontou atrás como o contacto com um elemento de aspecto diferente ao conhecido em Portugal pode levar à criação ou assimilação de um novo vocábulo. Para além dos exemplos então apontados, explica-se deste modo que os emigrantes terceirenses trabalhando numa fábrica de enlatamento de legumes da Califórnia designem as cenouras por «cарetes» (*carrotes*), os portugueses da Holanda se refiram a um «ribeiro» quando querem dizer rio (*rivier*) e os da França usem «ferma» (*ferme*) por quinta. O que no entanto assume um carácter perplexionante é a utilização de um emigresismo para designar um elemento de aspecto e uso comum tanto na experiência anterior como na actual. É este o caso, por exemplo, dos termos «blanqueta» (cobertor, do inglês *blanket*), «limão» (laranja, do africânder *lemoen*), «canário» (pato, do francês *canard*) ou «cartofas» (batatas, de alemão *Kartoffeln*)⁸⁰. Mais inexplicável ainda é o emprego de vocábulos abstractos com perfeita correspondência na língua padrão, como a frase «estava à côté dela», ouvida em Saint Denis, nos arredores de Paris, ou outra recolhida no norte da Califórnia: «Pintei a minha casa de *blue*. Ficou *nice*». Um exemplo em que convergem o termo estrangeiro justificável dentro de um contexto cultural e outro absolutamente desnecessário é o pedido formulado por uma emigrante residente nos Estados Unidos a uma hospedeira da TAP: «A senhora não me dá *juice* (sumo) para o meu *kid* (garoto)?». De igualmente difícil explicação é o uso de certos juntivos com perfeita equivalência em português: «Não sei *why* tu foste com ela».

Esporadicamente o emigrês pode ser afectado não pela língua do país acolhedor mas pela de outro grupo

emigrante. Numa escola alemã uma criança falava à professora portuguesa do «tranvia», na aceção de carro eléctrico. O termo fora ouvido à mãe, que convivia com colegas espanholas na fábrica onde trabalhava. Na Califórnia, zona de forte presença migrante hispânica, foram recolhidos os vocábulos «peso» (dólar), «chino» (chinês) e «gasolineira» (estação de serviço) ⁸¹. Por outro lado o emigrês assimila também com um considerável grau de pureza importações linguísticas correntemente utilizadas no falar do país receptor: *ticket* (bilhete) na variante portufrancesa, *taco* (uma comida mexicana) na portinglesa, *sponsor* (patrocinador) na portuflamenga, *frites* (batatas fritas) na portolandesa e várias outras.

Quanto a alterações observadas a nível morfológico haveria que assinalar as seguintes:

1. Por vezes o contorno fonético ou a sugestão semântica do termo original determinam um género e número diferentes na formação emigresa. Assim o substantivo masculino alemão *Stempel* (carimbo) leva ao feminino «estampa» e o inglês *Army* (Exército) resulta em «armada». Nestes casos predomina portanto o género da palavra adoptada em detrimento do associado ao conceito original. Uma sibilante final pode gerar pluralidade no seu equivalente emigrês: «os caufes» (armazém, de *Kaufhaus*), «as ofas» (escritório, gabinete ou consultório, de *office*), «as Crismas» (Natal, de *Christmas*), «as bisnas» (negócio, de *business*) ou «os incameteques» (imposto complementar, de *income tax*) ⁸². Uma errónea percepção da juntura leva no portufrancês a formações como «a lusina» (a fábrica, de *l'usine*) ou «na la maison».

2. Um apoio vocálico paragógico (em *a* ou *o*) cria-se com frequência no caso de o termo adaptado terminar numa vogal ou consoante algo inusitadas num perfil português: «grado» (grau, do alemão *Grad*), «airicho» (irlandês, do inglês *Irish*), «chaca» (casebre, do inglês *chack*), «dicha» (vala, do inglês *ditch*), «contrata» (contrato, do francês *contrat*), «arreta» (baixa por doença, do francês *arrêt*), «sociça» (salsicha, do francês *saucisse*) ou «planca» (prateleira, do holandês *plank*). A preferência por *a* ou *o* subordina-se em muitos casos a um critério de ordem semântica, o do género correspondente à acepção do respectivo termo em português padrão⁸³.
3. O sufixo *eiro/a* pode ser aposto a termos de contorno alienígena para indicar ocupação, função ou apetência: «fármeiro» (lavrador, do inglês *farmer*), «bisneiro» (bom negociante, à base do vocábulo inglês *business*), «bricoleiro» (biscateiro, do francês *bricoleur*), «frijoeira» (frigorífico, do inglês *refrigerator*) ou «faleira» (capataz, do inglês *forelady*). No portinglês o sufixo *inho* (ou variantes) não assume necessariamente valor de diminutivo pois pode ser gerado por uma sugestão de homofonia: «Inacinho» (de *Anacin*, um analgésico), «açucrinho» (gelado, de *icecream*), «estamuínha» (janela dupla de protecção, de *stormwindow*) ou «candinhos» (rebuçados, de *candies*). A conotação afectiva de que os sufixos diminutivos se podem revestir observa-se no portolandês «lequerzinho» (de *lekker*, saboroso). A função primordial do sufixo diminutivo conserva-se

contudo em construções como a portufrancesa «um monoprizinho» (de *Monoprix*, uma cadeia de armazéns), a portalemã «fenitos» (centavitos, de *Pfennig*) e as portinglesas «begazinha» ou «beguinha» (cartuchinho, de *bag*) ou ainda «naicinho» (bonitinho, de *nice*).

4. O elemento importado pode ser condicionado por um tratamento parassintético. Este processo observa-se sobretudo em relação a verbos portingleses: «afamar» (dedicar-se à agricultura, de *to farm*), «encanar» (enlatar, de *to can*) ou «empacar» (embalar, enfardar, de *to pack*). No caso do portufrancês o prefixo verbal *de* é nativizado para *des*: «desacrochar» (desengatar, de *décrocher*) ou desemerdar-se» («desenrascar-se», de *se démerder*).
5. Praticamente todos os verbos emigreses assumem o sufixo *ar*: «draivar» (conduzir, do inglês *to drive*), «afordar» (poder pagar, do inglês *to afford*), «chlafar» (dormir, do alemão *schlafen*), «remar» (travar, do holandês *remmen*), «dispensar» (gastar, do francês *dépenser*), «profitar» (aproveitar, do francês *profiter*) e muitos mais ⁸⁴. Esta acomodação revela-se aliás consistente com a que se tem verificado na adaptação de neologismos no português padrão: filmar, implementar, aterrar, embraiar, brevetar, capotar, etc.
6. O decalque morfológico, recaindo sobretudo em termos abstractos de baixa frequência no vocabulário pré-migratório, surge ocasionalmente, acusando apenas uma pequena variação em relação

ao vernáculo. Assim no portinglês encontram-se construções como «reenforçar» (*reinforce*), «humoroso» (*humorous*) ou «teoreticamente» (*theoretically*) e no portufrancês outras como «fatiga» (*fatigue*) ou «visita medical» (*visite médicale*).

7. A pluralização do elemento adquirido segue o padrão da língua nativa: «batimão» (edifício, do francês *bâtiment*) passa a «batimões». O portinglês pode chegar a pluralizar o adjetivo (sempre invariável na sua forma original): *youngs*, *cheaps*. No vocábulo «quésseis» (fornos, do alemão *Kesseln*) o sufixo pluralizante *n* foi substituído pela terminação normal em português.

As acomodações fonológicas (aliás intimamente coincidentes com as morfológicas) reflectem, como é natural, um acertamento ao inventário fonético do falante, com repúdio de fonemas de mais difícil produção. Assim, por exemplo, o *h* aspirado do inglês oblitera-se ou sofre um processo de rotacismo: «arateco» (ataque cardíaco, de *heart attack*), «uva» (aspirador, de *Hoover*), «reme» (fiambre ou presunto, de *ham*), «raiscul» (escola secundária, de *high school*) ou «ratodogue» (cachorro quente, de *hot dog*). No portalemão oblitera-se simplesmente: «banofe» (estação de caminho de ferro, de *Bahnhof*) ou «aizungue» (aquecimento, de *Heizung*).

Ainda no portinglês, e de preferência nos casos em que não têm lugar sensíveis modificações morfológicas, o *th* aspirado perde a sua aspiração: «tru» (através, de *through*). O *r* retroflexo é substituído pelo seu alófono ápico-alveolar e as oclusivas surdas iniciais perdem a ligeira aspiração que possuem. A palatalização do *s* final ou pré-

consonântico é frequentíssima, o que aliás ocorre igualmente no portufrancês. A africada *dj* reduz-se a um fonema simples: «brige» (ponte, de *bridge*). O *i* breve pronuncia-se como *ê*: «codefêche» (bacalhau, de *codfish*) ou «chêfte» (turno, de *shift*)⁸⁵. O tratamento habitual do *o* no português padrão (obscurecimento em situação medial átona ou metafoia em *u* em posição final átona) reflecte-se na pronúncia de certos termos ingleses, em especial topónimos: Toronto passa a «Trontu». A desinência *-ation* transforma-se em «-eicha»: «envateicha» (convite, de *invitation*), «ensaleicha» (isolamento térmico, de *insulation*) ou «emagreicha» (imigração, de *immigration*).

No portufrancês as terminações originais *-on* e *-age* assumem respectivamente as formas de *-ão* e *-agem*: «gordurão» (alcatrão, de *goudron*), «alocação» (subsídio, de *allocation*), «menagem» (serviço doméstico, de *ménage*) ou «chomagem» (desemprego, de *chômage*)⁸⁶. A vogal mista representada pelo grupo *eu* simplifica-se em *ô*, o fonema com mais próximo ponto de articulação: «vendôsa» (empregada de balcão, de *vendense*), «carrelor» (ladrihador, de *carreleur*) ou «dangeroso» (perigoso, de *dangereux*). O *u* misto passa normalmente a *u* simples: «usina» (fábrica, de *usine*), «picura» (injecção, de *piqûre*) ou «como dabitude» (como de costume, de *comme d'habitude*)⁸⁷. Em casos esporádicos o *u* misto desdobra-se num ditongo: «lionetes» (óculos, de *lunettes*). Paralelamente, no portalemão *ü* passa a *u*: «Tufe» (serviço de inspecção técnica de veículos, de *TÜV*) ou «furrachaine» (carta de condução, de *Führerschein*). Ainda quanto ao portufrancês, no caso de emigrantes provenientes do Norte de Portugal pode persistir na forma adoptada o predomínio nativo do *b* sobre o *v*: «Bá lá!» (É isso mesmo!, de *voilà!*) ou «barcanças» (férias, de *vacances*).

No que concerne a alterações de ordem sintáctica, consistindo em decalques de uma construção alienígena, a sua frequência é relativamente reduzida, já que por via de regra se preserva a estrutura frásica vernácula. Ocorrem todavia, por exemplo, com o uso das preposições: «estar em prisão» (do francês *être en prison*), «consistir de» (do inglês *to consist of*), «depende em» (do inglês *to depend on*) ou «andar com bicicleta/barco/automóvel» (do holandês *gaan met de fiets/boot/auto*). Mesmo ao nível literário se pode registar um fenómeno semelhante. O poeta Alfred Lewis (Alfredo Luís) escreveu uma vez «Era amigo com ela», influenciado pela construção inglesa *I was friends with her* ⁸⁸. No portunhol observa-se a utilização do juntivo castelhano *a* em duas circunstâncias diferentes: a do chamado *a* pessoal («Quero ver ao João») e a das construções com o verbo *ir* seguido de infinitivo («Vamos a comer»). O processo inglês ou alemão de ramificação à esquerda pode também ocasionalmente ter os seus reflexos na linguagem emigrante: «gás companhia» (de *gas company*), «kanakas mulheres» (de *Kanaka women*) ou «história-carta» (cartão de contribuinte, de *Steuerkarte*). No portufrancês a expressão «em trem de» (*en train de*) substitui o uso normal português de uma construção perifrástica e «n'importa quê (qual, quando, quanto, etc.)» é usado por «qualquer». «Vir de» surge como equivalente de «acabar de»: «Venho de chegar (*je viens d'arriver*) à minha terra», escrevia numa carta um algarvio por muitos anos residente em Marrocos.

Estes decalques verificam-se de igual modo ao nível da linguagem impressa: no número de 12 de Novembro de 1986 do semanário Portugal/USA, publicado em San José, na Califórnia, podia ler-se «Samora Machel está

morto?». Trata-se evidentemente da forma inglesa *is dead*, por *morreu*. Também noutro semanário publicado na mesma cidade, *The Portuguese Tribune* (escrito em português, apesar do título), aparecia a 9 de Outubro de 1986 a expressão «fizemos o nosso melhor» (*we did our best*) por «fizemos o melhor que pudemos». Nos Estados Unidos encontram-se aliás com frequência casos de um verdadeiro empastelamento de construções anglicizantes quando emigrantes chegados muito jovens ou luso-descendentes são chamados para compor textos escritos destinados ao esclarecimento da comunidade lusa. Nestas circunstâncias o discurso português pode chegar a assumir um perfil que vai do ligeiramente artificial ao abertamente grotesco na sua gramaticalidade. Como exemplo do primeiro caso citem-se, literalmente transcritos, três parágrafos de uma carta enviada em 1971 por elementos de um programa bilingue aos encarregados de educação portugueses:

As vossas crianças e professores tem-se esforçado o máximo para melhorar e tornar agradável esta tarde para a vossa família. O propósito desta reunião será para vos tornar familiar com o programa que está sendo conduzido na vossa escola.

As crianças e o pessoal do mesmo programa estão esperando ver-vos no Domingo, dia 7 de Novembro as 9 horas da tarde.

Para mais informação por favor, sintá-se à vontade em chamar o seguinte número 860 3311, EXT 367.

Além de outros desvios da norma corrente portuguesa é de assinalar no texto acima a expressão «sintá-se à

vontade em chamar», quase um decalque de *please feel free to call*.

A um nível quase caricatural está o estilo de um folheto informativo publicado pelo Estado de Massachusetts e destinado a votantes de língua portuguesa, de que o seguinte fragmento foi extraído:

Se por sua vontade e sem autoridade de lei fazer mal, demorar ou interferir com, ou auxiliar em fazer mal, demorando-se ou interferir com o votante em ir para as primárias ou eleições, enquanto no lugar de votar, enquanto marca o seu voto, ou esforçar um votante enquanto vota ou depois de votar, ou depois de depositar o seu voto como vai votar ou como votou, será multado por menos de 500 dól. ou será preso por menos de um ano ⁸⁹.

Para além das tortuosidades do *legalese* americano, é de notar aqui o posicionamento final de «com», reflexo da construção inglesa que permite que a frase termine com uma preposição.

Esporadicamente podem adaptar-se certas formas ritualísticas. Foi este o caso observado durante uma sessão de uma organização portuguesa que teve lugar no Estado de Rhode Island, em 1987. Ao ser apresentada qualquer moção o seu apoiante exclamava «Segundo!», traduzindo literalmente do inglês «*Second*!».

Certas características supralinguísticas, tais como expressões faciais ou gestos, podem também ser influenciadas pela experiência estrangeira. Como exemplo poderia citar-se o gesto americano do movimento de cima para baixo com a mão aberta que expressa o repúdio por falta de importância de qualquer ideia

formulada pelo interlocutor e que é frequentemente utilizado por emigrantes portugueses. Uma análise mais completa da cinética não seria contudo oportuna num trabalho introdutório, como é este.

CONCLUSÃO

A primeira imagem que o emigrês suscita num contexto pátrio é o de uma linguagem espúrica, risível, falada por indivíduos que revelam certa arrogância, marcados por uma ocasional dosagem de novo-riquismo. A estereotipização desta imagem torna-se comum, epitomizada pelos termos pejorativos aplicados aos emigrantes em férias: os vacanças ou barcanças, os avecs, os ça vas. Além disso sublinha-se a tipificação através da usual referência à expressão «casa estilo *maison* com janelas tipo *fenêtre*» ou a estafada história da mulher emigrante que vai dirigindo em francês uma difícil marcha atrás do carro conduzido pelo marido até que ele embate num obstáculo e ela solta uma imprecação contendo duas ou três obscenidades do mais impecável vernaculismo luso ⁹⁰. Esta atitude por parte do residente em Portugal chega a ser injusta, não só porque pode representar um processo crítico compensatório (ante a real ou assumida prosperidade do emigrante) como mais que tudo por ignorar algumas das mais essenciais realidades linguísticas, embora seja inegável que o emigrês pode acidentalmente assumir aspectos quase burlescos.

Os puristas da linguagem, por outro lado, horrorizam-se com aquilo que eles consideram uma bastardização do português e fazem o possível para o ignorar ou combater, como se um processo linguístico desta magnitude fosse passível de controlo por estruturas académicas. Esta atitude é aliás de certo modo compartilhada por certos sectores da emigração, em particular os de uma mais alta escolaridade, que se preocupam em manter pura a língua que trouxeram da pátria.

As técnicas de formação do emigrês são todavia impressionantemente semelhantes às adoptadas na norma portuguesa pelo menos desde o tempo das navegações, ou seja, a chamada era clássica da nossa língua, quando os navegadores e colonos se encontraram em situações não muito divergentes das enfrentadas pelos emigrantes de tempos mais modernos, em especial aquelas que exigiram a nominalização de plantas, animais, objectos e outros elementos antes ausentes da experiência pátria. Na mesma linha de compromisso linguístico a acomodação fonomorfológica concretizou-se em numerosos vocábulos hoje aceites como de perfil genuinamente português: «chá», «chocolate», «tomate», «canja», «biombo», «bule», «leque» e dezenas mais. Noutros optou-se por uma abordagem descritiva, em vários casos posteriormente substituída por lexemas mais condensados: «cobra de capelo», «figo da Índia» (banana), «mal de Luanda» (escorbuto). O paralelo com o cenário da diáspora hodierna é absoluto: o emigrante admite como perfeitamente vernáculas formações como «batimento» ou «ofas» e cria as suas próprias locuções à base de coordenadas semânticas quando o considera necessário: «leitaria», «escola baixa», «fazer uma senhora alemã».

Também no português padrão dos dois últimos séculos têm sido correntíssimos vários dos processos assimilatórios utilizados pelo emigrês: adaptação fonológica, morfológica e semântica sem sensíveis alterações (*abat-jour*, *stress*, *ganadero*), refonetização («chofer», «andebol», «carago!») ⁹¹, nativização fonomorfológica, por vezes reforçada com afixação («chofagem», «desembraiar», «driblar», «chulipa», «guincho», «golo», «goleada») ou semântica (*groom*, *smoking*, *camping*), tradução literal («rés-do-chão», «arranha-céus», «pedrado»), criação própria («esferográfica», «cópia de segurança», «desencarcerador») e mesmo decalque sintáctico, sobretudo no caso da ramificação à esquerda na designação de organizações desportivas («Automóvel Clube de Portugal», «Futebol Clube do Porto», «Lisboa Ginásio Clube», «Casa Pia Atlético Clube») ou de hotéis e lugares de diversão («Albatroz Hotel», «Lis Hotel», «Porto-Atlântico Hotel», «Archote Clube», «Finalmente Clube»).

Também o recente «é suposto», seguido de um verbo, reflecte de modo claro a passiva idiomática inglesa *is supposed to*. Fora de qualquer dúvida está pois o facto de que o homem português de hoje, residente na sua pátria, utiliza no seu discurso diário uma alta dosagem de estrangeirismos, muitos deles absolutamente substituíveis por equivalentes vernáculos.

Em vista do anterior poderia talvez afirmar-se que o maior pecado do emigrês (se pecados linguísticos existem) é a sua modernidade. Destituído por consequência de codificação ⁹², tal como outros dialectos do português, não assume aos olhos de muitos um estatuto de legitimidade, embora constitua uma válida

expressão de ambivalência cultural. É portanto mais que tudo a estranheza o que gera críticas na pátria.

O emigrês de hoje representa uma absoluta necessidade de comunicação, a língua franca que une emigrantes de diversos dialectismos confrontados uns com os outros e com a perplexidade de novos esquemas existenciais. Solidifica-se pois a tal ponto que, em falantes de débil consciência linguística, se pode chegar a perder a noção da estrangeiridade do termo importado ⁹³. Esta faceta é registada pela Prof.^a Maria da Conceição Vilhena nos seguintes termos:

Para concluir, diremos que as interferências, reproduzidas com frequência, entram no domínio dos hábitos e fixam-se como formas pertencentes à língua em que se introduziram. E, em alguns indivíduos, são de tal forma numerosas e profundas, que as fronteiras entre os dois sistemas são praticamente nulas ⁹⁴.

Os falares emigreses estão inclusivamente acusando um efeito de carambola, ao serem implantados nas zonas de origem da emigração. Para citar apenas alguns exemplos: há já muito que nos Açores são correntíssimas expressões como «gama» (chiclete, de *gum*), «pinotes» (amendoins, de *peanuts*) ou «alvarozes» (fatos de trabalho, de *overalls*). Por outro lado a linguagem dos antigos baleeiros encontrava-se repleta de anglicismos como «ampo» (o lombo da baleia, de *bump*), «espeira» (pá cortante para separar a gordura do animal, de *spade*) ou «lanceope» (arpão ligado a uma corda, de *lancerope*) ⁹⁵. Em Trás-os-Montes ouve-se já «Bem seguro!» (*Bien sûr*) por «Com certeza!» e «desemerdar-se» (*se démerder*) por «desenrascar-se». Nas Beiras são reconhecíveis, se não

universalmente usados, os vocábulos «pubela» (lata do lixo, de *pubelle*), «carrelagem» (ladrilhagem, de *carrelage*) e «gordurão» (alcatrão, de *goudron*).

Sejam quais forem as atitudes, os preconceitos mesmo que se geram à volta do emigrês, um facto iniludível é que ele constitui o mais recente e, no conjunto das suas subvariantes, o mais substancial de todos os dialectos portugueses. A precaridade das estatísticas referentes à emigração portuguesa não assegura de modo algum uma contagem adequada dos falantes do emigrês. Admitindo todavia que sejam eles uns três milhões (portanto talvez um em cada quatro portugueses), é inegável que o emigrês, considerado no seu conjunto, emerge como a mais significativa variante do português europeu actual. Representa pois uma óbvia realidade e, ainda que outras razões para tal não existissem, o volume dos seus falantes justificaria um pouco mais de atenção à sua presença como língua franca da diáspora.

Por outro lado, nos parâmetros da sua especificidade, não surpreenderia que fosse também o mais efémero dos dialectos portugueses. O emigrês acha-se absolutamente à mercê do condicionalismo das vagas migratórias, já que de um modo geral pouco se transmite por linha biológica, morrendo com a segunda ou, quanto muito, terceira geração e subsistindo apenas por contiguidade, isto é, sendo continuamente aprendido e ampliado por cada vaga de recém-chegados ⁹⁶. A sua esperança de vida baseia-se pois numa contínua possibilidade de renovação da primeira geração emigrante, o que o tornará mais resistente nos países onde essas condições sejam mais factíveis e determinará a sua extinção a curto prazo naqueles em que for cortada a corrente migratória, o que aliás já se assinalou em relação ao portinglês antes falado no Havai.

SUBSÍDIOS PARA UM GLOSSÁRIO
DE EMIGRESISMOS

PORTAFRICÂNDER

BASS — patrão (*baas*)
BRAIFLEIS — churrascada (*braainleis*)
GAFA — africano nativo (*kaffer*)
CHAMBOCA — cavalo marinho (*sjambok*)
CAMPOM — aldeamento para mineiros africanos (*compound*)
DRONQUE — bêbado (*dronk*)
ESAS! — Bolas! (*Jesus!*)
ESTADO — cidade (*stad*)
LIMÃO — laranja (*lemoen*)
PAPA — mole, demasiadamente maduro (*pap*)
SOMA — a caminho (*sommer*)
STUPA — varanda (*stoep*)
TEINA — jardim (*tuin*)
TRAHA — de volta (*terug*)

PORTALEMÃO

ABFINDA — ajuste de salário, indemnização (*Abfindung*)
ABITUA — curso secundário ou o seu exame final (*Abitur*)
ABMELDAR-SE — dar baixa de uma inscrição (*abmelden*)
AIZUNGUE — aquecimento (*Heizung*)

ALTA ESTELA — paragem (de transporte público)
 (*Haltestelle*)
 AMELDAR-SE — inscrever-se, comunicar (*anmelden*)
 AMIGO — namorado (*Freund*)
 ARBAITAR — trabalhar (*arbeiten*)
 AUSEMAISTA — porteiro (*Hausmeister*)
 BANDA — linha de montagem (*Fließband*)
 BANOFE — estação de caminho de ferro (*Bahnhof*)
 BATE-CHAPAS — embaixador (*Botschafter*)
 BAUA — exploração agrícola (de *Bauer*, camponês) ⁹⁷
 BETRIBASRATA — conselho de empresa (*Betriebsrat*)
 BIA — cerveja (*Bier*)
 BIRÚ — escritório (*Büro*)
 BLOCO — quarteirão (*Häuserblock*)
 BOMBOM — rebuçado (*Bonbon*)
 CAPUTE — inservível, liquidado, estragado (*kaputt*)
 CARSTADE — qualquer armazém (de *Karstadt*, uma cadeia de
 armazéns)
 CARTA — bilhete (de transporte público) (*Fahrkarte*)
 CARTOFAS — batatas (*Kartoffeln*)
 CAUFES (pl.) — armazéns, supermercado (*Kaufhaus*)
 CENSURA — nota enviada pela escola aos pais dos alunos
 (*Zensur*)
 CHAFAR — conseguir, obter (*schaffen*)
 CHLAFAR — dormir (*schlafen*)
 CHLAIFAR — limar à máquina (*schleifen*)
 CHUSSE — adeus (*Tschüss*)
 CHUVAINÉ — porco (*Schwein*) ⁹⁸
 CHUVAINÉBAU — toucinho (*Schweinebauch*)
 CINZAS — juros (*Zinsen*)
 CLAMA — aparelho para os dentes (*Klammer*)
 CONTO — conta bancária (*Konto*)
 COZER A ROUPA — lavar a roupa com água a ferver (*die*
Wäsche kochen)
 CRANCACHAINA — atestado de doença (*Krankenschein*)
 CRIANÇAS — filhos (de qualquer idade) (*Kinder*)
 CRIME — filme policial (*Krimi*)

CUQUE! — Olha! (*Guck!*)
 DEMONSTRAÇÃO — manifestação (*Demonstration*)
 DUMA PUTA — estúpida (literalmente perua estúpida) (*dumme Pute*)
 ESNAPSE — aguardente (*Schnapps*)
 ESPINATE — espinafre (*Spinat*)
 ESTAMPA — carimbo (*Stempel*)
 ESTRADA — rua (*Strasse*)
 FABRICO — fábrica (*Fabrik*)
 FÉNI — centavo (*Pfennig*)
 FICA — acto sexual (de *ficken*)
 FURRACHAINE — carta de condução (*Führerschein*)
 GARDIRUBE — guarda-roupa (*Garderobe*)
 GARRAFA — biberão (*Flasche*)
 GINÁSIO — escola secundária (*Gymnasium*)
 GRADO — grau centígrado (*Grad*)
 GRANDE CASA — Caixa de Previdência (*Krankenkasse*)
 GRILHAR — grelhar (de *Grill*)
 GROCHA — moeda de 10 *Pfennige* (*Groschen*)
 HISTÓRIA BARATA — conselheiro do serviço fiscal (*Steuerberater*)
 ISTÓIA — repartição fiscal (de *Steuer*, impostos)
 ISTÓIA-CARTA, HISTÓRIA-CARTA — cartão de contribuinte (*Steuerkarte*)
 LAMPADA — candeeiro (*Lampe*)
 LÉXICO — dicionário (*Lexikon*)
 LIMONADA — laranja (*Limonade*)
 MAISTA — capataz, chefe de oficina (*Meister*)
 MALAR — pintar, desenhar (*malen*)
 MARMELADA — compota (*Marmellade*)
 METER UMA CRANCADA — dar parte de doente (de *Krankenkasse*, Caixa de Previdência)
 PAQUETE — embrulho, encomenda (*Packet*)
 PAUSA — intervalo, descanso (*Pause*)
 POSTE — correio (*Post*)
 PROTOCOLO — acta (*Protokoll*)
 QUELA — cave (*Keller*)

QUÉSSEIS — fornos (*Kesseln*)
 QUINDAGARTA — jardim infantil (*Kindergarten*)
 RATAUSE — Câmara Municipal (*Rathaus*)
 REALACHULA — escola secundária intermédia (*Real schule*)
 RIPAS — entrecosto (*Rippen*)
 SETA — senha numerada (*Zettel*)
 STOPEAR — utilizar o cronómetro (de *Stopuhr*)
 TAÇA — chávena (*Tasse*)
 TRABALHADOR CONVIDADO — emigrante com direitos limitados de cidadania (*Gastarbeiter*)
 TUFÉ — serviço de inspecção técnica de veículos (*TÜV*, ou seja *Technischer Überwachungsverein*)
 VIDERSEN — adeus (*Auf Wiedersehen*)
 VISA — visto (*Visum*)
 VIVA O COSTA? — Quanto custa? (*Wieviel kostet?*)
 VIVA O ZÉ! — Adeus! (*Auf Wiedersehen*)
 VUSTA — carnes frias (*Wurst*)
 ZUELTA — proxeneta (*Zuhälter*)

PORTINGLÊS

ABALÔNIA, ABLONA — um molusco da costa do Pacífico (*abalone*) *
 AÇUCRIM, AÇUCRINHO, AIÇUCRIME — gelado, sorvete (*icecream*) *
 AFAMAR, FAMAR — dedicar-se à agricultura (*to farm*) *
 AFILIAR-SE — filiar-se (*to affiliate*) * **
 AFORDAR — poder pagar (*to afford*) * **
 AGRIAMENTO — contrato (*agreement*) ***
 AGUARDENTE — (*whisky*) *
 AIRICHO — irlandês (*Irish*) *
 AJUDAR — atender (*to help*) ** ***
 ALABOTE, ALABATE — uma espécie de linguado gigante (*halibut*) *
 ALBACÓRIA — albacora (*albacore*) *
 ALFERES — Beneficência Pública (*Welfare*) *

ALQUEIRE — acre *
 ALVACHUS — galochas (*overshoes*) *
 ALVACOTE — sobretudo (*overcoat*) *
 ANATECA — agente funerário (*undertaker*) *
 APAREIRA — telefonista (*operator*) *
 APLICAÇÃO — requerimento (*application*) * **
 APLICAR — requerer (*to apply*) * **
 APONTAMENTO — consulta, encontro (*appointment*) * **
 ARATECO — ataque cardíaco (*heart attack*) *
 ARCANDEIXA — ar condicionado (*air conditioning*) *
 ARIAPE! — Despacha-te! (*Hurry up!*) *
 ARMADA — Exército (*Army*) * **
 ATENDER — assistir, frequentar (*to attend*) * **
 AUDIÊNCIA — assistência, público (*audience*) *
 BAICA — bicicleta (*bike*) *
 BAMBO — vagabundo (*bum*) *
 BANCO — mealheiro (*piggy bank*) *
 BANO, BANE, BANDO — estábulo e ordenha (*barn*) *
 BAQUEAR, FAZER O BACK UP — fazer marcha atrás (*to back up*) *
 BARRA — bar (*bar*) *
 BARRUM — bar (*bar room*) *
 BASQUETA, BASQUETE — cesto (*basket*) *
 BEGA — cartucho, bolsa (*bag*) *
 BEGUECHATO — homem importante (*big shot*) *
 BEICA, BEIQUE — bacon (*bacon*) *
 BEICA, BEIQUERIA — padaria (*bakery*) *
 BEICARICE — padaria (*bakery*) ***
 BEISEMENTO — cave (*basement*) *
 BELE, BELO — fardo de palha ou luzerna (*bale*) *
 BEQUISTE — Costa Leste dos Estados Unidos (*back East*) *
 BIA — cerveja (*beer*)
 BISNAS (fem. pl.) — negócio (*business*) * 99
 BISNEIRO — bom negociante (de *business*) * ***
 BLANQUETA — cobertor (*blanket*) *
 BLENDIA — batedeira (*blender*) *
 BIOCO — quarteirão (*block*) * ***

BORDAR — alojar-se numa casa particular (*to board*) *
 BORDO — pensão (cama e mesa) (*board*) *
 BOSSA (masc.) — patrão (*boss*) ¹⁰⁰
 BOSSA GRANDE — gerente (*big boss*) *
 BOSSA PEQUENO — capataz * ¹⁰¹.
 BOSSA DA NOITE — capataz do turno nocturno (*night shift boss*) *
 BOSSA DO DIA — capataz do turno diudno (*day shift boss*) *
 BOTE — barco, geralmente de pesca (*boat*) *
 BRAIBAR — subornar (*to bribe*) ***
 BRANDAR — ferrar, marcar o gado a fogo (*to brand*) *
 BRAVAS — caboverdianos *
 BREQUE, BREIQUE — travão (*brake*) *
 BUXA, BUXO — arbusto (*bush*) *
 CABREIRA — carburador (*carburetor*) *
 CACHOPA — «ketchup» (*ketchup*) *
 CAFÉ BRANCO — café com leite (*white coffee*) **
 CAFÉ PRETO — café simples (*black coffee*) **
 CALAFONA — português residente na Califórnia (*California*) *
 CANA — lata (*can*) *
 CANARIA — fábrica de conservas (*cannery*) *
 CANDINHOS, CANDILHOS, CANDINS — rebuçados (*candies*) *
 CANECA — havaiano nativo (*kanaka*) *
 CANECAR, ENCANECAR — ligar (um aparelho eléctrico) (*to connect*) *
 CANTO — esquina (*corner*) *
 CAÓGUE — um molusco da costa atlântica dos Estados Unidos (*quahog*) *
 CAPATI — chávena de chá (*cup of tea*) **
 CARAPRATA, CARA DE PRATA, QUIROPRATA — quiroprático, uma espécie de massagista (*chiropractor*) *
 CARETES, CARRETES, CAROTAS — cenouras (*carrots*) *
 CARRO CHAPO — oficina de reparação de automóveis (*auto shop*) **

CARRO DE FOGO — comboio *
 CARTÃO VERDE — bilhete de identidade para estrangeiro
 (*green card*) *
 CASA DE BORDO — pensão, casa de hóspedes (*boarding*
 house) *
 CELA — cave (*cellar*) *
 (ONZE, DOZE, etc.) CENTOS — mil e cem, mil e duzentos,
 etc. (*eleven hundred, twelve hundred, etc*) *
 CERASINE, CERASINO — cidadão americano (*citizen*) *
 CEREAL, CERIOL — Câmara Municipal (*City Hall*) *
 CHACA — casebre (*shack*) *
 CHANÇA — oportunidade (*chance*) *
 CHAPAR — fazer compras (*to shop*) *
 CHAPARREIRA — desnatadeira (*separator*) *
 CHAPE, CHAPO — oficina, fábrica (*shop*) *
 CHATO — injeção (*shot*) *
 CHAVLAR — tirar com uma pá (*to shovel*) *
 CHÁVOLA — pá (*shovel*) *
 CHECA — barraca onde se guardam ferramentas (*shack*) *
 CHECAR — verificar (*to check*) ***
 CHEIA — acção, título (*share*) *
 CHELVA — prateleira (*shelf*) *
 CHINGLAR — forrar a fachada de uma casa com ripas (*to*
 shingle) *
 CHINO — chinês * 102
 CHUTAR — matar ou atingir a tiro (*to shoot*) * ***
 CIDADANIA — nacionalidade adquirida por naturalização
 (*citizenship*) *
 CIDADE — serviços municipais, câmara municipal (*City*) *
 CIGARRO — charuto (*cigar*) *
 CLAMAR — reclamar (*to claim*) *
 CLAMPAR — aplicar um «clampo» (*to clamp*) *
 CLAMPO — instrumento de metal que se aplica aos flancos de
 uma vaca para a impedir de escoicear (*clamp*) *
 CLAUSETA, CLOSETA — roupeiro (*closet*) *
 CLEPAS (fera. pl.) — tesoura de podar (*clippers*) *
 CLINAR — limpar (*to clean*) *

CLINAS (masc. sing.) — tinturaria (*cleaners*) *
 CLOVA — trevo (*clover*) *
 COCA, COQUE — coca-cola (*coke*) *
 COCA, CUCA — bolacha (*cookie*) *
 COCAROCHA — barata, carocha (*cockroach*) *
 COLÉGIO — universidade (*college*) * **
 COLETAR — receber (rendas de casa ou subsídio de desemprego) (*to collect*) *
 COMPLANTA — queixa (*complaint*) ***
 CONTRATA, CONTRATISTA — mestre de obras (*contractor*) *
 CÓPIA — exemplar (subst.) (*copy*) * **
 COPO — chávena (*cup*) *
 CORA (masc.) — 25 centavos americanos (*quarter*) *
 CORNA POPA — máquina de fazer pipocas (*corn popper*) *
 CORRER PARA — candidatar-se a uma eleição (*to run for*) *
 CORTE — tribunal (*court*) *
 CRACA — bolacha salgada (*cracker*) *
 CREMARIA — fábrica de lacticínios (*creamery*) *
 CRIANÇAS — filhos, mesmo adultos (*children*) *
 CRISMAS (fem. pl.) — Natal (*Christmas*) *
 CUÍÁ (masc.) — homossexual (*queer*) *
 DAMA — represa (*dam*) ***
 DAMPAR, FAZER O DAMPE — despejar e lixo na lixeira (*to dump*) *
 DAMPE, DAMPO — lixeira (*dump*) *
 DANÇA — baile (*dance*) * **
 DAR A REDUNDÂNCIA — despedir por excesso de pessoal (*to make redundant*) **
 DAR BADA — incomodar (de *to bother*) *
 DAR ESCOLA — ser professor (de *to teach school*) *
 DAR NOTAS — notificar da expiração de um contrato (*to give notice*) ***
 DAR O PÓLICHE — encerar o chão (*to polish*) **
 DAR O SACO — despedir (de um emprego) (*to sack*) **
 DEFINITIVAMENTE — decididamente (*definitely*) *
 DELICADEZAS — produtos de charcutaria (*delicatessen*) ***
 DEMONSTRAÇÃO — manifestação pública (*demonstration*) *

DERRÉIS — centavo americano *
 DIA FORA — dia de descanso (*day off*) *
 DICHA — prato (*dish*); vala (*ditch*) *
 DOCHA — holandês (*Dutch*) *
 DOMÉSTICO — serviço doméstico (*domestic service*) *
 DRAIVAR, RAIVAR — guiar, conduzir (*to drive*) * ***
 DRINCAR — beber (*to drink*) ***
 DROPAR — desistir (de um curso) (*to drop, to drop out*) *
 ECHAS — cinzas (*ashes*) *
 EDITOR — director de um jornal (*editor*) *
 ELÉCTRICO — electricidade gasta em casa (*electric*) *
 EM BAIXO — de entrada, como pagamento inicial (*down*) *
 EMBELAR — enfardar luzerna (*to bale*) *
 EMPACAR — embalar, enfardar (*to pack*) *
 ENCANAR — enlatar (*to can*) *
 ENDOSSAR — apoiar publicamente (*to endorse*) *
 ENGENHEIRO — maquinista (*engineer*) *
 ENGENHO — máquina, motor (*engine*) *
 ENTRETENIMENTO — espectáculo, diversão (*entertainment*) *
 ESCALEIRA — escada rolante (escalator) *
 ESCALOPA, ESCALOPE — vieira (*scallop*) *
 ESCOLA ALTA — escola secundária (*high school*) * ***
 ESCOLA BAIXA — escola primária * ¹⁰³
 ESPECIAL — saldo (*special*) *
 ESPÍRITO — bebidas espirituosas (*spirits*) *
 ESTACA, ESTACAR — meda de feno, fazer uma meda de feno (*stack, to stack*) *
 ESTAÇÃO — secção de um restaurante a cargo de um empregado de mesa (*station*) **
 ESTAÇÃO DE GASOLINA — estação de serviço (*gas station*) *
 ESTAMPA — selo (*stamp*) *
 ESTAMUÍNHA — janela dupla de protecção (*storm window*) *
 ESTAR ARABISNAS — ter deixado o negócio (*to be out of business*) *
 ESTAR FORA — estar de folga (*to be off*) ***
 ESTAR DIREITO — ter razão (*to be right*) *
 ESTAR OFF — estar de folga (*to be off*) **

ESTEIQUE — bife (*steak*) *
 ESTIA — boi castrado (*steer*) *
 ESTIMA — barco a vapor; vapor de água (*steamer; steam*) *
 ESTOA — loja, supermercado (*store*) *
 ESTRIM — grupo de trinta vacas (*string*) *
 ESTROCA, ESTROCO — derrame cerebral (*stroke*) *
 FALEIRA, FOLEIRA, FAROLEIRA — capataz (*fem.*)
 (*forelady, floor lady*) *
 FAMA, FARMA — agricultor (*farmer*) *
 FAME, FAMO — exploração agrícola (*farm*) *
 FARMEIRO — agricultor (*farmer*) ***
 FAZER A ESTOA — fazer compras (*de store*) *
 FAZER BEM — sair-se bem, ter êxito (*to do well*) * **
 FAZER O CHARAPE — calar-se (*to shut up*) *
 FAZER O ESTARTE — ligar o carro (*to start the car*) *
 FAZER O FAINAUTE — descobrir (*to find out*) *
 FAZER O HURT — magoar-se, aleijar-se (*to hurt*) *
 FAZER O PARQUE — estacionar o carro (*to park*) *
 FAZER O QUIT — despedir-se de um trabalho (*to quit*) *
 FAZER O RITAIA — aposentar-se (*to retire*) *
 FAZER O SAVE — economizar, aforrar (*to save*) *
 FAZER O SUE — demandar judicialmente (*to sue*) *
 FAZER O TALAFONE — fazer uma chamada telefónica (*to make a telephone call*) *
 FAZER UMA DIREITA / UMA ESQUERDA — virar à
 direita / à esquerda (*to make a right / a left*) *
 FENÇAR, AFENÇAR — murar, colocar uma vedação (*to fence*) *
 FENÇO — muro, vedação (*fence*) *
 FENICHE, FANICHE, FANICHA — mobília (*furniture*) * ***
 FICHARIA — peixaria (*fish shop*) ***
 FIDAR, FIRAR — dar de comer ao gado (*to feed*) *
 FITES — pés (*feet*) *
 FIXAR — arranjar, consertar (*to fix*) ** ***
 FLETE — pneu em baixo (*flat tire*) *
 FLICAR — usar o pisca-pisca (*to flick*) ***
 FOCETA, FOSSA — torneira (*faucet*) *
 FOLEMANO, FOMENE, FOMENO — capataz (*foreman*) *

FORMA — impresso, formulário (*form*) * ** ***
 FRIGIDEIRA, FRIJOEIRA — frigorífico (*frigidaire*,
refrigerator) *
 FRIJA — frigorífico (*fridge*) ***
 FRIO — constipação (*cold*) *
 FRISA, FRISAR — congelador, congelar (*freezer, to freeze*) *
 FRUTACHOPA (masc.) — frutaria (*fruit shop*) ***
 GABICHE, GARBICHE — lixo (*garbage*) *
 GABICHE QUENA — lata de lixo (*garbage can*) *
 GANGA — brigada de trabalho; quadrilha de marginais (*gang*) *
 GÁS — gasolina (*gas*) *
 GERMANO — alemão (*German*) *
 GLASSAS — óculos (*glasses*) *
 GOGLAS — óculos de protecção (*goggles*) *
 GORAZ — garagem (*garage*) *
 GORELE! — Vai para o inferno! (*Go to hell!*) *
 GRADUAÇÃO, GRADUAR — cerimónia de formatura,
 formar-se (*graduation, to graduate*) * **
 GRAU — classe, ano escolar (*grade*) *
 GRINANO, GRINONE — emigrante recém-chegado
 (*greenhorn*) *
 GRISAR — lubrificar (*to grease*) *
 GROSSARIAS, GROSSERIAS — artigos de mercearia
 (*groceries*) * ***
 GUEITE, GUETE — portão, cancela (*gate*) *
 GUIAS — mudanças, velocidades (*gears*) *
 IARDA — quintal (*yard*) ***
 IMBULANÇA — ambulância (*ambulance*) *
 (NÃO SE) IMPORTAR COM — não gostar de (*not to care*
about) *
 IMPRUVAR — melhorar (*to improve*) *
 INCAMETEQUES (masc. pl.) — imposto complementar
 (*income tax*) *
 INCHA — polegada (*inch*) *
 INCHURANÇA — seguro (*insurance*) *
 INCONFORTÁVEL — incomodado, pouco à vontade
 (*uncomfortable*) *

ISTO — Costa Leste dos Estados Unidos (*East*) *
 ISTU — carne guisada (*stew*) *
 JAMPAR — saltar (*to jump*) *
 JAPE, JAPO — japonês (*Jap*) *
 JARDA, IARDO — quintal (*yard*) *
 JUCE — sumo de frutas (*juice*) *
 JUNQUE, JANQUE, JANCO — coisas sem valor (*junk*) * **
 LAMPA — candeeiro (*lamp*) *
 LEITARIA — vacaria *
 LEITEIRO — dono de uma vacaria *
 LEVAR O SACO — ser despedido (*to be sacked*) **
 LEVAR SACA — ser despedido (*to be sacked*) ****
 LICAR — gotear, vazar (*to leak*) *
 LICENÇA — carta de condução (*driver's license*) * **
 LINHA — fila, bicha (*line*); faixa (de uma auto-estrada) (*lane*) *
 LIPESTEQUE — baton (*lipstick*) *
 LISA — contrato de arrendamento (*lease*) ** ***
 LIVRARIA — biblioteca (*library*) *
 LIVRO DO TALAFONE — lista telefónica (*telephone book*) *
 LUZ DO TRÁFICO — semáforo (*traffic light*) * **
 LUZES — avulso (*loose*) ***
 MACHINA — máquina (*machine*) ***
 MACHINARIA — maquinaria (*machinery*) ***
 MADEIRAS — madeirenses *
 MANAGEIRO — gerente (*manager*) ***
 MANEJA, MANEJA — gerente (*manager*) *
 MÃO — puxador de porta; asa de uma vasilha (de *handle*) *
 MAPA — esfregão de cabo (*mop*) *
 MARQUETA — loja, supermercado (*market*) *
 MECHA — fósforo (*match*) *
 MECHIM, MECHINHO, MUCHIM — automóvel, máquina
 (*machine*) *
 MECHIM DE LIMPAR — aspirador *
 MECHIM DE TIRAR PICHAS — máquina fotográfica *
 MEDIQUETA — serviço de assistência médica (*Medicare*) *
 MEIA (masc.) — presidente da Câmara Municipal (*mayor*) *
 MERCADO — loja, supermercado (*market*) *

MIRA — contador da electricidade (*meter*) *
 MOIRA (masc.) — motor (*motor*) *
 MONI, MONIM — dinheiro (*money*) *
 MONSINHA — monsenhor (*monsignor*) *
 NAÇÃO — grupo étnico ou nacional dentro dos Estados Unidos *
 GENTE DA NAÇÃO — americanos *
 NAITEGÃO — camisa de noite (*nightgown*) *
 NAMONA, NAMÔNIA — (*pneumonia*) *
 NAVEGADOR — piloto de um barco (*navigator*) *
 NOMEAR — indigitar para um cargo público (*to nominate*) *
 NORSA, NERSA — enfermeira (*nurse*) *
 NOTAS (fem. pl.) — notificação, aviso (*notice*) ***
 OFAS (fem. pl.) — repartição escritório, gabinete, consultório (*office*) *
 OFICIAL — funcionário; dirigente de uma associação (*officer*) *
 **
 OFICIAL TRADUTOR — tradutor oficial (*official translator*)

 OFÍCIO — repartição, escritório, gabinete, consultório (*office*) *
 **
 OLBER — carrinho de mão (*wheel barrow*) *
 OLIVEIRA (masc.) — elevador (*elevator*) *
 OQUECHIM — leilão de gado (*auction*) *
 ORDEM — encomenda (*order*) * **
 ORDENAR — encomendar (*to order*) *
 OSA D'ÁGUA — mangueira (*water hose*) **
 PACO — maço de cigarros (de *cigarette pack*) *
 PAIO — tarte de fruta (*pie*) *
 PAIPELEIRO — instalador de canos ou manilhas (*pipe layer*) *
 *
 PAMPAR — bombear (*to pump*) *
 PAMPO — bomba (*pump*) *
 PANA — bandeja, travessa de metal de ir ao forno (*pan*) *
 PANOS QUENTES — panquecas (*pancakes*) *

PAPÉIS, TIRAR OS PAPÉIS — certificado de naturalização, naturalizar-se (*citizenship papers, to take out citizenship papers*) * **

PAPEL — jornal; monografia (*paper*) * ***

PAPELOTES — velas de ignição (*spark plugs*) *

PAQUETO — embrulho (*packet*) ***

PARA TRÁS — de volta, outra vez (*back*) *

CAMINHAR PARA TRÁS — regressar (*to come back*) *

CHAMAR PARA TRÁS — voltar a telefonar (*to call back*) *

DAR PARA TRÁS — restituir (*to give back*) *

DIZER PARA TRÁS — replicar (*to talk back*) *

ANDAR PARA TRÁS — devolver (*to send back*) *

RESPONDER PARA TRÁS — dar uma resposta desagradável (*to answer back*) ***

PARADA — desfile cívico, procissão (*parade*) * **

PARTES — acessórios (*parts*) *

PATEIRA SALADA — salada de batata (*potato salad*) *

PAU — cana de pesca (*pole*) *

PERIGUDE — muito bem (*very good, pretty good*) *

PERSENA — cercador (*purse seiner*) *

PESO — dólar * ¹⁰⁴

PETRÓLEO — gasolina (*petrol*) ***

PIA — molhe, pontão (*pier*) *

PIÇA — pedaço (*piece*) *

PICHA — retrato, fotografia (*picture*) *

PINCHAR — roubar (*to pinch*) ***

PINO — mola da roupa (*clothes pin*) *

PLAGO — ficha eléctrica (*plug*) *

PLASTA — estuque (*plaster*) ***

PLASTRA — estucador (*plasterer*) ***

PLASTRAR — estucar (*to plaster*) ***

POLANDA — polaco (de *Poland*) *

PONTOS, PONTAS — platinos (*points*) *

POPACORNA — pipocas (*popcorn*) *

POPO — papaia (*pawpaw*) ***

POQUETA, PAQUETA — bolso (*pocket*) *

PORCOCHOPO — costeleta de porco (*pork chop*) *
 PORTA (masc.) — moço, carregador (*porter*) **
 PORTORRICO, PORARRICANO — portorriquenho (*Puerto Rican*) *
 POSTOFÍCIO, POSTOPAS — correio (*post office*) ***
 PRINCIPAL — director de uma escola (*principal*) ** ***
 QUARTILHO — quarto de galão (*quart*) *
 QUIPAR — guardar (*to keep*) *
 RABAS — peias para impedir as vacas de escoicear (*hobbles*) *
 RABETO — coelho (*rabbit*) *
 RABICHO — lixo (*rubbish*) ***
 RABISTINAS (fem. sing.) — lata do lixo (*rubbish tin*) ****
 RADIEIRA — radiador (*radiator*) *
 RAISCUL — escola secundária (*high school*) *
 RAMBORG, RAMBÓIA — «hamburger» (*hamburger*) *
 RANCHEIRO — proprietário agrícola (*rancher*) *
 RANCHO — propriedade agrícola (*ranch*) *
 RAPEZ DO PAPEL — distribuidor de jornais (*newspaper boy*) *
 RATODOGUE — cachorro quente (*hotdog*) *
 RECA (fem.) — disco (*record*) *
 RECAPLEIA (masc.) — gira-discos (*record player*) *
 RECAS (fem. pl.) — registos, documentos arquivados (*records*) *
 REFRESCOS — bebidas e refeição ligeira (*refreshments*) *
 REGISTAR-SE — matricular-se (*to register*) * **
 REGULAR — cliente habitual de um restaurante (*regular*) **
 REICAR — recolher com um ancinho (*to rake*) *
 REME, EME — fiambre, presunto (*ham*) *
 RESPONDER AO TALAFONE — atender o telefone (*to answer the phone*) *
 RINGAR — tocar (o telefone) (*to ring*) *
 ROL — instalações de uma associação portuguesa (*ball*) *
 ROLO — pãozinho (*roll*) *
 ROUPA — corda (*rope*) ***
 RUDE — malcriado (*rude*) * **
 RUFEIRO — operário especializado na impermeabilização de telhados (*roofer*) *

RUMO — quarto, divisão de uma casa (*room*) *
 SACANANA — em segunda mão (*second hand*) *
 SALVAR, SEIVAR — poupar (*to save*) *
 SANABABICHA, SANAVABICHA — filho da mãe (*son of a bitch*) *
 SANABAGANA, SANAVAGANA, SANAVAGANHAS —
 filho da mãe (*son of a gun*) *
 SANGUE ALTO / BAIXO — tensão arterial alta / baixa (de
high / low blood pressure) *
 SÃOMAICAS, MIGUÉIS — micalenses *
 SÍLIM — tecto (*ceiling*) ***
 SINÓ, SENÓ, SNÓ — neve (*snow*) *
 SLEPAS, SELIPAS, SULIPAS, CHULIPAS — chinelas
 (*slippers*) *
 SNOAR — nevar (*to snow*) *
 SODA — refrigerante (*soda*) *
 SOMA; SOMAS (masc. pl.) — intimação judicial (*summons*) *

 SUAR — demandar judicialmente (*to sue*) *
 SURUORA — soda (*soda water*) *
 TAIPISTA — dactilógrafa (*typist*) *
 TANAMENTO — «ilha», bloco de apartamentos numa zona
 pobre (*tenement*) *
 TANSAS (fem. pl.) — amígdalas (*tonsils*) *
 TÃO, TON — cidade, vila (*town*) *
 TARREQUE COM — para o diabo com (*to heck with*) *
 TELEVEIJO, TELEVEIJA, TALAVEIJA — televisão
 (*television*) *
 TENENTE — inquilino (*tenant*) *
 TER — comer; beber; tomar (*to have*) * **
 TER ESCOLA — ter estudos (*to have schooling*) *
 TER UM BOM TEMPO — divertir-se (*to have a good time*) *

 TERCEIRAS — terceirenses *
 TESTO — exame (*test*) * **
 TINA — lata (*tin*) ***

TIQUETE, TIQUETA — bilhete; multa de trânsito (*ticket*) *

 TRABALHAR — funcionar bem, dar resultado (*to work, to work out*) * **
 TRABALHAR ÀS PIÇAS — trabalhar de empreitada (de *piecework*) *
 TRABALHAR DE ESTARÉ, DE ESTAREI — ter um trabalho fixo (de *steady work*) *
 TRABALHO DE PICO E CHÁVENA — trabalho de pá e picareta (*pick and shovel work*) *
 TRASQUIM — lata de lixo (*trash can*) *
 TRATA, TRACTA (fem.) — tractor (*tractor*) *
 TRECHE — lixo (*trash*) *
 TRELA — atrelado (*trailer*) *
 TRENE, TRENO — comboio (*train*) *
 TROBA, TROBLA, TROBLE — incómodo, problema (*trouble*) *
 TRONCO — porta-bagagens (*trunk*) *
 TROQUE, TROCO, TRUCA, TRAQUE — camião (*trunk*) *
 TRU, IR TRU — através, atravessar (*through, to go through*) *
 TUBO — televisão (*tube*) *
 TUNA — atum (*tuna*) *
 UAPO — italiano (*Wop*) *
 UNIÃO — sindicato (*union*) * ***
 UVA — aspirador (*Hoover*) *
 UVAR, PASSAR A UVA — limpar com o aspirador (*to Hoover*) *
 **
 VACUMCLINA, VECAMECLINA, VAQUINCLINA, VACACLINA, VECACLINA, VACLINA — aspirador (*vacuum cleaner*) *
 VAQUEIXAS, VAQUEIXO — férias (*vacation*) *
 VERGA — cabo eléctrico *
 VIGIAR TELEVEIJO — ver televisão (*to watch television*) *
 XAREFA — agente da polícia rural (*sberiff*) *
 XOA — claro, com certeza (*sure*) *
 ZEPA — fecho *éclair* (*zipper*) *

- * termo registado nos Estados Unidos e/ou Canadá
- ** termo registado na Grã-Bretanha
- *** termo registado na África do Sul
- **** termo registado na Austrália

PORTOLANDÊS

ADVERTÊNCIA — anúncio (*advertentie*)
ALTO — velho (*oud*)
AZEITE — vinagre (*azijn*)
BAIA — aguaceiro (*bui*)
BANDA — cassete, fita magnética (*band*)
BAZUÍNA — redução, corte (*bezuiningen*)
BEICA — caneca, copo de plástico (*beker*)
BENZINA — gasolina (*benzine*)
BONO — talão, recibo (*bon*)
BRAVO — bom (*braaf*)
BRUTAL — mal educado (*brutaal*)
CADÔ — presente, oferta (*kado*)
CANTOR — escritório (*kantoor*)
CAPOTE — inservível, liquidado (*kapot*)
CARTA — cartão, impresso (*kaart*)
CARTA DE IDENTIDADE — bilhete de identidade
(*identiteits bewijs*)
CARTA POSTAL — bilhete postal (*briefkaart*)
CHICO AFONSO — Caixa de Previdência (*ziekenfonds*)
CLARO — pronto (*klaar*)
COMEÇAR (O CARRO) — ligar o carro (*starten*)
COMENTÁRIOS — objeções (*commentaar*)
(DAR) CUMPRIMENTOS — fazer elogios (*complimentje doen*)
DIRECTO — imediatamente (*direct*)
DURO — caro (*duur*)
ESCOLA ALTA — escola secundária superior (*hoger voorgezet onderwijs*)
ESCOLA BAIXA — curso de formação profissional elementar
(*lager beroeps-onderwijs*)
ESFERA — ambiente (*sfeer*)
ESTRADA — rua (*straat*)
FILME — película fotográfica (*film*)
FRITAS, FRITES — batatas fritas (*patates frites*)
INFUSÃO — soro (*infuus*)
MAPA — pasta, dossier (*map*)

MAR — lago (*meer*)
 MARROCANO — marroquino (*marokkaan*)
 MEDICINA — medicamento (*medicijn*)
 MURO — parede (*muur*)
 NEERLANDÊS — holandês (língua) (*nederlands*)
 NOTÍCIA — nota, apontamento (*notitie*)
 ORA? — Está a ouvir? (*hoor?*, expressão geralmente usada no fim de uma frase)
 PARCO — parque de estacionamento (*parkeerplats*, *parkeerterrein*)
 PAUSA — intervalo, descanso (*pauze*)
 PLANCA — prateleira (*plank*, tábua, prancha)
 POSTA, POSTE — correio (*post*)
 QUARTO — moeda de 25 cêntimos (*kwartje*)
 REMAR — travar (*remmen*)
 RIBEIRO — rio (*rivier*)
 RISCAR — arriscar (*riskeeren*)
 SORTE — espécie (*soort*)
 TAPETE — alcatifa (*tapijt*)

PORTUFLAMENGO

CABOSTOQUE — cabide (*kapstok*)
 CADÔ — presente (*kado*)
 CARTA — cartão, impresso (*kaart*)
 CARTÃO — caixa de cartão (*karton*)
 CONGÊ — licença (*congê*, flamengo e francês)
 ESCOLA GRANDE — escola secundária (*grote school*)
 ESCOLA PEQUENA — escola primária
 ESTRADA — rua (*straat*)
 ESTUFA — fogão (*stoof*)
 FLAMÃO — flamengo (*vlams* ou mais possivelmente do francês *flamand*)
 FRITES, FRITAS — batatas fritas (*frites*, *frietten*)
 GRANDE NATURALIZAÇÃO — naturalização com plenos direitos (*grote naturalisatie*)

HANDICAP — deficiente físico (*gehandicapt*)
 IR À DOPA — apresentar-se no Fundo de Desemprego para
 controlo diário (*gaan doppen*)
 MAGAZINE — armazém (*magazine*)
 MARROCANO — marroquino (*marokaan*)
 PAQUETE — maço (*pak*); presente, prenda (*pakket*)
 PENSIONADO — aposentado (*gepensioneerd*)
 PEQUENA NATURALIZAÇÃO — naturalização com
 direitos limitados (*kleine naturalisatie*)
 PLANCA — prancha de desenho (*plank*)
 PLECA — autocolante (*plekkertje*)
 QUERMESSE — feira (*kermis*)
 TRAMA — carro eléctrico (*tram*)
 ZOTA — maluco (*zot*)

PORTUFRANCÊS

ABIMAR — estragar (*abimer*) *
 ABITUDE — hábito, costume (*habitude*) *
 ABONAMENTO — assinatura (de jornal ou revista)
 (*abonnement*) *
 A CAUSA DE — por causa de (*à cause de*) *
 ACHELEME — casa de renda limitada (HLM, *habitation à
 loyer modéré*) *
 ADIÇÃO — conta (de restaurante) (*addition*) *
 ADRESSAR — endereçar (*adresser*) *
 ADRESSO, ADRESSA — endereço (*adresse*) ***
 ALGERIANO, AGERIANO, ARGELIANO, AUGERIANO
 — argelino (*algérien*) *
 ALOCAÇÃO — subsídio (*allocation*) * **
 AMERDAR — «chatear» (*emmerder*) * **
 AO NEGRO — ilegalmente (*au noir*) *
 ARRETA — baixa por doença (*arrêt*) *
 ARREITAR — parar (*arrêter*); ter baixa por doença (*entrer en
 arrêtmaladie*) *
 ARRIVAR — chegar (*arriver*) *

ASSEGURANÇA — seguro (*assurance*) * **
 ASSOMAR — espancar (*assommer*) *
 ATANDER — esperar (*attendre*) *
 ATIRANTE — atraente (*attirante*) *
 AUTORRUTA — auto-estrada (*autoroute*) * **
 BANHOLA — carro (*bagnole*) *
 BATIMENTO, BATIMÃO — edifício; construção civil
 (*bâtiment*) *
 BECHA — pá (*bêche*) *
 BEM SEGURO! — Com certeza! (*Bien sûr!*) * **
 BESTA, BÉSTIA — casaco (*veste*) *
 BIERA, BIRRA — *cerveja* (*bière*) *
 BINETA — sachô (*binette*) *
 BIRÚ, BIRÓ — escritório (*bureau*) * **
 BOCA DO METRO — entrada do metro (*bouche du metro*) *
 BOCHARIA, BUCHARIA — talho (*boucherie*) * **
 BOLANJARIA — padaria (*boulangerie*) *
 BOTELHA — garrafa (*bouteille*) * **
 BRASSERIA, BRAÇARIA — cervejaria (*brasserie*) * **
 BRICA — dez mil francos (novos) (*brique*) *
 BRICA, BRICO — tijolo (*brique*) *
 BRICOLA, BRICOLAR, BRICOLEIRO — biscate, fazer
 biscates, biscateiro (*bricole, bricoler, bricoleur*) * **
 BRUETA — carrinho de mão (*brouette*) *
 CAÇAR A CABEÇA — incomodar, perturbar (*casser la tête*) *
 CAÇAR A CRUTA — tomar uma refeição rápida (*casser la
 crouste*) *
 CAÇAR A GOLA — partir a cara (*casser la gueule*) *
 CAÇAR AS ORELHAS — «chatear» (*casser les oreilles*) *
 CAÇAR OS PÉS — incomodar, perturbar (*casser les pieds*) *
 CAIXA DA RETRETE — Caixa de Aposentações (*Caisse
 d'Assurance Vieillesse*) *
 CAIXA DE ESPANHA, CAIXA DE ESPANHE, CAIXA
 DE ESPARNHE — Caixa Económica (*Caisse d'Épargne*)
 *
 CAIXA DE MALADIA — Caixa de Previdência (*Caisse
 d'Assurance Maladie*) * **

CAIXA DE VIEILLESSE — Caixa de Aposentações (*Caisse d'Assurance Vieillesse*) * **

CAMBRIOLAGEM — assalto a uma casa (*cambriolage*) *

CAMPANHA — província (*campagne*) * **

CANÁRIO — pato (*canard*) *

CARRUAGEM, CARRELAIGE, CARRUAGEM —
ladrilhagem (*carrelage*) *

CARRELOR — ladrilhador (*carreleur*) *

CARRIOLA — carrinho de mão (*carriole*) *

CARRO — autocarro (*car*) * **

CARTA DE IDENTIDADE, CARTA DE ENTIDADE —
bilhete de identidade (*carte d'identité*) * **

CATORZE JULIETE — festa do 14 de Julho (*Quatorze Juillet*) *

CENSOR — ascensor (*ascenseur*) *

CHAMBRA, CHÂMBRIA — quarto (*chambre*) *

CHANTIERE — obra (*chantier*) *

CHATUIAR — fazer cócegas (*chatouiller*) *

CHOMAGEM, CHOMAGE, SOMAGEM — desemprego
(*chômage*) * **

CIGARRETA — cigarro (*cigarette*) * **

CINTURA — cinto (*ceinture*) *

COMISSÕES — compras (*commissions*) * **

COMO DABITUDE — como de costume (*comme d'habitude*) *

**

CONARIA, CUNARIA — disparate (*connerie*) *

CONCIERJA — porteira (*concierge*) *

CONFISSARIA — confeitaria (*confiserie*) * **

CONTRATA — contrato (*contrat*) * **

CÔRTE — tribunal (*cour*) **

COZINHEIRA, COZINHA — fogão (*cuisinière*) * **

CU DE MÃO — ajuda, «mãozinha» (*coup de main*) *

CÚRRIA, CURRA, CURRE — pátio (*cour*) *

DANGEROOSO — perigoso (*dangereux*) * **

DAVANTAGEM — mais (*davantage*) **

DE AVANÇO — adiantadamente (*d'avance*) *

DE OCASIÃO — em segunda mão (*d'occasion*) *

DE TODA FAÇÃO — de qualquer modo (*de toute façon*) *
 DEMANDA — pedido (*demande*) * **
 DEMANDAS — conjunto de documentos necessários para a
 legalização de um clandestino (*demande*) * **
 DEPARTAMENTO — compartimento (de uma carruagem de
 caminho de ferro) (*département*) *
 DEPENSAR — gastar (*dépenser*) *
 DEPOSAR — depositar (*déposer*) *
 DESACROCHAR — desengatar (*décrocher*) *
 DESEMBRULHAR-SE — desembaraçar-se (*se débrouiller*) *
 DESEMBUCHAR — despedir (do trabalho) (de *embaucher*) *
 DESEMERDAR-SE, DESAMERDAR-SE — «desenrascar-se»
 (*se démerder*) * **
 DESPLAÇAMENTO, DESPRAÇAMENTO — transferência
 para outra obra (*déplacement*) * **
 DINHEIRO DE BOLSO — dinheiro «para os alfinetes» (*argent
 de poche*) * **
 DISPENSAR — gastar (*dépenser*) * **
 DURA — difícil (*dur*) * **
 É IGUAL — é a mesma coisa (*c'est égal*) *
 EBANISTA, EBENISTA — marceneiro (*ébéniste*) *
 EM FACE — em frente (*en face*) * **
 EM TREM DE — a (antes de um infinitivo) (*en train de*) *
 EMBOUCHAR, EMBUCHAR — empregar (*embaucher*) *
 ENSAIAR — provar (roupa) (*essayer*) *
 ENSINANTE — professor (*enseignant*) *
 ENTENDER — ouvir (*entendre*) * **
 ENTREPRISE, ENTERPRESA — empresa (*entreprise*) * **
 ESCALEIRA — escada (*escalier*) *
 ESCUSAR-SE — desculpar-se (*s'excuser*) *
 ESPECIARIA — mercearia (*épicerie*) * **
 ESSÊNCIA — gasolina (*essence*) * **
 ESTAR DE MALADIA — estar com baixa por doença (de
maladie) * **
 FAÇÃO — maneira (*façon*) * **
 FAÇONAR — dar forma (*façonner*) *
 FAMA — esposa (*femme*) *

FAMA DE MENAJA, FAMA DE MENAGEM — mulher a dias (*femme de ménage*) *
 FAZER — limpar, lavar, arrumar (*faire*) *
 FAZER A CURRE — fazer a corte (*faire la cour*) *
 FAZER ATENÇÃO — prestar atenção (*faire attention*) * **
 FAZER O REPASSAGE — passar a ferro (*faire le repassage*) *
 FENESTRA — janela (*fenêtre*) * **
 FERMA — quinta (*ferme*) * ** ***
 FERMATURA, FERMETURA — fecho, fechadura (*fermeture*) *
 FIANÇADO — noivo (*fiancé*) * **
 FIANÇALHAS — festa de noivado (*fiançailles*) *
 FICHA DE ESTADO CIVIL — certidão de identidade (*fiche d'état civil*) *
 FILHA — rapariga, menina (*fille*) *
 FOGO RUGE, FÔ RUGE — semáforo (*feu rouge*) * **
 FRAPAR — bater (*frapper*) *
 FRENAR, FREINAR — travar (*freiner*) * **
 FRIANDISAS — guloseimas (*friandises*) *
 FROMAJARIA — estabelecimento de venda de lacticínios (*fromagerie*) *
 FURCHETA — garfo (*fourchette*) *
 FURGÃO — furgoneta (*forgon*) *
 FURNITURAS — material escolar ou de escritório (*fournitures de bureau*) *
 GENDARMARIA, JOÃO DA MARIA — polícia, esquadra de polícia (*gendarmerie*) *
 GENERALMENTE, GENERALEMENTE — geralmente (*généralement*) *
 GORDURÃO, GODURÃO, GUDRÃO — alcatrão (*goudron*) *
 GOVERNAMENTO — governo (*gouvernement*) **
 GRUNHEIRA, GRANIE, GRONIE — águas furtadas, celeiro (*grenier*) *
 GUITARRA — viola (*guitare*) * **
 GUSLAVO — jugoslavo (*jugoslave*) *
 INFANTE — criança (*enfant*) * **

INVITAR — convidar (*inviter*) *
 JALUSIA — ciúmes, inveja (*jalousie*) *
 JARDIM — horta (*jardin*) * **
 JOGAR — brincar; tocar (um instrumento musical) (*joeur*) * **
 LÁ EM BAIXO, EM BAIXO — em Portugal (*là-bas*) *
 LETRA — carta (*lettre*) *
 LOCAIS — instalações (*locaux*) * **
 LOGIAMENTO, LOGEMÃO — alojamento (*logement*) *
 LUNETAS, LIONETES — óculos (*lunettes*) * **
 MAÇÃO, MAÇOM — pedreiro (*maçon*) *
 MACHINA — máquina (*machine*) * **
 MAGAZINO, MAGAZÉM — armazéns (*magazin*) ¹⁰⁵ * **
 MALADIA — doença (*maladie*) *
 MALADO — doente (*malade*) ¹⁰⁶ *
 MANOBRA — servente (*manoeuvre*) * ***
 MARCHAR — andar (*marcher*) * **
 MARCUTARIA — trabalho de incrustação (*marqueterie*) *
 MARIA — Câmara Municipal (*Mairie*) *
 MARIAR — casar (*marier*) * **
 MARROCANO — marroquino (*marocain*) *
 MENAJA, MENAGEM, MENAGE — serviço doméstico
 (*ménage*) * **
 MENOTAS — algemas (*menottes*) *
 MISÉRIA — problemas, dificuldades (*misère*) **
 MONTAR — subir (*monter*) * **
 MONTRA — relógio (*montre*) * **
 MOQUETA — alcatifa (*moquette*) *
 MURO — parede (*mur*) **
 NURRIÇA — ama (*nourrice*) *
 NURRITURA — alimentação (*nourriture*) *
 OBADIDONQUE! — Olha lá! (*Ob bien, dis donc!*) *
 OFÍCIO — repartição (*office*) * **
 ORDINATOR, ORDINADOR, ORDENADOR —
 computador (*ordinateur*) * **
 PAGAR EM ESPÉCIES — pagar a dinheiro (*payer en espèces*) *
 PANCARTA, PLANCARTA — cartaz (*pancarte*) *
 PANTALÃO — calça (*pantalon*) *

PAQUETE — pacote (*paquet*) * **
 PARAPINO, PARADÃ, PARADÁ — bloco de cimento
 (*parpaing*) *
 PAVILHÃO — vivenda (*pavillon*) * **
 PEÇA — divisão de uma casa; moeda (*pièce*) * ** 107
 PEIA — salário (*paye*) * **
 PELA — pá (*pelle*) *
 PICURA — injeção (*piqûre*) * ** **
 PIOCHA — picareta (*pioche*) *
 PISTA — faixa de rodagem (*piste*) * **
 PLANO — depósito do automóvel cheio (*plein*); mapa (*plan*) *
 PLATRO, PLATRA — estuque (*plâtre*) *
 POLONÊS — polaco (*polonais*) * **
 PÔR À PORTA — despedir (*mettre à la porte*) *
 POR AZAR — por acaso (*par hasard*) *
 PORTA-FOLHAS — carteira (*portefeuille*) * **
 PORTANTO — no entanto (*pourtant*) *
 POSTA — correio (*poste*) * **
 POSTAR — enviar uma carta (*poster*) *
 PRAÇA, PLAÇA — lugar (*place*) *
 PRADARIA, BRADARIA — feira de objectos usados
 (*braderie*) *
 PRENDER — apanhar (*prendre*) * **
 PRIMAS — subsídios; pagamento de horas extraordinárias
 (*primes*) *
 PROFETA, PREFEITURA, PREFEITURA — Câmara
 Municipal (*Préfecture*) *
 PROFITAR — aproveitar (*profiter*) * **
 PRÓPRIO — limpo (*propre*) *
 PUBELA, CUBELA, TUBELA — lata do lixo (*poubelle*) * **
 QUESTÃO — pergunta (*question*) * **
 QUITANÇA — recibo de aluguer de casa (*quittance*) *
 RAPISÊ — documento provisório de identidade (*récépissé*) *
 RECOMENDAR — registar (uma carta) (*recommander*) * **
 REFUSAR — recusar (*refuser*) * **
 REGRETAR — lamentar (*regretter*) *
 RELANTIR — afrouxar (*ralentir*) *

RELEVADO — extracto (de um documento) (*relevé*) *
 REMARCAR — notar, observar (*remarquer*) *
 REMORCA — reboque (*remorque*) *
 RENDER-SE CONTA — dar-se conta (*se rendre compte*) *
 RESENHAMENTO — informação (*renseignement*) *
 RESTAR — ficar (*rester*) *
 RESTAURAÇÃO — indústria de restaurantes (*restauration*) *
 **
 RETARDO — atraso (*retard*) *
 RETRETADO — aposentado (*retraité*) * **
 RETRETE, RETRETA — aposentação (*retrait*) * **
 RIGOLADA — brincadeira (*rigolade*) *
 RIGOLAR — brincar (*rigoler*) *
 RISCADO — arriscado (*risqué*) *
 ROL, ROLO — papel (actuação) (*rôle*) *
 ROLAR — andar de carro (*rouler*) *
 RUTA — estrada (*route*) * **
 SAFORDAGE, SAFORDAGEM — andaime (*échafaudage*) *
 SALADA — alface (de *salade*) * **
 SEGURANÇA — seguro (*assurance*) ***
 SERRAJOÃS, SARRAJOÃS, SARRAJUNTAS — grampo
 (*serre-joint*) *
 SOCICA, SAUCICA — salsicha (*saucisse*) *
 SOFAGE — aquecimento (*chauffage*) **
 TÁ GOLA! — Cala a boca! (*Ta gueule!*)
 TAÇA — chávena (*tasse*) * **
 TERRAÇO, TERRAÇA — esplanada (*terrasse*) * **
 TERRENO DE FUTEBOL — campo de futebol (*terrain de
football*) * **
 TIQUETE — bilhete, senha (do anglicismo *ticket*) *
 TIRAR O PLANO — «desenrascar-se» (*tirer son plan*) *
 TOBUS — autocarro (*autobus*) *
 TODOJUR — sempre (*toujours*) *
 TODOLEJUR — todos os dias (*tous les jours*) *
 TRABALHO À CHENA — trabalho na linha de montagem
 (*travail à la chaîne*) *
 TRABALHOS — obras (*travaux*) * **

TREM — comboio (*train*) * **
 TRIPARIA — salsicharia (*triperie*) *
 TRONÇONOSA — moto-serra (*tronçonneuse*) *
 TROVAR — encontrar (*trouver*) *
 TURNAR — voltar, virar (*tourner*) *
 TURNOR — torneiro (*tourneur*) *
 UBRIEIRO — operário (*ouvrier*) *
 USINA — fábrica (*usine*) *
 UTILAGE, UTILAGEM — ferramenta (colectivo) (*outilage*) *
 UTILE — peça de ferramenta (*outil*) * **
 VÁ LA!, BÂ LÁ! — É isso mesmo! (*Voilà*)
 VACANÇAS, VARCANÇAS, BARCANÇAS ¹⁰⁸ — férias
 (*vacances*) * **
 VALISA — mala (*valise*) * **
 VENDÔSA — empregada de balcão (*vendense*) ***
 VILA — cidade (*ville*) * **
 VILAGEM, VILAGE — aldeia (*village*) * **
 VISITA MEDICAL — inspecção médica (*visite médicale*) *
 VUATURA, VATURA, VIATURA — automóvel (*voiture*) *

- * termo registado na França e/ou outras zonas francófonas da Europa
- ** termo registado no Canadá francês
- *** termo registado em Marrocos

PORTUNHOL

ABRIGO — sobretudo (*abrigo*) *
BAIXAR — descer (*bajar*) *
BASSURA — liso (*basura*) *
BOLÍGRAFO — esferográfica (*bolígrafo*) *
COLGAR — desligar (o telefone) (*colgar*) *
COPA — taça (*copa*) *
DESARROLHO — desenvolvimento (*desarrollo*) **
EQUIPAGEM — bagagem (*equipaje*) **
ESCOVA — vassoura (*escoba*) *
HABITAÇÃO — quarto (*habitación*) *
JAQUETA — casaco (*chaqueta*) *
JOGAR — brincar (*jugar*) *
MAIOR — velho, mais velho (*mayor*) *
OBREIRO — operário (*obrero*) *
PEGAR — bater (*pegar*) *
PISO — andar, apartamento (*piso*) *
RECHAÇAR — recusar, repudiar (*rechazar*) *
ROMPER — rasgar (*romper*) *
SAPATILHAS — chinelas (*zapatillas*) *
SOBRE — envelope (*sobre*) *
SOLICITUDE — requerimento (*solicitud*) *
TAÇA — chávena (*taça*) *
TARGETA — cartão (*tarjeta*) *
VISA — visto (no passaporte) (*visa*) **

*termo registado em Espanha

**termo registado na Venezuela

NOTAS

(¹) Para designar a língua da diáspora escolheu-se aqui um termo originariamente cunhado em Portugal com certas inflexões jocosas. Este termo, «emigrês», será todavia utilizado no presente trabalho com a mais absoluta seriedade, posto que muito expressivamente encapsula o conceito do traumatismo sofrido pelo português ao entrar em contacto com os diferentes falares dos países receptores de emigrantes. No mesmo tom, para aludir às diversas variantes do emigrês serão utilizadas designações como «portinglês», «portufrancês», «portunhol» ou outras de semelhante formação.

(²) O termo «portinglês» foi criado pelo Doutor Adalino Cabral, que sobre esta variante do emigrês escreveu a sua dissertação de doutoramento.

(³) Esta atitude não se observa contudo entre os jovens chegados em idade pré-escolar ou escolar, assim como entre a segunda geração. Nestes casos encontra-se um alto nível de aculturação e um frequente refúgio da língua e do estilo de vida portugueses.

(⁴) No entanto, como envelhecimento das comunidades radicadas na Europa e a firme implantação dos seus descendentes no seio da sociedade de acolhimento começa já a atenuar-se o contraste entre os dois tipos de emigração. O retomo, escassamente praticado na emigração transoceânica, está-se tornando também menos frequente na emigração

transcontinental, o que leva à busca de melhores condições habitacionais.

(⁵) Cerca de 66% dos emigrantes portugueses são provenientes de zonas rurais.

(⁶) A participação feminina no mercado de trabalho mostra-se contudo reduzida, o que obviamente dificulta a aculturação. Um levantamento efectuado em 1968 indicava que 95,7% das mulheres portuguesas se dedicavam apenas a ocupações domésticas.

(⁷) «Contrairement à ce qui se passe dans des pays européens comme la France, le Luxembourg ou l'Allemagne, où la main-d'oeuvre portugaise est peu qualifiée, les Portugais de l'Afrique du Sud occupent des postes de responsabilité dans l'administration. Beaucoup d'entre eux jouissent d'un statut social élevé, jouent un rôle important dans le monde des affaires et font partie des groupes de pression qui investissent dans de grosses entreprises ayant leurs sièges à Lisbonne ou à Porto», José Rebelo, (de Portugal s'attend à un retour massif de ses ressortissants), *Le Monde*, 15 de Agosto de 1986.

(⁸) Na província do Transvaal 25% da população de raça branca tem o português como sua língua materna.

(⁹) Em 1981 só residiam na RFA 80 portugueses naturalizados alemães, 21% deles com menos de 15 anos. Eram apenas 11 os naturalizados com mais de 45 anos.

(¹⁰) O número destes casamentos mostra-se contudo extremamente baixo, reflectindo o reduzido nível de integração na sociedade alemã. Em 1980 só 1087 emigrantes tinham contraído matrimónio com naturais do país.

(¹¹) A RFA, assim como a França, recebe programas televisivos directamente da Radiotevisão Portuguesa.

(¹²) Os portugueses da Argentina reivindicam para a sua comunidade o título de a mais antiga estabelecida no estrangeiro, uma reivindicação algo discutível tanto sob o aspecto histórico como do ponto de vista do critério de distinção entre colono e emigrante. Durante o período colonial assinala-se já a presença de portugueses neste território. Por exemplo, um *sainete* anónimo, intitulado *El amor de la*

estanciera, representado em Buenos Aires em 1792 ou 1793 ridiculariza a figura de um mercador português.

(¹³) Contudo, em 1984 e em 1987 a Embaixada de Portugal em Buenos Aires avaliava o número de portugueses residentes na Argentina respectivamente em 22 000 e 19 000,

(¹⁴) Informações fornecidas pelo Consulado Geral de Portugal em Sydney dão a seguinte distribuição regional:

Nova Gales do Sul	28 800
Austrália Ocidental	7 650
Victoria	5 400
Austrália Meridional	700
Queensland	800
Território do Norte	5 550
TOTAL	48 900

(¹⁵) Calcula-se que dos 5 500 portugueses que habitam no Território do Norte cerca de 5 000 são timorenses, muitos deles de ascendência chinesa. Residem também na Austrália alguns macaenses.

(¹⁶) Dados extraídos de *O Emigrante* de 30 de Janeiro de 1987.

(¹⁷) O número de emigrantes portugueses é geralmente avaliado em 2 000 a 3 000 pessoas. Outras fontes indicam de 7 500 a 10 000 portugueses no país, o que possivelmente se baseia numa estimativa que incluía os lusos-descendentes. Calcula-se de facto que entre 12% e 14% da população total das Bermudas (cerca de 50 000 habitantes) tenha ascendência lusa.

(¹⁸) A primeira, constituída por 85 homens, chegou no paquete italiano *Saturnia* a 13 de Maio de 1953. Até 1957 a emigração foi quase exclusivamente masculina.

(¹⁹) Um recenseamento efectuado em 1976 indicava que residiam neste país 126 535 pessoas cuja língua materna era o português. A primeira geração ainda representa maioritariamente o grupo de ascendência portuguesa.

(²⁰) Para além do trabalho em hotéis, fábricas ou oficinas, uma ocupação tradicional das mulheres tem sido a apanha nocturna de minhocas, depois utilizadas pelos pescadores desportivos como isca.

(²¹) 1,4 % dos portugueses actualmente residentes em Espanha consideram a perseguição política sofrida no seu país como a causa primordial da emigração. 48% do grupo total chegou antes de 25 de Abril de 1974.

(²²) «Portugueses em Espanha Vivem Pior», *O Emigrante*, Lisboa, 9 de Janeiro de 1987. Dos actuais residentes apenas 3,4 % indicaram que se encontravam desempregadas no momento de emigrar.

(²³) Têm-se registado frequentes casos de jovens portuguesas contratadas para trabalhar em bares e restaurantes espanhóis que são depois forçadas a entregar-se à prostituição. Segundo um chefe de polícia de Vigo, 90% das prostitutas portuguesas trabalham contra sua vontade.

(²⁴) 35% adquiriram habitação própria, um índice considerável pelos padrões da emigração portuguesa na Europa.

(²⁵) Foi nesse ano de 1654 que os portugueses tomaram aos holandeses a região do Recife, que eles por vários anos haviam ocupado. Recesos de não poderem usufruir mais das maiores liberdades que os invasores lhes concediam, estes judeus decidiram estabelecer-se nas colónias holandesas da América.

(²⁶) Note-se como os primeiros focos de concentração portuguesa nas várias regiões de radicação – New Bedford, Fall River, Providence, San Francisco, Monterey, San Diego e até Honolulu e Lahaina — foram todos portos baleeiros ou sedes de estações baleeiras.

(²⁷) Entre 1960 e 1975 emigraram para França, legal ou clandestinamente, 1 524 413 portugueses.

(²⁸) Em 1970 calculava-se que dos portugueses residentes no país 80% tinham entrado ilegalmente.

(²⁹) Registaram-se também casos de portugueses que viajaram de Vilar Formoso a Irún agarrados aos eixos das carruagens de caminho de ferro.

(³⁰) Os mais importantes localizavam-se em Champigny, Aubervilliers, Nanterre e Saint Denis.

(³¹) O mensário *Publi Portugal* no seu número de Julho de 1985 incluía uma lista de 50 cafés e restaurantes portugueses espalhados por todo o país.

(³²) O serviço doméstico «ao negro» é frequente. Também muitos homens não declaram pequenos serviços executados durante os fins-de-semana. Este sistema beneficia tanto os patrões como os trabalhadores pois as contribuições para a assistência social orçam respectivamente pelos 40% e 15%.

(³³) Este inquérito não abrangeu os sectores da agricultura, serviços domésticos e administração pública. Na enumeração das categorias houve possivelmente alguma inexactidão, pois o resultado não totaliza 100 %.

(³⁴) Uma sondagem de 1975 entre os membros de associações portuguesas em França indicava a seguinte distribuição ocupacional:

Percentagem aproximada

Homens

Construção civil	52,7%
Operários fabris não discriminados... ..	26,7%
Obras públicas	4,7%
Indústria metalúrgica	4,7%
Indústria têxtil... ..	4,0%
Indústria automóvel... ..	3,4%
Motoristas	1,3%
Diversos	2,0%

Mulheres

Operárias fabris não discriminadas	32,6%
Serviços de limpeza	31,5%
Serviços domésticos	18,4%
Indústria têxtil	7,6%
Indústria automóvel	2,0%
Indústria de confecções	2,0%
Indústria de relojoaria	1,0%
Obras públicas	1,0%
Diversos	3,2%

⁽³⁵⁾ Estima-se que existem mais grupos folclóricos portugueses em França do que em Portugal.

⁽³⁶⁾ Um número importante ocupa já postos a nível de gerência.

⁽³⁷⁾ Uma forte maioria dos emigrantes portugueses na Inglaterra é originária de zonas urbanas do centro do país e da Madeira.

⁽³⁸⁾ Na ilha de Jersey encontram-se muitos madeirenses trabalhando na hotelaria. Outros ocupam-se na agricultura e na jardinagem.

⁽³⁹⁾ Em 1959 tinham sido concedidas apenas 17 autorizações de trabalho a cidadãos portugueses. Em 1965 já tinham subido para 1 130. Estes números foram aumentando até atingirem 2 371 em Março de 1969.

⁽⁴⁰⁾ Por vezes executado como trabalho suplementar.

⁽⁴¹⁾ A mercearia portuguesa, tão comum em outras zonas de emigração, não se encontra na Holanda. Os emigrantes adquirem a alimentação tradicional em lojas espanholas, turcas ou marroquinas.

⁽⁴²⁾ Por altura da revolução de 25 de Abril de 1974 calculava-se o seu número em cerca de 800. Uma boa parte regressou então a Portugal.

⁽⁴³⁾ O mesmo não se passa com o emigrante chegado por razões económicas. Com frequência dotado de escassa ou mesmo nula escolaridade e com reduzísimos conhecimentos da

língua do país, o seu alheamento em relação à sociedade holandesa é quase total. O índice de naturalizações orça apenas pelos 2% ou 3%.

(44) Encontra-se também no Luxemburgo um pequeno grupo de caboverdianos, praticamente os únicos habitantes de etnia negra no país.

(45) Na pequena cidade de Larochette, situada neste último cantão, calcula-se que mais de metade da população seja constituída por emigrantes portugueses.

(46) Estatísticas do Consulado Geral de Portugal no Luxemburgo.

(47) Existe um frequente serviço de autocarros que oferece viagem para vários pontos de Portugal. Também funcionam carrinhas que se encarregam do transporte de passageiros e mercadorias. É comum para muitos emigrantes fazerem duas viagens anuais à sua terra natal.

(48) Para esse ano a Secretaria de Estado das Comunidades Portuguesas calculava o número de emigrantes em 130 000.

(49) Uma situação idêntica se regista em Israel. Entre 1979 e 1983 entraram no país 4 436 trabalhadores portugueses. Os anos de maior volume de chegadas foram 1980 e 1981, respectivamente com 2 044 e 1 869.

(50) Pelo facto de os portugueses não patentearem tantos preconceitos raciais como os bóeres, estes chamam-lhes por vezes *wit kaffirs* (cafres brancos).

(51) In Luís Augusto de Vasconcelos Leal, *Aspectos do Português Falado na África do Sul: Diacronia e Sincronia*, dissertação de doutoramento apresentada em 1974 na Universidade Potchefstroom, p. 181.

(52) *Ibid.*

(53) Torna-se, por exemplo, curioso constatar a pureza linguística de certas publicações periódicas como o *Diálogo do Emigrante*, de Mogúncia, onde só muito esporadicamente surge um termo alemão de incómoda adaptabilidade, o que contrasta em alto grau com o estilo da imprensa de expressão portuguesa em outras zonas.

⁽⁵⁴⁾ Também os portugueses do Sudoeste da França usam «as Landas» por «des Landes» e os de Saint Denis chamam Hospital Velho ao Vieux Hôpital da cidade. Na Cidade do Luxemburgo a praça Guilherme II, ponto de reunião de portugueses nos domingos de manhã, é conhecida como Praça do Cavalo ou Praça dos Leões, designações provenientes respectivamente da sua estátua equestre e de duas estátuas que adornam a entrada de um dos seus edifícios mais importantes. Também na mesma cidade existe a Pont Rouge, baptizada pelos portugueses como Ponte Vermelha.

⁽⁵⁵⁾ «Canecas» significa havaianos nativos (*kanakas*). Em Orchard Street estabeleceram-se muitos portugueses vindo do Havai.

⁽⁵⁶⁾ Note-se apenas como apontamento subsidiário que no campo da toponímia o fenómeno migratório influenciou também os falares açorianos com a criação de duas expressões designativas das principais zonas de recepção das correntes insulares para os Estados Unidos: «América de Baixo» (Costa Leste dos Estados Unidos) e «América de Cima» (Califórnia).

⁽⁵⁷⁾ Um caso algo anómalo é o de um cantor luso-californiano, Carlos Ávila, que adoptou o nome artístico de Carlos Avalon.

⁽⁵⁸⁾ Veja-se a este respeito Eduardo Mayone Dias, «O Portinglês dos Estados Unidos como (ainda Modesto) Veículo Literário», *Peregrinação*, n.º 11, Janeiro a Março de 1986, pp. 4-9.

⁽⁵⁹⁾ José Brites, «Aéle com as troblas», *The Portuguese Tribune*, 28 de Maio de 1985.

⁽⁶⁰⁾ Na poesia emigrante de veia popular emergem com toda a frequência exemplos de portinglesismos não intencionais. Veja-se Eduardo Mayone Dias, *Cantares de Além-Mar*, Coimbra, 1982. Tanto esta faceta como a da utilização deliberada encontram-se também exemplificadas em Donald Warrin e Eduardo Mayone Dias, *Cem Anos de Poesia Portuguesa na Califórnia*, Porto, 1986.

⁽⁶¹⁾ Muitos dos primeiros emigrantes nunca aprenderam a língua do país mais que de um modo rudimentar, valendo-se

dos filhos, quase sempre perfeitamente aculturados, para lhes servirem de intérpretes na sua comunicação com os holandeses.

(⁶²) Em oposição, tanto nos casos do portinglês como do portufrancês, mesmo indivíduos de razoável preparação académica e forte consciência linguística parecem não se poder eximir ao uso de emigresismos.

(⁶³) Compare-se este termo com «escola alta» (escola secundária, de *high school*) no portinglês.

(⁶⁴) A tal situação se deve a débil frequência de cursos técnicos e de preparação profissional, ministrados sempre em alemão, por parte de jovens emigrantes portugueses.

(⁶⁵) Um alto grau de diglossia é contudo geralmente atingido pelos ciganos portugueses residentes em Espanha, capazes de se exprimirem correctamente e sem influências mútuas nas duas línguas.

(⁶⁶) Usa-se aqui o termo «dialecto» apenas na acepção de «falar» ou «variante», portanto sem implicar quaisquer juízos de valor sobre a sua importância. Note-se aliás que muitos linguistas reconhecem a extrema dificuldade de distinguir adequadamente entre os conceitos de «língua», «dialecto», «falar» e «variante». Apesar de limitados por mais estreitos parâmetros, os vocábulos *Sondersprache* e *interlanguage*, aplicados a variantes usadas por emigrantes, tão-pouco são passíveis de cómoda definição.

(⁶⁷) Note-se todavia que a língua natal quase sempre se mantém quando se conta ou se reza.

(⁶⁸) Os linguistas anglófonos distinguem entre *conversational code-switching* (quando existe sobreposição de uma língua noutra em qualquer situação) e *situational code-switching* (quando a sobreposição ocorre apenas segundo a especificidade da situação).

(⁶⁹) Nesta última frase note-se inclusivamente o nível de nativização atingido pela incorrecta pluralização do adjectivo inglês.

(⁷⁰) Haveria que destacar este exemplo como um caso típico de diglossia, se interpretarmos o termo no seu sentido mais moderno, o de bilinguismo social, isto é, de coexistência

de duas variantes alternadamente usadas em situações sociais distintas.

(⁷¹) O caso do Brasil (ou o dos antigos territórios portugueses no ultramar) terá que ser considerado a outro nível. Visto que o emigrante se tem apenas de adaptar a outra variante do seu idioma não emerge nestas circunstâncias a gama de fenómenos resultante da influência de uma língua diferente.

(⁷²) Gilbert Ralph Avellar, «Luso-American Speech of California: Communicative Compromise — Maintenance of Portuguese», *UPEC Life*, Vol. LXXXV, n.º 3, Fall, 1986, p. 7.

(⁷³) Maria da Conceição Vilhena, «O Falar do Emigrante Português em França», *Arquipélago*, Vol. VIII, 1986, pp. 95-96.

(⁷⁴) Na grande maioria dos casos é o fonema final do emigresismo que determina o seu género e até por vezes o seu número.

(⁷⁵) Também frequente no portalemão.

(⁷⁶) O mesmo termo é usado em portalemão e em portunhol.

(⁷⁷) Neste caso a tradução literal não é absoluta. Foi possivelmente a atracção da consoante inicial de *doen* (fazer) que motivou a escolha de «dar» como verbo de apoio.

(⁷⁸) Algo anómalo é o processo reversivo observado no portinglês dos Estados Unidos que conduz à utilização de termos de alto vernaculismo para traduzir elementos recém-conhecidos: «aguardente» por *whisky*, «alqueire» por *acre* ou «quartilho» por *quart*.

(⁷⁹) Com menos frequência ouvem-se também termos de particular expressividade como o flamengo *een mopke* (algo que seja risível, «uma anedota») ou vocativos como o inglês *honey* (querido/a).

(⁸⁰) Para este fenómeno foi algures adiantada a explicação de que o elemento em causa é usado numa circunstancialidade diferente. A explicação não parece contudo satisfatória, já que absolutamente todas as experiências do emigrante decorrem numa circunstancialidade diferente.

(⁸¹) Nesta região a influência espanhola exerce-se não só através de contactos de trabalho, sobretudo nas zonas rurais,

como da decidida preferência dos portugueses (e muito em especial das portuguesas) pelas telenovelas mexicanas.

⁽⁸²⁾ A pluralização genuína segue as regras da língua natal. Note-se como na frase «Os portugueses são muito *cheaps* (agarrados)», ouvida a uma emigrante nos Estados Unidos, se desprezou o facto da não pluralização do adjectivo inglês. Por outro lado, no vocábulo «quésseis» (fornos, do alemão *Kesseln*) o sufixo pluralizante *n* foi substituído pela terminação normal em português.

⁽⁸³⁾ Contudo, em relação ao falar dos emigrantes italianos no Canadá (mas de parcial aplicação também ao português da diáspora) escreve o Professor Marcel Danesi: «... it might be argued that vowel suffixation is not a morphologically-induced paradigmatic reshaping mechanism, but rather a phonological process triggered by a requirement of syllabic structure that asserts that all final syllables must end in a vowel». Marcel Danesi, *Loanwords and Phonological Methodology*, Ottawa, 1985.

⁽⁸⁴⁾ Exceptua-se contudo «prender» (tomar, apanhar, do francês *prendre*).

⁽⁸⁵⁾ O bacalhau, muitas vezes consumido fresco na América do Norte, representa um exemplo típico da antes mencionada circunstância de um elemento perfeitamente conhecido assumir um aspecto distinto dentro do novo ambiente e por consequência exigir a criação ou adaptação de um emigresismo.

⁽⁸⁶⁾ Um processo idêntico se pode observar no termoportunhol «equipagem» (bagagem, de *equipaje*).

⁽⁸⁷⁾ *Bureau* (escritório) dá contudo «biró» ou «biru».

⁽⁸⁸⁾ Alfred Lewis, «Parteira», in *Poesias*, Angra do Heroísmo, 1986, p. 108.

⁽⁸⁹⁾ Citado em Onésimo Teotónio Almeida, *Da Vida Quotidiana na LUSAlândia*, Coimbra, 1975, p. 162.

⁽⁹⁰⁾ Além disto está-se criando tanto em Portugal como dentro das comunidades emigradas um colorido anedotário baseado em equívocas adaptações semânticas. Conta-se por exemplo o caso real ou fictício da emigrante residente em França que vai ao banco português com o seu livro de cheques

e diz ao empregado que não entende os «chifres» (números, de *chiffres*) do marido ou o do emigrante nos Estados Unidos que pergunta «A senhora já foi introduzida (apresentada, de *introduced*)?». Também se cita o caso da senhora emigrada no mesmo país, que impressionada com a diligência da filha, empregada e cursando três disciplinas (*subjects*) num curso nocturno, comunicou numa carta para os Açores que a filha trabalhava todo o dia e ainda por cima tinha três «sujeitos» cada noite. Ou até o episódio em que um adolescente na Holanda, ao ler durante uma cerimónia escolar um texto em que aparecia a expressão «uma poeta» não levou em conta que o grupo *oe* não deveria ser pronunciado *u*, como em holandês.

⁽⁹¹⁾ Um curioso caso de nativização fonológica é a pronúncia corrente em Portugal do topónimo Hollywood, dada a acumulação de fenómenos nela registados: desaspiração da sílaba inicial, metafonía do primeiro *o*, ditongação do grupo representado por *yw*, monotongação do grupo *oo*, transferência de tonicidade e silabificação do *d* final.

⁽⁹²⁾ É aliás presumível que, dado o seu constante estado de fluxo, dependente de sucessivas vagas migratórias, e a modéstia da sua literatura, essa codificação jamais venha a concretizar-se.

⁽⁹³⁾ Uma emigrante açoriana nos Estados Unidos afirmava convictamente que o termo «anateca» (agente funerário, de *undertaker*) era de uso corrente em português padrão.

⁽⁹⁴⁾ Maria da Conceição Vilhena, «O Falar do Emigrante Português em França», *op. cit.*, p. 96.

⁽⁹⁵⁾ Vitorino Nemésio, no seu romance *Mau Tempo no Canal*, inclui numerosos destes termos, usados por antigos baleeiros.

⁽⁹⁶⁾ Neste aspecto o emigrês oferece um paralelismo com a linguagem infantil, transmissível dentro de níveis etários aproximados, mas nunca atingindo o adulto.

⁽⁹⁷⁾ Termo usado no Luxemburgo.

⁽⁹⁸⁾ Usa-se também o feminino «chuvaina».

⁽⁹⁹⁾ Este termo assume forma masculina singular na África do Sul: «o bisnas».

(¹⁰⁰) O substantivo feminino «bossa» foi ouvido a um pescador de New Bedford com o sentido de «patroa», esposa.

(¹⁰¹) Termo formado dentro do portinglês, por oposição a «bossa grande».

(¹⁰²) Possivelmente por influência do espanhol.

(¹⁰³) Termo formado dentro do portinglês, por oposição a «escola alta».

(¹⁰⁴) Possivelmente por influência do espanhol.

(¹⁰⁵) Usado também na zona flamenga da Bélgica.

(¹⁰⁶) Usado também na zona flamenga da Bélgica.

(¹⁰⁷) Em França regista-se também a expressão «peça de identidade» (documento de identidade, de *pièce d'identité*).

(¹⁰⁸) A variante «vacâncias», também do francês *vacances*, é usada na zona flamenga da Bélgica.

BIBLIOGRAFIA ESPECIAL

- ALMEIDA, Onésio Teotónio — «Em LUSAlândês me entendo...», *The Portuguese Times*, New Bedford, Massachusetts, 22 de Julho de 1982.
- AVELLAR, Gilbert Ralph — «Luso-American Speech of California: Communicative Compromise — Maintenance of Portuguese», *UPEC Life*, San Leandro, Califórnia, Vol. LXXXV, n.º 3, Outono de 1986, pp. 7-8.
- BENDHIA, Urbana Maria Santos Pereira — «Problemas de Bilinguismo e Interferência em Trabalhadores Portugueses Emigrados em França (Influência do Francês no Português)», comunicação apresentada no Colóquio sobre a Situação Actual da Língua Portuguesa no Mundo, Lisboa, Junho de 1983.
- «A Evolução do Português em Meio Emigrante», comunicação apresentada no 1.º Congresso da Associação Internacional de Lusitanistas, Universidade de Poitiers, Junho de 1984.
- «Le 'Portugais Eloigné' des Travailleurs Migrants (France)», comunicação apresentada no 13.º Congresso Internacional de Linguística Funcional, Universidade de Corfu, Agosto de 1986.
- BLANCO, Raquel Salek Fiad — *Loanwords and Phonological Processes in Portuguese*, dissertação de doutoramento

- apresentada na New York State University (Buffalo), 1979.
- «A Comunidade Portuguesa em Toronto: Aspectos Sociais e Linguísticos», *Revista Lusitana*, Lisboa, nova série, n.º 5, 1984-1985, pp. 5-19.
 - BURBURINHO, Carlos — «Língua Portuguesa e Abertura à Evolução», *Luso-Americano*, Newark, New Jersey, 18 de Fevereiro de 1987.
 - CABRAL, Adalino — *Portinglês: The Language of Portuguese-Speaking People in Selected English-Speaking Communities*, dissertação de doutoramento apresentada ao Departamento de Pedagogia do Boston College, 1985.
 - COSTA, Robert — «Um Estudo sobre a Linguagem dos Emigrantes do Vale de San Joaquin, Califórnia», *Jornal Português*, San Pablo, Califórnia, 19 de Maio de 1977.
 - CUNHA, Pedro d'Orey da — «O Português de Emigração como Convite à Poesia», *Peregrinação*, Baden, n.º 13, Julho-Setembro de 1986, pp. 13-16.
 - DESCAMPS-HOCQUET, Marguerite / PEREIRA-BENDIHA, Urbana — «Quelles interférences deviendront des emprunts? Le cas des émigrés portugais en France», comunicação apresentada no 10.º Colóquio Internacional de Linguística Funcional, Universidade de Laval, Agosto de 1983.
 - DIAS, Eduardo Mayone — «O Falar Luso-Californiano», secção do «Prólogo» a *Açorianos na Califórnia*, Angra do Heroísmo, 1982, pp. 44-47.
 - «Em Defesa do 'Portinglês'», *Peregrinação*, Baden, n.º 2, Outubro de 1983, pp. 6-7.
 - «Artigos de Fundo» (n.º 3), in *Coisas da LUSAlândia*, Lisboa, s. d. (1983), pp. 116-118.
 - «O Portinglês dos Estados Unidos como (ainda Modesto) Veículo Literário», *Peregrinação*, Baden, n.º 11, Janeiro-Fevereiro-Março de 1986, pp. 4-9.
 - «Françuguês, Portolandês e Portinglês (ou Algumas Considerações sobre Três Falares Emigreses)», *Diário de Notícias*, Lisboa, 6 de Julho de 1986.

- FAGUNDES, Francisco Cota — «O Falar Luso-Americano: Um Índice de Aculturação», *Report, First Symposium on Portuguese Presence in Califórnia*, San Leandro, 1974, pp. 8-17.
- J. R. M. [José Rodrigues MIGUÉIS] — «Um Novo Dialecto: o Luso-Americano?», *Seara Nova*, Lisboa, Ano XXVI, n.º 1011, 14 de Dezembro de 1946, p. 281.
- KNOWLTON, JR, Edgar C. — «The Portuguese Language Press of Hawaii», *Social Process in Hawaii*, Honolulu, 1959, pp. 89-99.
- «Portuguese Language Resources for Hawaii History», *Seventh Annual Report of the Hawaiian Historical Society for the Year 1961*, Honolulu, 1962, pp. 21-37.
- LARBAC, Onilada [CABRAL, Adalino] — «O Mérc' América!!!», *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, Lisboa, 2 a 15 de Agosto de 1983.
- LEAL, Luís Augusto de Vasconcelos — *Aspectos do Português Falado na África do Sul — Diacronia e Sincronia*, dissertação de doutoramento apresentada à Potchefstroomse Universiteit vir Chistelike Onderweys, 1974.
- LEWIS, Margaret — «Anglicismos dos Imigrantes Portugueses de Artesia», trabalho escolar dactilografado apresentado em 1974 no Departamento Espanhol e Português da Universidade da Califórnia (Los Angeles).
- PAP, Leo — *Portuguese-American Speech: An Outline of Speech Conditions Among Portuguese Immigrants in New England and Elsewhere in the United States*, New York, 1949.
- «Language», in *The Portuguese-American*, Boston, 1981, pp. 203-208.
- «Portinglês. Could this be the answer for us?», *The Anglo-Portuguese News*, Monte Estoril, 22 de Maio de 1981.
- ROCHA-TRINDADE, Maria Beatriz — «Lexique des 'Neologismes' Franco-Portugais Utilisés par les Emigrés», in *Immigrés Portugais*, Lisboa, 1973, pp. 160-181.
- SIMÕES, JR., António — «'Closetas' are here to stay», *Luso-Americano*, Newark, New Jersey, 13 de Julho de 1983.

VILHENA, Maria da Conceição — «O Falar do Emigrante Português em França», *Arquipélago*, (Língua e Literatura), Vol. VIII, 1986, pp. 85-96.

BIBLIOGRAFIA GERAL

- ALMEIDA, Onésimo Teotónio — *Da Vida Quotidiana na LUSAlândia*, Providence, 1975.
- *Ab! Mònim Corisco!...*, Providence, 1978.
- *(Sapa)teia Americana*, Lisboa, 1983.
- ALPALHÃO, João António / ROSA, Víctor M. Pereira da — *Da Imigração à Aculturação — Portugal Insular e Continental no Quebeque*, Angra do Heroísmo, 1983.
- ALTHOFF, Cristina — *Os jovens de origem portuguesa em Hamburgo e a sua atitude face a Portugal e à cultura portuguesa*, Porto, 1985.
- ANDRADE, Laurinda C. — *The Open Door*, New Bedford, 1968.
- ARROTEIA, Jorge Carvalho — *A Emigração Portuguesa — Suas Origens e Distribuição*, Lisboa, 1983.
- *Atlas da Emigração Portuguesa*, Porto, 1985.
- *A Emigração Portuguesa no Grão Ducado do Luxemburgo*, Porto, 1986.
- ASSEBURG, Benno / HURTADO ARTOZÓN, Sonia — *Zentrale Problema der Migration — Entwicklung eines metodischen Zugangs in Gesprächen mit portugiesischen Familien*, Berlin, 1983.
- AVENDAÑO, Fausto (estudo e selecção de textos de) — *Literatura de Expressão Portuguesa nos Estados Unidos*, Mem Martins, 1982.

- BARATA, Óscar Soares — *Migrações e Povoamento*, Lisboa, 1965.
- BRITES, José — *Imigramar*, Newark, 1975.
- *Imigramantes*, Baden, 1984.
- BRUNEAU, Thomas C. / ROSA, Victor M. P. da / MACLEOD, Alex — *Portugal in Development — Emigration, Industrialization, the European Community*, Ottawa, 1984.
- BULGER, Laura — *Vaivém*, Lisboa, 1986.
- CARDOZO, Manoel da Silveira (compiled and edited by) — *The Portuguese in América 590 B. C. — 1974 — A Chronology and Fact Book*, Dobbs Ferry, 1976.
- CLÍMACO, Nita — *A Salto*, Paris / Lisboa, 1967.
- CORREIA, Luís de Miranda — *O Repartido*, Providence?, 1982.
- DANESI, Marcel — *Loanwords and Phonological Methodology*, Ottawa, 1985.
- D'ASSUNÇÃO, Jean-Rafael — *Fils d'Olhão*, Rabat, 1982.
- DIAS, Eduardo Mayone — *A Presença Portuguesa no Havai*, Lisboa, 1981.
- *A Literatura Emigrante Portuguesa na Califórnia*, Ponta Delgada, 1983.
- (selecção, prefácio e notas) — *Cantares de Além-Mar*, Coimbra, 1982.
- (edição organizada por) — *Portugueses na América do Norte*, Baden, 1986.
- DIAS, Manuel — *Histórias para a História*, Porto, 1987.
- FASOLD, Ralph — *The Sociolinguistics of Society*, I, New York, 1984.
- FELIX, John Henry / SENEGAL, Peter F. — *The Portuguese in Hawaii*, Honolulu, 1978.
- FONTES, Manuel da Costa (coligido e editado por) — *Romanceiro Português do Canadá*, Coimbra, 1979.
- (coligido e editado por) — *Romanceiro Português dos Estados Unidos*, Coimbra, 1980.
- GARCIA, José Martins — *Imitação da Morte*, Lisboa, 1982.
- GAMARDI, Juliette — *La Sociolinguistique*, Paris, 1981.

- GONÇALVES, José Júlio — *Portugal no Mundo*, Lisboa, 1967.
- GONÇALVES, Olga — *Este Verão o Emigrante lá-bas*, Lisboa, 1978.
- GRAVES, Alvin Ray — *Immigrants in Agriculture: The Portuguese-Californians 1850 — 1970's*, dissertação de doutoramento apresentada no Departamento de Geografia da Universidade da Califórnia, Los Angeles, 1977.
- HILL, Archibald A. (ed.) — *Linguistics Today*, New York, 1969.
- HUDSON, R. A. — *Sociolinguistics*, Cambridge, 1980.
- LACERDA, Daniel (enquêteur principal) — *Enfermement et Ouvertures — Les Associations Portugaises en France*, Paris, 1986.
- MARQUES, Domingos / MEDEIROS, João, *25 Anos no Canadá*, Toronto, 1978.
- MINGA, Teófilo Augusto Rodrigues — *La Famille dans l'Immigration — Étude de la problématique dans le domaine de l'immigration portugaise en Suisse*, Porto, 1985.
- NETO, Félix — *Jovens Portugueses em França — Aspectos da sua Adaptação Psico-Social*, Porto, 1985.
- NUNES, Fernando — *Problems and Adjustments of the Portuguese Immigrant Family in Canada*, Porto, 1986.
- OLIVER, Lawrence — *Never Backward*, San Diego, 1972.
- PAP, Leo — *The Portuguese in the United States: A Bibliography*, New York, 1976.
- PEREIRA, Gil — *Comunidade Portuguesa em França — Algumas observações com base nas respostas obtidas a um inquérito às associações portuguesas*, Porto, 1985.
- PINHO, Helder — *Portugueses na Califórnia — A história e o quotidiano de uma das mais vivas comunidades lusas no mundo*, Lisboa, 1978.
- «Portugueses em Espanha Vivem Pior», *O Emigrante*, Lisboa, 9 de Janeiro de 1987.
- RAIMUNDO, Gabriel — *Construtores de Pontes, Usinas e Maisons*, Lisboa, 1981.
- ROCHA, Nuno — *França, a Emigração Dolorosa*, Lisboa, 1965.

- ROCHA-TRINDADE, Maria Beatriz (organização de) — *Estudos sobre a Emigração Portuguesa*, Lisboa, 1981.
- ROCHA-TRINDADE, Maria Beatriz / ARROTEIA, Jorge Carvalho — *Bibliografia da Emigração Portuguesa*, Lisboa, 1984.
- ROGERS, Francis M. — *Americans of Portuguese Descent: A Lesson in Differentiation*, Beverly Hills/ / London, 1974.
- ROSA, José David — *Retrato do Artista quando Jovem Cão Emigrante*, Baden, 1983.
- ROSA, Vítor Pereira da / TRIGO, Salvato — *Portugueses e Moçambicanos no Apartheid: Da Ficção à Realidade*, Porto, 1986.
- SAN PAYO, Urbino — *Os Portugueses na Califórnia*, Porto, 1985.
- SERRÃO, Joel — *A Emigração Portuguesa — Sondagem Histórica*, Lisboa, 1972.
- SERRÃO, Joel (e outros) — *Testemunhos sobre a Emigração Portuguesa — Antologia*, Lisboa, 1976.
- SUZA, Linda de — *A Mala de Cartão* (tradução de Isabel Mota), Lisboa, 1984.
- TESSARO, Yvette / MADEIRA, Manuel / MELO, Alberto (compilação e coordenação de) — *Saudades não Pagam Dívidas — Obras de Expressão Emigrante*, Paris, 1980.
- VIEUGUET, André — *A Imigração em França* (tradução de Maria José Goulart Machado), Lisboa, 1977.
- WARRIN, Donald / DIAS, Eduardo Mayone (selecção, prefácio e notas) — *Cem Anos de Poesia Portuguesa na Califórnia*, Porto, 1986.
- WILLIAMS, Jerry — *And Yet They Come — Portuguese Immigration from the Azores to the United States*, New York, 1982.